



**Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP**

Paula de Camargo Penteado

**Desenvolvimento profissional docente de professoras de CEI em tempos de
crise: a importância da arte e dos diários de bordo**

Mestrado Profissional Em Educação: Formação De Formadores

São Paulo

2023

PAULA DE CAMARGO PENTEADO

Desenvolvimento profissional docente de professoras de CEI em tempos de crise: a importância da arte e dos diários de bordo

Mestrado em Educação: Formação de formadores

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre profissional em Educação: Formação de Formadores, sob a orientação da Prof^a Dr^a Laurizete Ferragut Passos.

São Paulo

2023

Banca Examinadora

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Penteado, Paula de Camargo
Desenvolvimento profissional docente de
professoras de CEI em tempos de crise: a importância
da arte e dos diários de bordo / Paula de Camargo
Penteado. -- São Paulo: [s.n.], 2023.
176p ; cm.

Orientador: Laurizete Ferragut Passos.
Trabalho Final (Mestrado Profissional) -- Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Programa de
Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de
Formadores, 2023.

1. Educação Infantil. 2. diários de bordo. 3.
desenvolvimento profissional docente. 4. arte. I.
Passos, Laurizete Ferragut. II. Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, Mestrado
Profissional em Educação: Formação de Formadores.
III. Título.

CDD

AGRADECIMENTOS

A todos que tornaram esse trabalho possível, especialmente à equipe do CEI Composição¹, cujo trabalho inspirador em prol das infâncias, da educação e da justiça me motiva cotidianamente. Gostaria de expressar minha gratidão à associação à qual o CEI pertence, por seu apoio desde o início e por seu importante serviço em benefício dos bebês e crianças da cidade de São Paulo.

Agradeço aos meus pais, Carmen Lúcia de Camargo Penteado e Jaques de Camargo Penteado, pelo apoio incondicional, compreensão e ajuda em diversos momentos da pesquisa. Ao Fernando de Souza Alves pela paciência e disposição em me ouvir durante os (muitos) períodos de indecisão. Aos meus colegas da turma 10 do Formep, especialmente Cynara Tavares de Souza, Elenice Rosa da Silva Costa e Marianna Parro, pela amizade, apoio mútuo e compartilhamento de conhecimentos.

Aos meus ex-professores e amigos, professora Dr^a Ana Paula Ferreira da Silva; professora Ms^a Angela Zamora Cilento de Rezende; professora Dr^a Ani Martins da Silva; professora Dr^a Célia Regina Serrão; professor Dr. José Cássio Másculo; professora Ms^a Maria Elisa Pereira Lopes e professora Dr^a Mirian Celeste Ferreira Dias Martins, sou grata por terem me ensinado a importância da sensibilidade no exercício da docência e por terem mostrado a possibilidade de unir minhas convicções políticas ao meu trabalho diário, em prol do desenvolvimento das crianças.

Expresso minha gratidão especial à minha orientadora, professora Dr^a Laurizete Ferragut Passos, por sua paciência e disponibilidade em me auxiliar em qualquer dia e horário. Também agradeço ao assistente de coordenação do Formep, Humberto Silva, por ser um ponto de apoio constante para os pós-graduandos do programa.

¹ O nome do CEI em que se realizou a pesquisa foi alterado para garantir o sigilo de seus participantes.

E sabe o que me ergue, o que me dá força, é que apesar de tudo, seguimos em busca, não estamos deixando de pensar, estudar nem um minuto, mas a preocupação existe de todos nós envolvidos na educação. Estamos nos expondo frente a qualquer coisa, pensando no que acreditamos, merecíamos muitas palmas.

(LIA, 2020)²

² Algumas das epígrafes utilizadas neste trabalho foram retiradas dos diários de bordo das professoras participantes da pesquisa e buscam revelar o quanto a prática docente é permeada de importantes reflexões, especialmente quando a instituição escolar reconhece tal potencialidade.

RESUMO

PENTEADO, Paula de Camargo. **Desenvolvimento profissional docente de professoras de CEI em tempos de crise: a importância da arte e dos diários de bordo.** 2023. 176 f. Trabalho final (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

O tempo vivido por muitos professores em 2020, com o isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, foi atípico e transformou as relações espaço-tempo vividas nas instituições escolares. Junto a muitos desafios, como o ensino remoto, os professores de Centros de Educação Infantil (CEI) parceiros da cidade de São Paulo não tinham, até então, horários de estudo e formação semanais garantidos por lei, o que fez com que 2020 se transformasse em um tempo único para a pesquisa, o estudo e o desenvolvimento profissional desses professores. Com base nisso, esta pesquisa investiga quais as significações atribuídas aos momentos formativos vividos por professoras de um CEI parceiro do município, em isolamento social. Para isso, retoma o contexto vivido em pandemia, registrado em diários de bordo. O estudo também visa identificar os sentimentos causados pelo afastamento das professoras da escola, investigando de que maneira as profissionais relatam e identificam o impacto dos momentos formativos em pandemia no seu trabalho hoje e, por fim, visa levantar pistas, a partir da experiência, para o desenvolvimento profissional docente em CEIs parceiros. A investigação, de caráter qualitativo, inspira-se nas pesquisas narrativas à luz de autores como Passeggi (2021); Prado e Serodio (2018); Souza e Meirelles (2018) e outros. A pesquisa conta com uma análise documental, chamada aqui de inventário, dos diários de bordo produzidos por três professoras da instituição em questão, bem como de um grupo reflexivo, chamado de inventário invencionário, que propiciou uma meta-reflexão sobre a vivência de 2020. O estudo prezou por uma metodologia que em diversos momentos se aproxima da arte, trazendo a sensibilidade e a subjetividade para o centro da investigação, entendendo que o homem é um sujeito integral e suas emoções devem ser levadas em consideração, especialmente em pesquisas da área de educação. Os dados produzidos foram analisados inspirando-se nos apontamentos da análise de prosa, segundo André (1986) e na cartografia, segundo Kastrup (2020) e os resultados preliminares apontam para a importância dos diários de bordo para o desenvolvimento profissional docente, conforme referenda Zabalza (2004), além de apontar para a arte como ferramenta para tal, indicando 7 pistas para um desenvolvimento profissional qualificado, a saber: princípio da reflexão sobre a prática, princípio da autoria, princípio da participação, princípio da coletividade, princípio de considerar as significações atribuídas a determinado evento, princípio de condições de trabalho e princípio de homologia de processos.

Palavras-chave: Educação Infantil; diários de bordo; desenvolvimento profissional docente; arte.

ABSTRACT

PENTEADO, Paula de Camargo. **Desenvolvimento profissional docente de professoras de CEI em tempos de crise: a importância da arte e dos diários de bordo.** 2023. 176 f. Trabalho final (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

The time experienced by many teachers in 2020, due to the social isolation caused by the Covid-19 pandemic, was atypical and transformed the space-time relations within educational institutions. Along with many challenges, such as remote teaching, teachers from Early Childhood Education Centers (CEI) in the city of São Paulo did not have guaranteed weekly study and training hours mandated by law until then. This made 2020 a unique time for research, study, and professional development for these teachers. Based on this, this research investigates the meanings attributed to the formative moments experienced by teachers from a partnering CEI in São Paulo during social isolation. To achieve this, it revisits the pandemic context documented in diaries. The study also aims to identify the feelings caused by teachers' separation from the school, examining how professionals report and identify the impact of formative moments during the pandemic on their work today. Lastly, it aims to gather clues, based on experience, for the professional development of teachers in partnering CEIs. The qualitative research draws inspiration from narrative research, guided by authors such as Passeggi (2021), Prado and Serodio (2018), Souza and Meirelles (2018), and others. The research involves a documentary analysis, referred to here as an inventory, of the diaries written by three teachers from the institution in question. Additionally, a reflective group, referred to as an inventorial inventory, allowed for a meta-reflection on the experiences of 2020. The study embraced a methodology that, at various points, aligns with art, bringing sensitivity and subjectivity to the forefront of the investigation. It recognizes that humans are holistic beings and their emotions must be considered, especially in educational research. The data produced was analyzed using *prosa* analysis, as outlined by André (1986), and cartography, as outlined by Kastrup (2020). Preliminary results indicate the importance of diaries for professional development in teaching, as endorsed by Zabalza (2004), while also highlighting art as a tool for such development, suggesting 7 clues for qualified professional development: principle of reflection on practice, principle of authorship, principle of participation, principle of collectivity, principle of considering the meanings attributed to a given event, principle of working conditions and principle of homology of processes.

Keywords: Early Childhood Education; diaries; professional development of teachers; art.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - Mapa Mental elaborado pela equipe ao final dos momentos formativos em 2020.....	26
IMAGEM 2: Reflexividade a partir do diário de bordo.....	54
IMAGEM 3: Mapa das subprefeituras da cidade de São Paulo.....	56
IMAGEM 4: Visão de satélite do CEI Composição.....	57
IMAGEM 5: visão do CEI Composição pelo Google Street View.....	58
IMAGEM 6: Foto da caixa enviada para a professora Iza.....	76
IMAGEM 7: <i>QR Code</i> para acessar o versinho de bem-querer.....	77
IMAGEM 8: Lembranças do isolamento social de 2020, Tulipa.....	79
IMAGEM 9: Lembranças do isolamento social de 2020, Lia.....	80
IMAGEM 10: Lembranças do isolamento social de 2020, Iza.....	81
IMAGEM 11: Lembranças do isolamento social de 2020, Paula.....	82
IMAGEM 12: Reflexão sobre a prática. Lia, 2022.....	84
IMAGEM 13: Reflexão sobre a prática. Tulipa, 2022.....	85
IMAGEM 14: Reflexão sobre a prática. Iza, 2022.....	85
IMAGEM 15: Os encontros formativos. Lia, 2022.....	86
IMAGEM 16: Os encontros formativos. Tulipa, 2022.....	87
IMAGEM 17: Os encontros formativos. Paula, 2022.....	88
IMAGEM 18: Os encontros formativos. Iza, 2022.....	88
IMAGEM 19: Incertezas do período. Lia, 2022.....	89

IMAGEM 20: Incertezas do período. Tulipa, 2022.....	90
IMAGEM 21: Incertezas do período. Iza, 2022.....	90
IMAGEM 22: Perdas, ser professor e estudos. Tulipa, 2022.....	91
IMAGEM 23: Perdas, ser professor e estudos. Iza, 2022.....	91
IMAGEM 24: Tempo. Lia, 2022.....	92
IMAGEM 25: Tempo. Tulipa, 2022.....	92
IMAGEM 26: Tempo. Iza, 2022.....	93
IMAGEM 27: Arte e criatividade. Lia, 2022.....	93
IMAGEM 28: Arte e criatividade. Tulipa, 2022.....	94
IMAGEM 29: Arte e criatividade. Paula, 2022.....	94
IMAGEM 30: Arte e criatividade. Iza, 2022.....	95
IMAGEM 31: Síntese. Tulipa, 2022.....	96
IMAGEM 32: Síntese. Lia, 2022.....	96
IMAGEM 33: Síntese. Iza, 2022.....	97
IMAGEM 34: Síntese. Paula, 2022.....	97
IMAGEM 35: Fotografia do processo de análise no chão do quarto da pesquisadora.....	100
IMAGEM 36: Cartografia da pesquisa.....	102
IMAGEM 37: Mapa dos princípios para desenvolvimento profissional de professores da primeiríssima infância.....	120
IMAGEM 38: Homologia de processos como o princípio ético que sustenta os demais princípios de desenvolvimento profissional.....	122

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Pesquisas correlatas.....	32
QUADRO 2: Diferença da jornada de trabalho do professor de CEI Direto e Parceiro/Indireto.....	41
QUADRO 3: Tópicos do inventário e do inventário invencionário.....	104
QUADRO 4: Categorias, tópicos e temas da pesquisa.....	105

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	Caminhos, afetos e lembranças: infância e juventude.....	16
1.2	A trajetória enquanto coordenadora pedagógica.....	20
1.3	E no meio desse caminho: pandemia - ou o problema de pesquisa.....	22
1.4	O encontro com o Mestrado Profissional.....	27
1.5	Justificativa.....	29
1.5.1	Objetivo geral.....	30
1.5.2.	Objetivos específicos.....	30
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
2.1	Pesquisas correlatas.....	30
2.2	Legislação, marcos legais, desigualdades, direitos e conquistas: momentos formativos em CEIs parceiros e indiretos na cidade de São Paulo.....	39
2.3	Desenvolvimento profissional e o papel da reflexão em grupo na formação.....	42
2.3.1	O CEI Composição e a formação de professores em 2019.....	45
2.3.2	A pandemia da Covid-19 e os momentos formativos de professores de EI de unidades parceiras/indiretas: uma reviravolta...	46
2.3.2.1	<i>A questão do tempo: Chronos, Kairós e Aión.....</i>	47
2.3.2.2	<i>Relações interpessoais no ensino remoto: a normalidade posta em cheque.....</i>	49
2.3.3	O diário de bordo e o desenvolvimento profissional docente.....	50

2.3.4	Reflexividade, criatividade e o desenvolvimento profissional docente	53
3.	METODOLOGIA	55
3.1	Contexto da pesquisa	55
3.2.	Participantes da pesquisa	58
3.3.	Por uma metodologia do sensível: a arte como catalisadora de emoções	60
3.3.1.	Encontrando as notas ou procedimentos de produção de dados	63
3.3.1.1.	<i>Primeiro Movimento: inventário dos diários de bordo do primeiro grupo - Iza, Lia e Tulipa</i>	64
3.3.1.1.1.	<u>Iza: desenvolvimento profissional em início de carreira</u>	65
3.3.1.1.2.	<u>Tulipa: desenvolvimento profissional e memórias de vida, um exemplo de reflexividade</u>	69
3.3.1.1.3.	<u>Lia: desenvolvimento profissional de uma professora experiente</u>	72
3.3.1.2	<i>Segundo movimento: inventário invencionário</i>	74
3.4	Procedimentos de análise de dados ou a construção musical das narrativas	98
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	103
4.1	Desenvolvimento profissional	106
4.2	Condições de trabalho	112
4.3	Significações	115
5	PISTAS SOBRE A FORMAÇÃO EM CEIs PARCEIROS	118
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	123

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
ANEXO A - Inventário do diário de bordo da professora Iza.....	135
ANEXO B - Inventário do diário de bordo da professora Tulipa...	151
ANEXO C - Inventário do diário de bordo da professora Lia.....	163
ANEXO D - Roteiro Inventário invencionário (grupo reflexivo)....	172

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEI	Centro de Educação Infantil
Covid-19	doença do coronavírus
Diped	Divisão Pedagógica
Formep	Mestrado Profissional: Formação de Formadores
Fies	Fundo de Financiamento Estudantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
OSC	Organizações da Sociedade Civil
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPP	Projeto Político Pedagógico
SME	Secretaria Municipal de Educação

1 INTRODUÇÃO

1.1 Caminhos, afetos e lembranças: infância e juventude

Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!

(ROSA, 2006, p. 15)

Desde o nascimento passamos por processos de autoconhecimento e construção de identidade. A história de cada um de nós é particular e é no processo de narrativa e sua historicização que ela pode ajudar na compreensão da forma de se estar e intervir no mundo. Ao entrar no Mestrado Profissional: Formação de Formadores (Formep), deparei-me com a tarefa de rememorar os caminhos que me levaram até aqui, pessoal e profissionalmente, afinal:

identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições. (DUBAR, 2005, p. 136)

Dentre muitas nuances e memórias, as marcas do tempo vivido na infância, em um colégio de elite da cidade de São Paulo, me fizeram ter receio de avaliações, me cobrando pelo meu desempenho e temer perder minha identidade para me tornar apenas a irmã de alguém, já que era desta forma que grande parte dos professores se referiam a mim. Apesar dessas memórias cravadas em meu peito, que ainda me despertam angústia, sensações de incompetência e incompletude, nutro um carinho muito grande por instituições escolares, decidindo, no terceiro ano do colegial, que seguiria para a área da educação. Cursei por um tempo Letras, na Universidade de São Paulo (USP), onde me envolvi com o Movimento Estudantil de forma intensa. Nesse período, dentre outras coisas, compus gestões do Centro Acadêmico, ajudei a construir um coletivo feminista e participei da gestão do Diretório Central dos Estudantes.

Participando do Movimento Estudantil, notei a necessidade de expandir minha atuação, motivo pelo qual, no segundo ano da faculdade, comecei a dar aulas de redação e gramática em um cursinho popular localizado em Pirituba, na Zona Norte

da cidade de São Paulo. Demos o nome desse cursinho de Milton Santos³ e, depois de um ano, passei a coordená-lo em conjunto com um colega, professor de História. Organizamos movimentos importantes com os estudantes como, por exemplo, uma visita à Universidade de São Paulo. Participavam do cursinho tanto pessoas que prestariam vestibular, como outras que desejavam voltar a estudar.

Os momentos experimentados fora das paredes da Universidade foram essenciais para construir a minha compreensão de que a educação está muito além de uma sala de aula. Comecei a sentir, porém, que a minha participação no Movimento Estudantil não seria o suficiente para o nível de intervenção na realidade que desejava e ansiava, por isso me filiei e participei ativamente de um partido político.

Busquei, portanto, uma oportunidade de ampliar o alcance de ideias que fugiam ao senso comum e, por meio de muitas reuniões, manifestações e assembleias, acabei por ser uma das responsáveis pelo partido no curso. Nesses anos, lendo e me formando trotskista-leninista, aprendi que sem “teoria revolucionária não pode haver também movimento revolucionário” (LENIN, 1977, p. 18), primeiro contato com a definição de práxis, que carrego até hoje.

Durante esse período, também trabalhei em bibliotecas, escolas particulares e museus, mas foi no trabalho em uma unidade do Kumon⁴ que me encantei com as possibilidades de trabalho com crianças pequenas, chamadas lá de “pré-escolares”. Esse nome, embora já em desuso na época, ainda é utilizado pela instituição para denominar crianças com menos de 6 anos, ou seja, aquelas matriculadas na Educação Infantil. Considero um marco na minha vida acadêmica e profissional, pois passei do trabalho com adultos para o atendimento de crianças e adolescentes.

Impactada pelo trabalho com crianças pequenas e um pouco frustrada com o curso de Letras, decidi mudar de curso e seguir para Pedagogia. Percebo, hoje, o quanto essa decisão foi acertada, pois no curso de Pedagogia consegui unir muitos dos meus ideais políticos e educacionais à minha prática cotidiana e profissional. Durante o curso, que frequentei na Universidade Presbiteriana Mackenzie, embora não mais organizada em partido político por divergências, tive a experiência de

³ Geógrafo, escritor, pesquisador e professor universitário, Milton Santos foi um importante intelectual brasileiro perseguido pela ditadura militar. Faleceu em 2001.

⁴ Método Kumon é uma metodologia criada por Toru Kumon após a segunda guerra mundial, que visa desenvolver autonomia nos estudos.

conhecer e trabalhar em três escolas particulares com propostas muito diferentes, embora humanistas, – montessoriana, jesuíta e construtivista – oportunidade que consolidou a concepção de educação que acreditava: uma educação realmente transformadora, para além das palavras, uma educação que considera a diversidade de sujeitos no processo educativo, tendo o educando como centro, uma educação que permite ao educando vivenciar uma aprendizagem ativa e centrada em seus próprios processos cognitivos e afetivos.

Após trabalhar em escolas de elite, com educação infantil e fundamental, percebi que a base do meu trabalho estaria, de fato, no compromisso irrevogável com a escola pública. Esse processo se deu de forma dialogada com outros momentos vividos no curso de Pedagogia, como a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a realização de Iniciação Científica na área de Filosofia da Educação, de voluntariado em um projeto de alfabetização científica chamado CienciAção,⁵ localizado na Zona Leste da cidade, da participação em estudos do meio e com as disciplinas focadas em projetos interdisciplinares.

No CienciAção, vivi experiências diversas com crianças de 6 a 13 anos. Visitamos museus e fizemos estudos do meio, como em um córrego poluído nas proximidades do projeto, local este, onde as crianças brincavam muito. Ao estudar sobre ele, descobrimos que fazia parte da bacia do rio Tietê, motivo pelo qual ampliamos o estudo do meio para Salesópolis, município onde se localiza as nascentes do rio. Esse período foi muito enriquecedor, pois, dessa forma, vivenciamos, tanto os alunos como eu, processos de aprendizagem vivos e complexos, proporcionados muito além das salas de aula.

Durante a minha participação no PIBID tive a oportunidade de trabalhar com projetos a partir dos interesses de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da região central da cidade de São Paulo. Nesse processo, criamos jogos com os alunos e uma revista, que foi lançada e autografada por cada um deles.

⁵ Projeto que atendeu crianças de 6 a 13 anos entre 2015 e 2016. Aos sábados, na associação do bairro, nos reuníamos com o grupo para desenvolver atividades e experiências com o entorno, visando a compreensão básica de alguns procedimentos científicos. Parte do resultado vivenciado no projeto está relatado em Andolfo (2017).

Minha Iniciação Científica, por sua vez, teve como tema uma investigação comparativa entre o método Kumon e a Escola da Ponte, no que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia (PENTEADO; REZENDE, 2016). Durante essa pesquisa, consolidei a compreensão do quanto processos autoritários e crises profundas procuram retirar da sociedade posicionamentos críticos essenciais para uma educação libertadora.

Também participei de um grupo de pesquisa, orientado pela professora Dra. Mirian Celeste Martins,⁶ que se concretizou na construção de um Laboratório de Musicalização⁷ para estudantes da graduação. Nele, realizávamos oficinas de notação gráfica, ritmo e compreensão sobre alguns conceitos da linguagem musical.

Tão importante quanto, foram as disciplinas então intituladas “Projetos Interdisciplinares”. Elas tinham como proposta a elaboração de projetos que integrassem as diversas disciplinas ministradas no semestre e foram, para mim, um processo fundamental de aprendizagem, pois permitiram vivenciá-la como uma rede complexa e não linear. Diversas vezes, durante minha estada na Universidade, retomava os projetos elaborados e consolidava aprendizagens diferentes a cada revisão.

No meu último ano na faculdade, foram realizadas uma série de demissões de professores que eu e um grupo de alunos consideramos injustas, inclusive da minha orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Juntou-se a isso a contratação de uma professora que teve falas que julguei complicadas referentes à educação de crianças pequenas. Frente a esse fato e resgatando minha formação política, organizei, junto com colegas, um abaixo-assinado que apenas levou a coordenação do curso a tirar tal professora da nossa turma, mas mantê-la nos demais semestres. Devido a isso, reuni-me com alguns alunos para formar um Grupo de Estudos sobre Educação Infantil, intitulado “A Infância pede Passagem”⁸, a fim de não permitir que tal ideologia se difundisse no curso. Funcionamos durante um ano e meio, sob a supervisão do Professor Dr. João Clemente de Souza Neto.⁹

⁶ Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo.

⁷ Encontros semanais em que estudantes de pedagogia eram estimulados a desenvolverem noções de musicalização. Mais detalhes podem ser obtidos no relatório de pesquisa disponível em CELESTE; OLIVEIRA; BONCI, 2017

⁸ O nome do grupo faz referência a apresentação de Miguel Arroyo (1999) no livro “Infância no sótão”.

⁹ Pós-doutor em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Mais uma vez, minha experiência na Universidade comprovou que a educação, vivida além da sala de aula, é, em essência, política. Foi com essas experiências fora da sala de aula e com a experiência que tive em uma escola particular de visão construtivista que escolhi como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso: “A formação inicial de pedagogos no Brasil e o trabalho com projetos na Educação Básica”.¹⁰

1.2 A trajetória enquanto coordenadora pedagógica

Ao me formar, busquei oportunidades de trabalho que estivessem alinhadas com meu ideal de educação pública de qualidade e encontrei a possibilidade em um Centro de Educação Infantil (CEI) parceiro com a prefeitura de São Paulo. Lá fiquei um mês como professora e logo fui convidada a assumir a coordenação, o que encarei com receio, mas como uma oportunidade para o meu desenvolvimento profissional. No trabalho inicial com as professoras, aprendi que a conquista da confiança é fundamental para o desenvolvimento de equipes, afinal, eu seria a terceira coordenadora a assumir o cargo naquele ano.

É importante ressaltar que as unidades parceiras da prefeitura não possuíam, até então, horários de formação garantidos periodicamente. Em tese, a formação dos profissionais era realizada somente um dia, a cada dois ou três meses, quando o atendimento às crianças não se realizava. Logicamente, isso não basta para o desenvolvimento global da equipe, então eu, enquanto coordenadora, organizava o que chamava de “pílulas de reunião”, quando uma vez na semana me reunia por meia hora com as professoras de cada agrupamento¹¹ durante o horário do sono das crianças, na própria sala de aula. Essa situação, longe de ser ideal, pois nossa atenção se dividia entre a discussão e o repouso das crianças, permitiu que as relações entre mim e as professoras se fortalecessem e a confiança se aprofundasse.

¹⁰ Trabalho produzido em conjunto com as colegas Ariele Andolfo e Elaine Tavares, orientado pela Professora Doutora Ani Martins da Silva e, posteriormente, pela Professora Mestre Maria Elisa Pereira Lopes.

¹¹ Nos CEIs, por conta do número de bebês e crianças por adultos, existem as turmas e os agrupamentos. Isto é, podem existir três turmas em uma mesma sala, o que resulta em um agrupamento de três turmas em uma única sala, tendo três professoras responsáveis.

Em 2019 tive a primeira oportunidade de ficar um ano inteiro com a equipe e vivemos muitas descobertas em conjunto com os bebês e as crianças, período em que pude perceber que temas propostos por mim, quando não estivessem aliados à prática, tinham menos envolvimento das professoras, o que me fez estudar sobre homologia de processos e tematização de prática, estratégias que colocam o educador e o educando como centro do processo educativo, de forma ativa e problematizadora. Tais processos foram amplamente explorados em meu curso de Pedagogia, por meio de aulas pouco expositivas e bastante provocadoras.

Na unidade, trabalhamos com projetos, ou seja, sondamos os grupos com diversas propostas e, ao descobrirmos os reais interesses da turma, perseguimos algumas questões. Em 2018 eu havia percebido que os projetos dos grupos estavam ligados às necessidades da faixa etária, como, por exemplo, exploração sensorial para bebês, mas não necessariamente aos interesses demonstrados por gestos e falas. Diante desta percepção, em 2019, realizamos um trabalho de perceber que as necessidades de aprendizagem da faixa etária devem permear as propostas dos projetos, mas não necessariamente serão o tema de investigação do grupo. Nesse sentido, aos poucos fomos entendendo que os interesses das crianças disparam experiências e propostas que abarcam as necessidades da faixa etária. Quero dizer, com isso, que os projetos deixaram de ser “Movimento” e “Exploração Sensorial” e passaram a temas mais complexos, nos quais o movimento e a exploração sensorial eram abordados de forma transversal.

Foi a partir desse debate, majoritariamente feito nas chamadas “pílulas de reunião” que tivemos projetos em que as crianças se questionaram sobre diversos fenômenos do mundo físico, o que é possível aprender com a natureza, o que é a arte, o que é a poesia e especificamente sobre Arte Contemporânea. Infelizmente, porém, nem todas as turmas conseguiram engatar em um projeto.

Apesar disso, seguimos o trabalho com diversas outras conquistas, como bebês completando dois anos se dizendo artistas¹² e crianças de quatro anos realizando profundas conclusões sobre poesia.¹³ Esses dois projetos, especificamente, muito me marcaram. Tanto que organizamos dois livros de

¹² Projeto Os bebês fazem arte: a arte no mundo sensorial, desenvolvido com uma turma de Berçário II, bebês de 1 a 2 anos.

¹³ Projeto Viva a Poesia Viva!, desenvolvido com uma turma do Mini Grupo II, crianças de 3 a 4 anos.

documentação pedagógica¹⁴ relatando parte do processo vivido por eles. Em 2019 fomos percebendo, conjuntamente, que a aprendizagem dos bebês e crianças refletia na aprendizagem dos adultos que os acompanhavam. Essa aprendizagem ficou evidente nos diários de bordo e nas considerações finais dos projetos. Em um deles, lê-se que:

a pesquisa realizada juntamente com a turma foi bastante esclarecedora, pois por meio da visão artística das crianças, nós conseguimos quebrar certos paradigmas existentes sobre o significado de arte. [...]

Os bebês nos ajudaram a ressignificar essa visão da sociedade, que encara a arte como moeda de troca. Graças a esse projeto e ao trabalho realizado com os bebês, resgatamos a essência do que é arte, e com essa conclusão pretendemos disseminar a visão dos bebês quanto a arte como experiência singular, emocionalmente marcante e reflexiva, isto é, uma forma de pensar o mundo.

Entendemos, ainda, que o direito à manifestação artística é, a exemplo do que coloca Antônio Candido (2011), um direito humano fundamental. Nesse sentido, tal qual o direito à moradia e à saúde, o direito à arte é essencial para o homem. Procuramos, no decorrer do ano, possibilitar aos bebês o contato com diferentes manifestações artísticas e culturais, como artes plásticas, danças e músicas diversas. Os bebês, por sua vez, conseguiram nos mostrar, por meio do seu cotidiano, a real essência da arte, feito esse que muitos adultos levaram décadas para desenvolver alguma concepção.

1.3 E no meio desse caminho: pandemia - ou o problema de pesquisa

Em 2020, com o fechamento das escolas por causa da pandemia da Covid-19 (SARS-COV-2), o trabalho com a homologia de processos e tematização de prática foi dificultado e a avaliação sobre as formações também, restando o diário de bordo para esta análise, uma vez que não havia mais a ação diária para observar os resultados. Tais diários relatavam não mais a prática docente com os bebês e crianças, mas a prática em ensino remoto, reflexões e leituras realizadas diariamente a partir das sugestões enviadas pela coordenação.

Apesar das dificuldades do trabalho remoto com a primeiríssima infância, tivemos muito mais tempo para nos reunirmos e discutirmos temas pertinentes à prática educativa, pois, como evidenciado anteriormente, não tínhamos horários para reuniões quando do atendimento presencial e, remotamente, passamos a nos reunir com mais frequência.

Se por um lado, em 2019, tivemos formações rápidas e sem tempo para nos aprofundarmos nos assuntos, em 2020 tivemos reuniões suficientemente longas

¹⁴ Livros disponíveis em: <<https://paulapents.wixsite.com/paulapenteado/projetos-educacionais>>.

para que bons debates se desenvolvessem sobre diversos assuntos, como memória, brincadeiras, como as crianças aprendem, múltiplas inteligências, diversidade cultural e muitos outros. Os conteúdos discutidos foram tão intensos que resultaram em dois artigos publicados em coletâneas pela Editora Atena¹⁵.

Compreendemos, portanto, o período vivido em 2020 como uma oportunidade para olharmos com mais cautela para o nosso fazer cotidiano, concretizando os diários de bordo como ferramentas para a compreensão da prática e do processo de historicização do grupo.

o diário pode ser um bom apoio à memória, no qual a(o) professora(or) pode buscar formas de compreensão para as experiências vividas. O processo de agir, refletir sobre a ação e replanejar novas estratégias pode ser facilitado à medida que se analisam os acontecimentos, e esse conhecimento é utilizado em outras situações vivenciadas. (SÃO PAULO, 2020a, p. 43)

Juntou-se a isso o momento de mudança e incertezas enfrentado por conta da pandemia do novo coronavírus, a incógnita de como trabalhar com o ensino remoto na Educação Infantil e a necessidade de fortalecer a equipe pedagógica. Viu-se, portanto, a oportunidade de tratar as formas de registro para a construção da história e de nossa cultura, visando um empoderamento da equipe pedagógica enquanto grupo. Com isso, debatemos a essencialidade dos diários de bordo especialmente em momentos de turbulência, que assumem papel de documento histórico e formativo ainda mais importante, afinal, nele estarão as reflexões a respeito das mudanças vivenciadas pela escola e pelos sujeitos dela, os educadores.

A partir dessa discussão, criamos o projeto “Memórias (de) educadoras”. Nele, discutimos a importância dos diários de bordo e visitamos o Museu da Pessoa¹⁶, adentrando em seguida em discussões sobre música, literatura e arte. Para essa discussão, realizei uma sondagem para saber quais eram os principais artistas e autores lidos, ouvidos e assistidos pelas professoras. Os resultados evidenciaram uma predominância do gênero masculino, ocidentais e brancos nos artistas musicais, sendo semelhante para os autores, mas com um pouco mais de mulheres, embora também brancas. A partir dessa evidência, propus que as

¹⁵ Disponível em: PENTEADO, 2021a; PENTEADO, 2021b

¹⁶ O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo de histórias de vida aberto à participação de toda pessoa. Mais informações disponíveis em: <<https://museudapessoa.org/>>.

professoras buscassem outros artistas (indígenas, negros ou orientais) que produzissem o mesmo estilo musical e/ou de livros.

Foi a partir desse movimento que debatemos o quanto muitas vezes, sem perceber, só oferecemos às crianças referências brancas e masculinas e, com isso, nos propusemos a conhecer artistas e filósofos como Gean Ramos,¹⁷ Ailton Krenak,¹⁸ Brisa Flow,¹⁹ Florence Price,²⁰ Lia de Itamaracá,²¹ Carolina de Jesus²² dentre outros. Debates a importância de conhecer e apresentar diferentes referências aos bebês e crianças. A partir dessa discussão, entramos, por fim, na discussão sobre as culturas da infância.

Esse momento de formação com a equipe do CEI, sistematizado em um Mapa Mental ao final do ano,²³ evidenciou o quão potente seria ter esse espaço de discussão durante o atendimento presencial aos bebês e crianças. Pude ainda perceber, mais uma vez, que os momentos formativos com a equipe influenciam diretamente em minha própria constituição, pois as formações que preparava surtiram efeito em minha prática, evidenciado na concretização dos artigos e em convites por parte da Divisão Pedagógica (DIPED) da Diretoria de Ensino em que atuo, para expor meu trabalho para outras coordenadoras pedagógicas. Dessa forma, evidenciou-se que, assim como a aprendizagem dos bebês refletia na aprendizagem das professoras, a aprendizagem das professoras refletia na compreensão do meu próprio fazer.

Ainda em 2020, apresentei minha monografia para a conclusão do curso de Gestão Escolar, “O papel do Professor Coordenador Pedagógico no aprofundamento do olhar docente”, que se dedicou a analisar como a leitura e a devolutiva nos diários de bordo podem auxiliar o professor a desvelar camadas de seu trabalho cotidiano. Notei o quanto as discussões levantadas, pelo grupo de professoras, auxiliavam em meu desenvolvimento profissional, sendo uma relação dialética: se, por um lado, minhas devolutivas auxiliavam as professoras a compreenderem os

¹⁷ Cantor, compositor e violonista do povo Pankararu.

¹⁸ Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, filósofo, escritor e poeta da etnia Krenak.

¹⁹ Cantora e rapper filha de imigrantes chilenos.

²⁰ Compositora clássica, professora de música e pianista americana, conhecida por ser a primeira mulher afro-americana a ser reconhecida como compositora.

²¹ Dançarina, compositora e cantora de ciranda brasileira.

²² Escritora, compositora e poetisa brasileira.

²³ Disponível em: <<https://padlet.com/paulapents/ya4f3q5n3721upwo>>.

rumos das investigações dos grupos, por outro, as escritas das professoras me ajudavam a entender os desafios que elas enfrentavam e as possibilidades do trabalho formativo.

Ao final de 2020, quando do momento de avaliação do período, percebemos que as formações foram muito boas e intensas e que em 2021 precisaríamos ampliar esses momentos de discussão, o que seria possibilitado pela Instrução Normativa nº 41 de 23 de outubro de 2020 (SÃO PAULO, 2020b), que instituiu duas horas de formação semanais obrigatórias para as unidades parceiras. Essa conquista, de um período de formação e estudo garantido pela Secretaria Municipal de Educação (SME), parecia que facilitaria a organização das formações, embora outros desafios surgiriam, como a falta de um espaço adequado para tais encontros na escola, pois o prédio da prefeitura no qual nos encontrávamos não contava com sala de professores e, também, o fato de o horário ser realizado durante o atendimento aos bebês e crianças.

No período de atendimento presencial, percebi indícios de que as reuniões semanais com as professoras, ao invés de se tornarem um processo importante, como em 2020, caminhavam para se tornarem mais uma demanda, unindo-se às tarefas existentes do ensino presencial e remoto, se tornando cansativas e pouco produtivas, embora partissem das necessidades e interesses delas. Nesse sentido, me preocupei em como tornar esses encontros, tão desejados anteriormente, momentos repletos de possibilidades, mas ao mesmo tempo leves, que reverberassem na prática docente e partissem da vivência do trabalho coletivo da escola.

Preocupe-me em entender também o que mudou, de 2020 para 2021 e cheguei a ouvir sobre sobrecarga de trabalho, pois juntou-se às demandas do ensino presencial, a continuidade do ensino remoto, o cumprimento de protocolos e o medo proveniente da pandemia ainda em curso. Tudo isso me fez refletir sobre as necessidades enfrentadas pelo coletivo e como intervir, sem deixar de assumir meu papel de coordenadora pedagógica, preocupada com as aprendizagens, saúde e bem-estar de bebês e crianças bem pequenas, que, assim como os adultos, ainda colhem desafios desse período de isolamento social. Nesse sentido, uma pergunta me inquietava: quais significações foram atribuídas aos momentos formativos vividos em isolamento social por essas professoras?

1.4 O encontro com o Mestrado Profissional

Estar no chão de uma escola que transborda potência e energia me fez querer eternizar isso de alguma forma - e é daí que surge a busca por um mestrado que abrace a escola pública em todas as suas nuances (inclusive horários). Ao entrar no mestrado profissional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) fui recebida, ainda pelas telas, por todo o corpo docente. O primeiro ano de nossa turma, turma 10 do Formep, foi todo realizado de forma remota.

Não me esqueço, porém, da forma carinhosa que fomos recebidos pela Prof^a Dr^a Vera Maria Nigro de Souza Placco e seus monitores na disciplina de Ação formadora: princípios e práticas profissionais do formador. O ano era 2021 e todos faziam de tudo para que nós nos sentíssemos pertencentes à universidade, mesmo nunca tendo pisado os pés nela. Com essa disciplina, fui ampliando a visão sobre a minha própria constituição profissional, bem como sobre estratégias formativas.

Ainda no primeiro semestre, com a Prof^a Dr^a Clarilza Prado de Souza, tivemos a disciplina de Avaliação educacional: políticas, fundamentos e práticas, fundamental para a compreensão de que toda tomada de decisão deve partir de uma avaliação - e que, portanto, não existe avaliação sem tomada de decisão. A professora Clarilza também nos lembrava sobre a importância de analisar os contextos.

No segundo semestre, a turma se dividiu conforme as linhas de pesquisas, embora ainda de forma remota. Cursei três disciplinas: uma obrigatória geral, com a professora Dr^a Laurizete Ferragut Passos, que viria a ser minha orientadora, uma obrigatória da linha de pesquisa, com a Prof^a Dr^a Laurinda Ramalho Almeida, e uma optativa, com a Prof^a Dr^a Emilia Cipriano Sanches. Foram elas, respectivamente: Pesquisa e prática reflexiva; Ação pedagógica do formador: saberes e práticas e Políticas públicas da infância e a formação de formadores.

É importante ressaltar que durante todo o primeiro ano do curso do Formep temos tutoria com doutorandos e pós-doutorandos, que nos orientam no processo de escrita dos memoriais e dos projetos de pesquisa. Considero as tutorias como um processo inovador e importante de trabalho colaborativo na pesquisa. Esse trabalho é realizado de forma compartilhada com a disciplina de Pesquisa e prática reflexiva e, ao final do ano, os orientadores são designados.

No ano seguinte, portanto, 2022, agora já de forma presencial, frequentei duas disciplinas em cada semestre. No primeiro, cursei Grupos colaborativos, comunidades de aprendizagem docente e comunidades de prática no interior da

escola, com a Prof^a Dr^a Laurizete Ferragut Passos e Desenvolvimento de habilidades de relacionamento interpessoal no contexto escolar, com a Prof^a Dr^a Laurinda Ramalho Almeida. No segundo semestre, por sua vez, cursei Escrita acadêmica: projeto de dizer com adequação linguística e rigor metodológico, com a Prof^a Dr^a Lilian Maria Ghiuro Passarelli e uma disciplina do programa de Psicologia da Educação (PED), ministrado pela Prof^a Dr^a Laurizete Ferragut Passos, Projeto: Estudos (auto)biográficos e pesquisa narrativa II: perspectiva teórico-metodológicas para o estudo do trabalho e da formação.

Nessa disciplina do PED, que segui realizando em 2023, buscamos professores destacados do programa para entrevistar e escrever suas histórias e isso me inspirou muito na escrita desta pesquisa, pois percebo o quanto há tantos professores que se esforçam cotidianamente em seus trabalhos e não recebem reconhecimento. Sou grata pela oportunidade que o Formep deu, tanto a mim, quanto às professoras, aos bebês e crianças do CEI Composição, que terão parte de suas vidas registradas.

1.5 Justificativa

Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo! - só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa, mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que primeiro se pensou.

(ROSA, 2006, p. 35)

Riobaldo, personagem do romance Grande Sertão: Veredas, percebe como costuma focar no início e no final das jornadas - e reflete o quanto se perde quando não se observa a travessia, o processo. É neste sentido que se dá a presente pesquisa, que pretende ser um caminho, uma vereda, para compreender o que significaram os momentos formativos vivenciados durante o isolamento social para professoras que, antes disso, não tinham momentos de estudo qualificados e que, depois, tiveram que passar por reinvenções de espaço-tempo para dar conta de diversas questões imbricadas ao retorno presencial ainda em pandemia na primeiríssima infância.

A escrita deste trabalho foi planejada e replanejada diversas vezes e todos esses movimentos foram essenciais para compor a travessia - o fato de chegarmos

em um lugar diferente do que se imaginou é a essência da pesquisa. Tivéssemos a certeza das conclusões que chegaríamos, não haveria o porquê de acontecer a investigação, mas como, ao invés, temos dúvidas, atravessamos.

1.5.1 Objetivo geral

Compreender como professoras de EI significaram os momentos formativos durante o isolamento social causado pela Covid-19.

1.5.2 Objetivos específicos

- Identificar os sentimentos causados pelo afastamento das professoras da escola
- Investigar de que maneira os profissionais relatam/identificam o impacto dos momentos formativos em pandemia no seu trabalho hoje;
- Identificar como o processo formativo mediado pela arte reverbera no desenvolvimento profissional docente;
- Levantar pistas, a partir de uma experiência, para o desenvolvimento profissional docente em CEIs parceiros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Pesquisas correlatas

“[...] a colheita é comum, mas o capinar é sozinho...”

(ROSA, 2006, p. 58)

Diferente do que diz Guimarães Rosa, na pesquisa, tanto a colheita, quanto o capinar é coletivo, é um trabalho tal qual o que pretendemos desenvolver na escola, visto que acreditamos na potência do que é feito em conjunto, acreditando que é na socialização de conhecimentos que se concretizam saberes importantes e fundamentais para a vida em sociedade.

Dito isso, o momento das pesquisas correlatas, isto é, a busca por estudos recentes que dialogassem com o presente trabalho, foi fundamental para a investigação, pois foi neste movimento que pudemos constatar a pertinência do

tema, ainda mais em um período histórico marcado por individualismos, conforme abordado por Bauman (2001, p. 35-37).

A segunda mudança é a desregulação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes. O que costumava ser considerado uma tarefa para a razão humana, vista como dotação e propriedade coletiva da espécie humana, foi fragmentado (“individualizado”), atribuído às vísceras e energia individuais e deixado à administração dos indivíduos e seus recursos. [...] A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de “individualização”, assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada “sociedade”.

As pesquisas correlatas iniciaram com a seleção de algumas palavras-chave que colaborariam com a compreensão do tema. A partir dessa seleção, foram realizadas diversas pesquisas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).²⁴ Ao buscar “pandemia” e “formação de professores” encontrou-se 63 resultados, evidenciando o quanto a pesquisa sobre o assunto estava ainda incipiente.

Dessa forma, o levantamento seguiu utilizando-se dos termos “sentimento”, “formação”, “diário de bordo”, “formação de professores”, “educação infantil”, “reunião pedagógica”, “registros”, “creche”, “horário coletivo”, “isolamento social”, “tempo”, “escola”, “professores”. Essas palavras foram empregadas de diversas maneiras, combinações e em diferentes momentos, a fim de compreender como o período de isolamento social influenciou a formação de professores da educação infantil, focando nos sentimentos e significações dos docentes sobre o período.

Ao buscar sobre “pandemia” e “isolamento social” associando a “formação de professores” e a “professores”/“escola”, os estudos encontrados tratam de estratégias pedagógicas utilizadas no período. Não foram encontrados estudos que tecem considerações sobre as percepções desses sujeitos acerca de sua própria formação nesse período, referendando a pertinência do presente trabalho para o desenvolvimento das ciências educacionais. Apesar disso, selecionou-se um trabalho que versa sobre a apropriação de tecnologias digitais na educação a partir do que aconteceu durante a pandemia da Covid-19. Selecionou-se por entender sua potente contribuição para a compreensão do cenário da época.

Foram selecionadas seis pesquisas dos últimos oito anos que colaboraram com a presente investigação, com contribuições em diferentes áreas, seja na

²⁴ As pesquisas foram realizadas entre dezembro de 2021 e junho de 2022.

compreensão da formação na educação infantil, no significado da pandemia ou mesmo tecendo considerações sobre o entendimento de professores sobre sua própria constituição profissional. Dois dos trabalhos escolhidos foram apresentados pelo Formep, o que referendou os indícios a respeito da pertinência da temática de pesquisa e aderência ao programa, bem como a necessidade de aprofundamento da temática.

QUADRO 1: Pesquisas correlatas

Ano/ Tipo de trabalho	Instituição	Autor(a)/ Orientador(a)	Título
2021 Dissertação	UNISINOS	Gabrielle de Souza Alves Profª Dra. Eliana Schlemmer	A formação de professores na sociedade hiperconectada: alternativas emergentes para a internacionalização e apropriação de tecnologias digitais na educação.
2020 Dissertação	UERJ	Alessandra da Silva Rezende Souza Martins Profª Dra. Helena Amaral da Fontura	Os horários de atividades como projeto de formação: reflexões sobre as narrativas de professoras atuantes na Educação Infantil em Macaé-RJ.
2020 Dissertação	UFJF	Adriana Pedrosa de Souza Silva Profª Dra. Claudia da Costa Guimarães Santana	Reuniões pedagógicas como espaço de formação continuada em serviço: estudo de caso da Escola Estadual Monte Sinai/Esmeraldas - MG
2018 Dissertação	PUC-SP	Edilene Aparecida Barros da Silva Aveledo Profª Dra. Vera Maria Nigro de Souza Placco	O espaço formativo da RPS e as necessidades de formação dos professores: atendidas ou não?

2018	PUC-SP	Mariana Fernandes Panizza	A gestão das creches conveniadas do município de São Paulo: necessidades, desafios e possibilidades formativas na ação supervisora.
Dissertação		Prof ^a Dra. Emília Maria Bezerra Cipriano Castro Sanches	
2014	UFRGS	Cacilda Rafael Nhanisse	Formação continuada em serviço: enunciados dos professores sobre seu percurso formativo na relação com o fazer pedagógico.
Dissertação		Prof ^a Dra. Margarete Axt	

Fonte: elaborado pela autora com base nos dados da BDTD (2022).

Alves (2021), em sua dissertação **A formação de professores na sociedade hiperconectada: alternativas emergentes para a internacionalização e apropriação de tecnologias digitais na educação**, objetivou compreender como ocorre a internacionalização e a formação para a apropriação de tecnologias digitais a partir de grupos de *Facebook*.²⁵ A investigação iniciou-se a partir da percepção de um aumento de *lives* e outros processos formativos autônomos durante a pandemia da Covid-19 que contribuíram com a formação dos professores, que somavam aos seus desafios compreender as instâncias digitais para a mediação da aprendizagem.

Alves (2021) define como objetivos específicos, a análise de como os professores participantes desses grupos entendem a educação, a formação de professores e a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas no contexto da cultura digital, entender como tem se desenvolvido a relação dos professores com as tecnologias digitais e compreender se há e quais são os entendimentos de internacionalização entre os professores. O trabalho da autora, portanto, dialoga com a presente investigação ao buscar analisar o entendimento dos professores acerca de sua própria formação, refletindo suas narrativas.

Para alcançar tais objetivos, teceu uma pesquisa qualitativa, do tipo exploratória e descritiva a partir de revisão bibliográfica e do método cartográfico de pesquisa-intervenção. Em sua investigação, a autora percebeu que os espaços em

²⁵ Rede social utilizada para comunicação entre pessoas, visando conectar diferentes sujeitos por meio da internet.

mídias sociais funcionaram como redes de apoio para os professores que levantavam dúvidas e questionamentos e eram auxiliados por colegas mais experientes no assunto. Para ela, essa interação pode contribuir para o desenvolvimento da internacionalização da docência, ressaltando que em grandes eventos internacionais, muitas vezes, não há espaço para trocas e diálogos, enquanto nas redes sociais o há.

Portanto, o engajamento existente nessas redes é o fato de serem espaços horizontais, evidenciando o quanto a democracia se mostra essencial para uma formação de qualidade. Para ela:

a interação, a experiência e a promoção de ambientes de aprendizagem colaborativos são os principais responsáveis pelo desenvolvimento de algumas formas de internacionalização e auxiliam a proporcionar uma formação para a apropriação das TDs mais voltadas à experiência. Sendo assim, eles podem servir de inspiração, para pensarmos a formação de professores que ocorre dentro das escolas, universidades e cursos. (ALVES, 2021, p. 164).

Martins (2020), por sua vez, realizou uma pesquisa formação com o objetivo de conhecer a diversidade de pensamentos, concepções e práticas pedagógicas de professores de Educação Infantil de Macaé, Rio de Janeiro. O problema da pesquisa surgiu da indagação sobre a construção de percursos que evidenciassem o protagonismo das professoras nos momentos formativos, de forma a investigar alternativas de pautas verticalizadas. Novamente, portanto, vemos a incidência da democracia e do respeito ao saber do outro para atingir qualidade na formação continuada. A pesquisadora trata do assunto a partir de um entrelaçamento metodológico das narrativas, analisando as histórias de vida com a ajuda de Fontoura (apud MARTINS, 2020). Nesta análise, dialoga com Nóvoa e Gatti, que ajudaram na compreensão da formação pela via pessoal e psicossocial. Neste sentido, o trabalho **Os Horários de Atividades como projeto de formação: reflexões sobre as narrativas de professoras atuantes na Educação Infantil em Macaé - RJ** colaborou principalmente com o referencial teórico, ajudando no entendimento das vivências pessoais dos professores para a constituição de seu fazer docente.

A autora aponta que as respostas às questões que moveram a investigação foram identificadas através de um caminho metodológico não linear, misturando “pensamentos, histórias e emoções acolhidas em conversas que além de promover

rememorações de experiências formativas estreitou nossos elos como companheiras de docência” (MARTINS, 2020, p. 134). A pesquisadora conclui que os Horários de Atividades, como são chamados os momentos formativos no contexto analisado, são lugares de encontro entre “corpos-espacos, lugares de poder e elaboração de si, de tessitura de identidades, de transformação de concepções, de desconstrução e construção de projetos individuais e coletivos, lugares de criação de vínculos” (MARTINS, 2020, p. 134 e 135).

Silva (2020), em sua pesquisa **Reuniões pedagógicas como espaço de formação continuada em serviço: estudo de caso da Escola Estadual Monte Sinai/Esmeraldas - MG**, parte da concepção da escola como *locus* privilegiado para a formação continuada, motivo pelo qual investiga de que maneira a gestão escolar pode planejar e organizar melhor as reuniões pedagógicas na escola analisada, possibilitando maior envolvimento profissional. A pesquisa objetivou também descrever a regulamentação e a prática dessas reuniões, analisar a possibilidade de utilizar melhor tais reuniões, bem como propor um plano de ação pensando nessa otimização. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo, com a realização de entrevistas com a equipe gestora e questionários com professores. Por se tratar de um estudo de caso, utilizou-se estudiosos como Ventura, Yin, Meirinhos e Osório (apud SILVA, 2020), ressaltando que esse método permite a construção de conhecimentos que possibilitam uma melhor compreensão dos fatos.

Silva (2020) realizou, em uma primeira etapa, uma pesquisa documental, tanto de legislações federais e estaduais, quanto de dados documentais da própria escola, fato que colaborou para o presente estudo, que também parte de uma análise de documentações produzidas pela instituição para pensar as significações que as professoras fazem de seu processo formativo. Posteriormente, a autora realizou um trabalho de campo, com entrevistas e questionários citados anteriormente. A pesquisadora reconhece a importância das políticas de incentivo à formação docente e percebeu, pela investigação, um aumento da quantidade das reuniões, porém não da qualidade delas para a formação continuada dos profissionais. A pesquisa ainda evidenciou que a dupla jornada de trabalho minimiza o tempo de qualidade para os estudos.

Para Silva (2020), é responsabilidade da gestão escolar otimizar esse espaço coletivo de formação na escola e, por isso, propôs uma organização coletiva das

reuniões formativas entre equipe gestora, unindo esforços para buscar parcerias que pudessem aprimorar os momentos coletivos. A pesquisa, por fim, evidenciou também a importância das trocas de experiências entre a equipe pedagógica.

Aveledo (2018), em sua dissertação **O espaço formativo da RPS e as necessidades de formação dos professores: atendidas ou não?**, tece uma investigação para descobrir como a formação do professor realizada na “reunião pedagógica semanal” (RPS) reverbera no atendimento às suas necessidades formativas. Para chegar a tal objetivo, a autora visou identificar as necessidades formativas dos professores, do ponto de vista deles e do Coordenador Pedagógico; analisar a Reunião Pedagógica Semanal enquanto espaço formativo; relacionar os dois objetivos anteriores, apontando indícios/pistas/indicadores que possibilitem compreender como as RPS atendem ou não às necessidades formativas dos professores; identificar práticas realizadas nas RPS que respondam às necessidades da escola e dos professores, tendo em vista a aprendizagem dos alunos. Percebemos, portanto, que os objetivos da autora dialogam com o presente trabalho ao indagar sobre os encontros formativos semanais, em horários coletivos. Nota-se que este é um problema recorrente para as instituições escolares, tendo em vista a diversidade de participantes destes momentos coletivos e suas demandas individuais.

A pesquisa de Aveledo (2018) foi etnográfica, caracterizada pelo contato prolongado e direto com a situação pesquisada. Partiu-se da observação e interpretação, bem como de questionário com questões fechadas para caracterização de grupo e abertas para a apresentação de problematizações sobre as reuniões pedagógicas semanais, visando levantar expectativas, sentimentos e percepções sobre o espaço formativo. Além disso, observou-se quatro encontros formativos e realizou-se uma entrevista com a coordenação pedagógica.

A autora identificou que a maior necessidade formativa dos professores está relacionada à prática desenvolvida em sala de aula, embora revele a predominância de contradições no que diz respeito à percepção dos professores sentirem-se ou não contemplados em suas necessidades. A análise também apontou que as reuniões de três horas no período noturno são cansativas e que, em alguns momentos, ocorre perda de foco das discussões. Também foi identificada forte interferência das demandas da Secretaria de Educação na definição da pauta e a

necessidade de investimento nas relações interpessoais e coletivas, como forma de diminuir a incidência de assuntos discutidos pelos professores em espaços informais, denominados, na pesquisa, como "corredores pedagógicos". Tais resultados dão indícios sobre a necessidade de as reuniões pedagógicas envolverem discussões sobre a práxis, ao mesmo tempo que aponta desafios para a funcionalidade dos encontros, uma vez que analisa reuniões ocorridas no contraturno, enquanto nossa investigação traça relações sobre encontros ocorridos no meio do expediente escolar.

Panizza (2018), em sua dissertação **A gestão escolar das creches conveniadas do município de São Paulo: necessidades, desafios e possibilidades formativas na ação supervisora**, objetivou compreender as necessidades, desafios e as possibilidades formativas da gestão nas creches conveniadas da Rede Municipal de Educação de São Paulo para propor indicativos de formação dos supervisores que colabore e qualifique as ações educativas construídas com bebês e crianças na Educação Infantil. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou-se de entrevistas narrativas para reconhecer as necessidades formativas dos sujeitos. Utilizou-se, para tanto, de Josso, Souza e André (apud PANIZZA, 2018).

Como o estudo de Panizza (2018) trata especificamente dos CEIs conveniados, a autora utilizou-se de cientistas como Haddad, Campos e Rosemberg, Sanches, Kulmann Jr e Fanco (apud PANIZZA, 2020). Sua pesquisa, portanto, conversa com o presente trabalho na temática das creches conveniadas, servindo de referencial teórico para a contextualização dessas escolas que, embora parte da Rede Municipal, tem características e especificidades. A pesquisa de Panizza (2018) resultou em indicativos para uma proposta formativa em diálogo com a Diretoria Regional de Educação, contemplando o que chama de “escassez de momentos formativos permanentes” (PANIZZA, 2020, p. 16).

Esse diálogo se mostra essencial, uma vez que se aborda, na presente investigação, justamente as possibilidades formativas que o tempo de afastamento das escolas proporcionou ao professor do CEI parceiro, que, antes de 2020, não tinha sequer uma hora de estudo semanal, pois estava integralmente dedicado ao trabalho direto com bebês e crianças. O trabalho de Panizza (2018), portanto, colabora com a compreensão das especificidades das escolas conveniadas e

parceiras no que diz respeito aos momentos formativos, embora se diferencie ao tratar da ação supervisora nessas vivências.

Nhanisse (2014) realizou a pesquisa correlata mais antiga da seleção, mas acreditamos que seu estudo **Formação continuada em serviço: enunciados dos professores sobre seu percurso formativo na relação com o fazer pedagógico** auxilia na compreensão da importância de pesquisar os pensamentos dos professores sobre sua formação. O objetivo do estudo foi entender o que os professores pensam e avaliam sobre sua formação continuada em relação com sua prática em sala de aula, a fim de compreender aspectos que abrem ou não o processo criativo na formação docente. A pesquisa foi de caráter qualitativo e focou nos enunciados dos professores, utilizando estudo de caso do “Projeto Civitas”. Tais enunciados foram retirados de materiais escritos em diário de bordo, questionários e entrevistas semiestruturadas. Nesse sentido, a pesquisa de Nhanisse (2014) referenda a potência de tais materiais para a análise investigativa.

Os resultados da investigação abrem a possibilidade de uma formação que seja possível de ser vivenciada a longo prazo, de maneira contínua. Para a pesquisadora, isso permitiria que o professor desenvolvesse práticas capazes de proporcionar maior prazer em aprender, dando voz à criança. Para ela, essa reação dos alunos resultaria em maior satisfação do professor pela sua prática docente. A autora utiliza como referencial teórico, Bakhtin, Nóvoa e Imbernón (apud NHANISSE, 2014). Para nós, a pesquisa levantada pela autora é especialmente importante para pensarmos as significações dos sujeitos que participam de momentos formativos, pois acreditamos que são esses significados que reverberam na prática direta com as crianças.

Nesse sentido, podemos perceber que as dissertações levantadas nas pesquisas correlatas possuem aproximações e distanciamentos da presente investigação. Acreditamos que é nesse movimento que construímos conhecimento, tecendo teias que se comunicam, por vezes se sobrepõem, mas também criam novas veredas, a partir dos caminhos trilhados por outros. As pesquisas citadas aqui serão mencionadas no decorrer do trabalho, direta ou indiretamente, dado que contribuíram para a compreensão global do tema investigado

2.2 Legislação, marcos legais, desigualdades, direitos e conquistas: momentos formativos em CEIs parceiros e indiretos na cidade de São Paulo.

Não cabe, neste capítulo, tecer longas considerações sobre a história dos CEIs na Secretaria de Educação, uma vez que há excelentes trabalhos sobre o assunto, como o de Serrão (2016), todavia, cabe um aqui compreender o que são os Centros de Educação Infantil parceiros e quais os desafios enfrentados historicamente por essa parceria público-privada, afinal, os caminhos percorridos são o começo das veredas seguintes.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 (BRASIL, 1996) estabelece a educação infantil como primeira etapa da educação básica, sendo de responsabilidade dos municípios a sua oferta. Contudo, a incapacidade administrativa para possibilitar um atendimento público à totalidade das infâncias, principalmente na primeiríssima, em creches, aliada à concepção neoliberal de privatização, fez com que este poder público procurasse formas de suprir a demanda por vagas. É neste contexto que surgem as parcerias, regidas pelo Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (BRASIL, 2014) e pelo decreto 57.575/16 (SÃO PAULO, 2016). As unidades parceiras, portanto, seguem leis, têm metas a serem atingidas e são constantemente fiscalizadas.

As metas a serem cumpridas são previstas no plano de trabalho descrito pela portaria nº 4.548/2017 (SÃO PAULO, 2017), sendo que uma das quinze versa sobre a garantia da formação continuada dos profissionais, de acordo com as propostas da Secretaria Municipal de Educação (SME). Há uma discussão extremamente necessária sobre a celebração desses contratos de parceria, cujo próprio nome é revelador de concepções que devem ser refletidas, embora não sejam o foco do presente trabalho.

O nome do antigo convênio foi modificado, transformando-se em parceria. Ou seja, deixa-se de divulgar a ideia de “acordo entre órgãos públicos ou privados para a prestação de serviços” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008, p. 360) e passa-se a referenciar a ideia de “associação, união” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008, p. 951). A mudança de léxico, embora sutil, referenda a política neoliberal de maquiagem as tentativas de privatização do serviço estatal, terceirizando

as obrigações governamentais e fazendo propaganda do que seria uma união de forças para o trabalho conjunto em prol da educação de bebês e crianças quando, na realidade, o acordo que existe é referendado pela prestação de serviços, ou seja, um convênio.

O atendimento na primeiríssima infância acontece em três modalidades: direta, administrada diretamente pela SME, indireta, com imóveis da prefeitura, mas sob a administração de OSC²⁶ e parceira, em que além da administração de OSC, possui imóvel alugado ou da própria OSC. Existem, segundo dados da prefeitura, mais de 1800 CEIs parceiros na cidade de São Paulo,²⁷ sendo um número muito maior do que as unidades diretas, o que comprova o caráter menos oneroso desse tipo de organização para o município, ao mesmo tempo em que estabelece o evidente avanço da privatização das creches na prefeitura.

Segundo Panizza (2018), é também evidente a diferença de condições de trabalho dos profissionais das unidades parceiras/indiretas e diretas, desde os salários, passando pela jornada de trabalho, espaços físicos e horários destinados à formação continuada. Para o presente trabalho, vale reforçar a jornada de trabalho em atendimento a bebês e crianças e o tempo para a formação continuada.

Até 2020, ano em que a pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil, os professores das unidades indiretas e parceiras não tinham garantido, em seu horário de trabalho, períodos formativos. Estes se restringiam às chamadas “Reuniões Pedagógicas”, quando o atendimento aos bebês e crianças não era realizado e havia a oportunidade de reunir todos os funcionários da instituição em momentos formativos significativos. Além desses dias, porém, não havia nenhum período legalmente instituído.

Em 2020, com a suspensão do atendimento presencial, as unidades tiveram mais tempo para se dedicar à formação continuada, mas, ainda assim, não havia uma exigência legislativa de tais reuniões. Foi apenas no final de 2020, com a instituição da IN nº 41/2020 (SÃO PAULO, 2020b), que as unidades indiretas e parceiras passaram a ter um período formativo garantido por lei durante a jornada de trabalho. Nesse sentido, evidencia-se que a meta de formação de professores

²⁶ Organização da Sociedade Civil, antigamente conhecidas como ONG - organizações não governamentais.

²⁷ Disponível em: <<https://patiodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/parcerias/>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

poderia começar a ser cumprida de forma mais qualificada, pois houve a recente conquista de períodos de estudo para tais profissionais.

Tal normativa garantia duas horas de estudo semanais, sendo modificada, em 2022, para quatro horas (SÃO PAULO, 2022). Vale ressaltar a importância de um período institucionalizado para a formação de professores, mas é preciso reconhecer as desigualdades existentes na implementação dessa política, uma vez que esses horários formativos devem acontecer no período de atendimento aos bebês e crianças, exigindo uma logística para que o bem-estar desses sujeitos não seja prejudicado pela saída do professor de sala de aula.

A SME tentou mitigar as dificuldades abrindo a possibilidade de contratação de auxiliares de sala, porém, mesmo assim, os gestores de Centros de Educação Infantil encontram desafios para garantir esses horários e o bom funcionamento das unidades. Tal questão não existe nas unidades diretas, pois a jornada de trabalho possibilita uma organização por turnos que facilita o encontro de horários formativos. Aqui, porém, vale um adendo para ressaltar que as desigualdades existem de ambos os lados, pois as unidades indiretas e parceiras têm a facilidade da continuidade no atendimento, sendo os bebês e crianças educados por um mesmo grupo de profissionais durante todo o seu período de permanência na unidade.

QUADRO 2: Diferença da jornada de trabalho do professor de CEI Direto e Parceiro/Indireto

	CEI Direto	CEI Parceiro em 2019 e 2020	CEI parceiro em 2021	CEI parceiro a partir de 2022
Jornada de trabalho total	30 horas semanais	40 horas semanais	40 horas semanais	40 horas semanais
Jornada de trabalho com bebês e crianças	25 horas semanais	40 horas semanais	40 horas semanais	40 horas semanais
Tempo de formação continuada	5 horas semanais, sendo 3 coletivas na unidade e 2 em locais de livre escolha + 4 reuniões pedagógicas ao ano com	4 Reuniões pedagógicas com suspensão de atendimento + 2 dias de organização escolar + 2 dias de avaliação institucional + 2	2h semanais + 4 Reuniões Pedagógicas por ano, com suspensão de atendimento	4h semanais + 4 Reuniões Pedagógicas por ano, com suspensão de atendimento

	suspensão de atendimento	dias de reuniões com suspensão de atendimento		
--	--------------------------	---	--	--

Fonte: elaborado pela autora com base na Lei nº 14.660/2007,²⁸ IN nº 24/2018,²⁹ IN nº 41/2021³⁰ e IN nº 8/2022.³¹

Percebe-se, portanto, que os professores das unidades indiretas e parceiras enfrentam, historicamente, diversos desafios, marcados por desigualdades, inclusive e principalmente no que diz respeito às condições de trabalho, incluindo nesse quesito a formação continuada. As instruções normativas nº 41/2020 (SÃO PAULO, 2020b) e nº 8/2022 (SÃO PAULO, 2022) vieram no sentido de suavizar essas desigualdades, porém, outras questões surgiram, como pensar a organização da unidade para garantir tais momentos formativos.

2.3. Desenvolvimento profissional e o papel da reflexão em grupo na formação

Nunca pensamos sozinhos. Hoje, no meio desta tragédia pandêmica, sabemos, melhor do que nunca, que isoladamente pouco ou nada podemos. Só "juntos" poderemos definir os caminhos de futuro para a educação.

(NÓVOA, 2022, p. 7)

Entender o desenvolvimento profissional docente perpassa por compreender o papel da escola, ou seja, do contexto em que está inserido. Seres biopsicossociais como somos, não nos desenvolvemos desligados das vivências que temos, dos espaços que ocupamos e dos encontros que temos. O desenvolvimento profissional, como todo desenvolvimento, parte de interações, de relações que são estabelecidas. Neste sentido, cabe, neste capítulo, relatar de que concepção partimos ao falar do desenvolvimento docente, destacando o papel da reflexão em

²⁸ Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-14660-de-26-de-dezembro-de-2007>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

²⁹ Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/instrucao-normativa-secretaria-municipal-de-educacao-sme-24-de-11-de-dezembro-de-2018>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

³⁰ Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/instrucao-normativa-secretaria-municipal-de-educacao-sme-41-de-23-de-outubro-de-2020/detalhe>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

³¹ Disponível em: <https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2022%2fdiario+oficial+cidade+de+sao+paulo%2ffevereiro%2f05%2fpag_0015_cb892b39d8eeec031b7375afc0fec8e4.pdf&pagina=15&data=05/02/2022&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial%20Cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo&paginaordenacao=100015>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

grupo, isto é, do coletivo, no desenrolar do trabalho profissional, que muitas vezes é visto como individual, embora não o seja.

Destaca-se que a escolha do uso da expressão “desenvolvimento profissional” remete à concepção destacada por Oliveira-Formosinho (2009, p. 225) de que este é “um processo mais vivencial e mais integrador do que a formação contínua. Não é um processo meramente individual, mas um processo em contexto.”. Neste sentido, encaramos o desenvolvimento profissional como operações longitudinais globais, isto é, não focadas em transmissão, mas referendando e acolhendo os diversos saberes docentes.

Definimos, assim, **desenvolvimento profissional** como um processo contínuo de melhoria das práticas docentes, centrado no professor, ou num grupo de professores em interação, incluindo momentos formais e não formais, com a preocupação de promover mudanças educativas em benefício dos alunos, das famílias e das comunidades. Esta definição pressupõe que a grande finalidade dos processos de desenvolvimento profissional não é só o enriquecimento pessoal, mas também o benefício dos alunos. Pressupõe a procura de conhecimento profissional prático sobre a questão central da relação entre aprendizagem profissional do professor e aprendizagem dos seus alunos, centrando-se no contexto profissional. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009, p. 226).

Se concebemos, portanto, o professor como sujeito de suas próprias ações e aprendizagens, enxergamos a escola em que ele está como o contexto em que essas aprendizagens se dão. Falamos, então, de uma ecologia, isto é, o homem (professor) se relacionando e se desenvolvendo a partir da interação que estabelece com o seu meio (escola). Nessa visão orgânica, o desenvolvimento profissional e a melhoria da escola, currículo e aprendizagem são indissociáveis.

Entender o desenvolvimento profissional ecologicamente é compreender as diversas relações que se estabelecem no ambiente de trabalho. Nessa analogia, vê-se cada sala de aula, por exemplo, como um microssistema, sendo o mesossistema as interações que acontecem entre duas ou mais salas e o exossistema tudo aquilo que é macro, como questões administrativas ou governamentais, ou mesmo como transporte público para a escola. Todas essas questões, em maior ou menor grau, afetam o desenvolvimento profissional docente.

Por ser visto com um caráter abnegado pela sociedade, muitas vezes não é dado ao professor a oportunidade de sentir-se cansado, frustrado ou mesmo triste, desapontado ou com raiva. O professor deve estar sempre alegre e disposto, porém, enxergá-lo dessa forma é retirar dele sua humanidade. É nesse sentido que o

desenvolvimento profissional visto ecologicamente nos ajuda a visualizar o sujeito: diferentes meios, condições e interações possibilitam respostas diversas.

Pensando em um bem-estar, Nóvoa (1991 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009, p. 264) coloca cinco teses sobre práticas de formação continuada, interpretadas por Oliveira-Formosinho como princípios de desenvolvimento profissional:

1. A formação contínua de professores deve alimentar-se de perspectivas inovadoras, que não utilizem preferencialmente “formações formais”, mas que procurem investir do ponto de vista educativo as situações escolares;
2. A formação contínua deve valorizar as actividades de (auto)formação participada e de formação mútua, estimulando a emergência de uma nova cultura profissional no seio do professorado;
3. A formação contínua deve alicerçar-se numa “reflexão na prática e sobre a prática”, através de dinâmicas de investigação-acção e de investigação-formação, valorizando os saberes de que os professores são portadores;
4. A formação contínua deve incentivar a participação de todos os professores na concepção, realização e avaliação dos programas de formação contínua e consolidar redes de colaboração e espaços de parceria que viabilizem uma efectiva cooperação institucional;
5. A formação contínua deve capitalizar as experiências inovadoras e nas redes de trabalho que já existem no sistema educativo português, investindo-as do ponto de vista da sua transformação qualitativa, em vez de instaurar novos dispositivos de controlo e de enquadramento.

Seguindo esses princípios, o desenvolvimento profissional deve ser encarado em integralidade, tal qual seus sujeitos. Diversas formas de saberes, portanto, se entrelaçam, se relacionam e se manifestam em uma verdadeira ecologia de saberes (SANTOS, 2004). Com o risco de parecer redundante, afirmamos: se o homem é um ser social, seu desenvolvimento profissional também deve levar em conta o seu contexto, isto é, perceber as relações que são estabelecidas (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009), entendendo que a formação profissional é igualmente social.

Destaca-se, ainda, que o desenvolvimento profissional, por ser encarado coletivamente, está muito atrelado à colaboração, ou seja, o isolamento docente, muitas vezes reproduzido nas escolas, impede o desenvolvimento profissional qualificado, afinal o “professor aprende em comunidade” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009, p. 269). Nesse sentido, compreendendo o desenvolvimento profissional do professor como um movimento global e integrado, entendemos que se desenvolve em comunhão.

Diante dessa visão, reforça-se que a reflexão do ser humano se dá de diversas formas e de forma não linear. Dizemos isso, pois compreendemos que a ciência é “uma entre três formas de pensamento, sendo as outras duas a filosofia e a arte.” (KASTRUP, 2015, p. 49) e, por consequência, em uma escola, com sujeitos diferentes, diversas formas de pensar se encontram e se transformam, germinando novas aprendizagens e oportunidades de olhares diferenciados. A partir da elucidação desse conceito cognitivo, vale reforçar que o pensamento é anterior à língua escrita ou falada, ou mesmo representacional, como elucida Kastrup (2015, p. 99): “O domínio cognitivo não é um domínio de representações, mas um domínio experiencial e emergido das interações e dos acoplamentos do organismo.”.

Ou seja, a reflexão será materializada em uma das três formas de pensamentos citadas por Kastrup (ciência, filosofia ou arte), mas terá como base a experiência sensível do sujeito e suas interações, reforçando, portanto, o caráter ecológico do desenvolvimento profissional docente. Ressaltamos, por fim, que o “conhecimento profissional docente tem sido caracterizado como complexo, dinâmico e multifacetado.” (NONO; MIZUKAMI, 2002, p. 141), assim, os subcapítulos a seguir tratarão de algumas dessas facetas.

2.3.1 O CEI Composição e a formação de professores em 2019

Como evidenciado anteriormente, em 2019 os professores das unidades parceiras e indiretas, tal como a escola estudada, não possuíam nenhum horário dedicado à sua própria formação durante a semana, ficando restrita a encontros a cada dois ou três meses com a equipe escolar como um todo. No caso do CEI estudado, a coordenação pedagógica montou junto às professoras um calendário de reuniões, que era chamado de “pílulas de reuniões”, encontros de meia hora com as docentes de cada sala para discutir assuntos pertinentes à prática do grupo.

Por se tratar de um CEI, cada sala pode possuir mais de uma turma, tendo, então, mais de uma professora responsável em cada sala. Por exemplo, na sala do Berçário I existem três turmas de sete bebês, totalizando na sala vinte e um bebês. São responsáveis por essa sala três professoras e uma auxiliar de berçário. Eram nesses trinta minutos de conversa, que se tomavam decisões importantes quanto ao seguimento dos projetos dos grupos, divisão de tarefas, socialização de saberes e

outras questões. É importante ressaltar que esses diálogos aconteciam durante o sono das crianças, em sala de aula, sendo, portanto, um momento de atenção dividida, longe do que seria ideal para uma formação qualificada.

2.3.2 A pandemia da Covid-19 e os momentos formativos de professores de EI de unidades parceiras/índiretas: uma reviravolta

A crise numa sociedade suscita dois processos contraditórios. O primeiro estimula a imaginação e a criatividade na busca de soluções novas. O segundo é a busca do retorno à estabilidade passada ou a adesão a uma salvação providencial.

(MORIN, 2021, p. 32)

Em uma fração de segundos, tudo mudou. O planejamento das “pílulas de reunião” foi, como toda a escola, interrompido por um vírus. O isolamento social era a melhor alternativa para salvar vidas e diminuir os contágios. E foi nesse movimento que as escolas fecharam e os professores, de casa, inventaram maneiras de se fazerem presentes na casa de seus estudantes.

As escolas públicas entraram em recesso em março de 2020. Na época, acreditava-se que o isolamento social se daria por aproximadamente quinze dias. Em abril, o trabalho retoma, porém, de forma remota. Embora haja poucos estudos sobre como isso se deu na educação infantil, no CEI Composição o trabalho iniciou com reuniões coletivas para apropriação das plataformas indicadas por SME (Google Classroom ³² para comunicação com famílias e Microsoft Teams ³³ para comunicação da equipe). Nessas reuniões, a coordenadora pedagógica percebeu certo receio das professoras em se colocar, motivo pelo qual optaram por manter reuniões por salas, mas estender para uma hora de reunião, juntando o grupo todo ao final do mês para a socialização das discussões.

No dia 16 de abril de 2020, a coordenadora escreveu em seu diário de bordo:

Hoje fiz a última reunião coletiva com todas as professoras. Elas se sentem intimidadas com as reuniões grupais online - engraçado que nas paradas ³⁴ não é assim, imagino que seja o efeito da câmera, não sei. De qualquer forma, analisando essa situação, achei melhor que voltássemos às reuniões semanais por agrupamentos, de forma que pudéssemos conversar melhor.

³² Plataforma do Google adotada pela secretaria municipal de São Paulo, em que experiências eram postadas diariamente para as famílias fazerem com os bebês e crianças durante o isolamento social.

³³ Plataforma que a SME sugeriu para organização das unidades, para reuniões internas e organização de materiais para posteriormente envio às famílias.

³⁴ “Parada pedagógica” é outro nome dado para as reuniões pedagógicas com suspensão de atendimento citadas anteriormente.

Pensei nisso também porque as propostas estão sendo pensadas nos grupos. Acredito que assim ficará melhor. (Diário de bordo CP, 2020)

Além das reuniões semanais nos agrupamentos, diariamente a coordenação pedagógica elencava sugestões de *lives*,³⁵ vídeos, cursos, textos teóricos, artigos de jornais e de sites especializados em educação para promover a reflexão da equipe. Tais links eram colocados na plataforma *Microsoft Teams*,³⁶ utilizada para reuniões e organização da unidade escolar.

Quando falamos que o desenvolvimento humano se dá em contexto, acreditamos que, antes de prosseguir para uma análise das vivências das professoras em isolamento social, devemos tecer breves considerações sobre o significado dele, do fechamento temporário das escolas e da pandemia em si, para os professores e, é claro, para a escola enquanto instituição. Isto, pois acreditamos, tal como coloca Imbernón (2010, p. 69), que a “instituição educacional é o reflexo fiel do que acontece na sociedade”.

Tendo isso em perspectiva e acreditando que o desenvolvimento profissional se dá atrelado ao conceito tempo, cabe tecer, no presente capítulo, considerações sobre os significados que o alargamento temporal possibilitou para profissionais que tinham a sua rotina tomada por demandas que dificultavam a organização formativa, de estudo e reflexão.

2.3.2.1 A questão do tempo: *Chronos*, *Kairós* e *Aión*

Uma pandemia sem precedentes recentes na memória da maioria dos professores: foi o que abalou a concepção temporal da escola, da educação e de seus sujeitos. Partimos, aqui, da ideia de que o tempo, como tudo o que faz parte de nosso mundo atual, é uma criação humana - fomos nós que decidimos, como bem escreveu Roberto Pompeu de Toledo, “cortar o tempo em fatias”³⁷. Nos acostumamos, porém, com as migalhas que nos são oferecidas, como se fossem

³⁵ Vídeos que acontecem simultaneamente por meio de diversas plataformas, como *YouTube*, *Instagram*, *Facebook*, etc.

³⁶ Plataforma *online* que permite a interação síncrona e assíncrona, com fóruns e criação de reuniões por videochamada.

³⁷ “Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. Industrializou a esperança fazendo-a funcionar no limite da exaustão.”

parte de uma ordem pré-estabelecida que não pode ser repensada ou mesmo questionada, afinal a “regulação temporal que caracteriza a vida contemporânea com a tríade produção-acumulação-consumo atropela e desapropria o tempo da vida.” (BARBOSA, 2013, p. 216).

Essa antiga discussão remonta à mitologia grega, com *Chronos* e *Kairós*. *Chronos*, deus do tempo, rei dos titãs e pai de Zeus, faz referência ao tempo cronológico, podendo ser semelhante à sucessão de eventos aos quais associamos a “passagem do tempo”. *Kairós*, filho mais novo de Zeus, é o tempo não linear, lido como tempo das oportunidades ou ainda, o tempo sentido. Muitas vezes, em uma vida marcada pela produção capitalista, para se chegar a identificar *Kairós*, necessitamos de uma suspensão da rotina, que erroneamente atribuímos a *Chronos*. O tempo *Kairós*, isto é, o tempo oportuno, não respeita o tempo que lemos no relógio e ao qual submetemos todas as nossas ações. Ainda há *Aión*, tempo ilimitado, relaciona-se, portanto, ao tempo do sentido, representaria o tempo da experiência qualitativa (BARBOSA, 2013; KOHAN, 2004).

Durante o ano de 2020, as escolas municipais de Educação Infantil de São Paulo ficaram em atendimento remoto, o que ressignificou as relações existentes no ambiente. As unidades esvaziaram-se de risadas e corpos, de choros e conflitos e de músicas e histórias. As casas, por outro lado, se encheram de momentos e o tempo pareceu alargar-se. Tanto por não se passar mais de uma hora no trajeto casa-trabalho, mas também pela ressignificação do que se vivia, uma vez que o medo da morte por um vírus do qual não se tinha informações, fez emergir o tempo *Kairós* e *Aión*, isto é, os tempos críticos e de qualidade.

O tempo vivido em casa deixou de ser apenas de repouso e passou a ser de trabalho, exercício, alimentação, convívio etc. De repente, um professor que ficava oito horas por dia em contato direto com uma turma de cerca de vinte bebês e crianças viu-se diante de um alargamento temporal. O que fazer com essas oito horas disponíveis? O primeiro passo era entender que o trabalho não precisaria ser realizado nessas mesmas horas, que seria insano realizar esse período em frente ao computador, afinal, como trabalhadores da educação, nosso trabalho depende de interação, não podendo ser substituído pela interação com a máquina. Viveu-se, portanto, uma retomada de concepções para discutir-se como seria realizada a jornada de trabalho, bem como o atendimento aos bebês e crianças.

Não cabe aqui alargar-se sobre as decisões tomadas a respeito do atendimento dado às crianças, mas vale dizer que foi feito de acordo com as concepções expressas no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade: sem exposição às telas e com diálogo com as famílias. Todavia, a equipe viu-se frente a uma realidade inédita: havia disponível um tempo significativo para estudos, debates e conversas. Acreditamos que isso teve significados diversos em cada um, afinal “o tempo não é uma condição, mas um simples efeito da consciência.” (GUYAU, 2010, p. 141).

Isto é, se ele vem da consciência, a experiência é a única capaz de refletir e significá-lo:

O que é realmente o tempo? Quem poderia explicá-lo de modo fácil e breve? Quem poderia captar o seu conceito, para exprimi-lo em palavras? No entanto, que assunto mais familiar e mais conhecido em nossas conversações? Sem dúvida, nós o compreendemos quando dele falamos, e compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam (AGOSTINHO, 1997, p. 342)

Então, um professor que não tinha nem trinta minutos para estudar por semana viu-se diante de um longo período para ler, ver filmes, escutar músicas, enfim, enriquecer-se culturalmente, além de discutir e aprender com os colegas. Esse é, na nossa visão, um ponto que merece atenção, afinal, “*ter tempo* para pensar, pesquisar coisas, buscar alternativas etc. parece ser uma condição indispensável para o professor se auto-desenvolver.” (LOURENCETTI; MIZUKAMI, 2002, p. 67). Entendemos, desta maneira, que as formações *in loco* devem ser ponto de atenção, uma vez que podem se tornar pontos para desacelerar e repensar as rotinas das instituições.

2.3.2.2 *Relações interpessoais no ensino remoto: a normalidade posta em cheque*

Nóvoa (2022, p. 7) coloca que não existe “educação fora da relação com os outros, por isso, é tão importante preservar as escolas como lugares de educação”. Estamos defendendo que o professor se realiza em sua função de forma coletiva, compartilhada. Nesse sentido, estar longe da escola simbolizaria um isolamento ainda maior principalmente no que diz respeito ao planejamento, a busca por soluções e descobertas de novas metodologias. Todavia, o que se observou durante

o isolamento social foi um aumento da solidariedade entre professores, que compartilhavam *lives*, ideias e sugestões em mídias sociais de forma a ajudar-se mutuamente, em uma construção de redes de apoio importantes para o fazer docente (ALVES, 2021).

Seria de se esperar que a falta de convívio direto prejudicasse as relações, mas, pelo contrário, transformou-as muitas vezes de uma forma positiva, aproximando os sujeitos de uma mesma escola (e de escolas diferentes), que muitas vezes não tinham tempo para conversar. Nóvoa (2022) referenda a escola como local privilegiado para tais encontros, porém, a forma como ela está estruturada atualmente não garante uma relação qualificada entre adultos - e é isso que aqui questionamos.

Entendemos relações interpessoais como interações entre sujeitos - completos e complexos. Tendo isso em perspectiva, acreditamos que o isolamento social e o afastamento temporário da escola tiveram impactos importantes no desenvolvimento dessas relações. Se por um lado as professoras tiveram mais tempo para dialogar, conversar e até brincar,³⁸ por outro, tiveram que aprender a lidar com uma tela mediando suas relações.

A tela, embora facilitadora de comunicações e encurtadora de distâncias, não compreende os muitos sinais emitidos pelo ser humano em uma situação comunicativa. A tecnologia não compreende a integralidade do sujeito, as nuances de seus sentimentos e as transformações corpóreas que por uma fração de segundos toma conta de seu corpo, externando o pensamento em forma de ação. As telas ainda não captam essas vivências e, portanto, de certa forma, também são um entrave às relações. A ideia do presente capítulo não é defender um tipo superior de relação, pois ambas tiveram a sua importância, mas definir as particularidades de uma interação mediada pela tela, mas alargada pelo tempo e disponibilidade das professoras.

2.3.3 O diário de bordo e o desenvolvimento profissional docente

³⁸ Algumas das professoras organizaram momentos de jogos e brincadeiras entre elas, por sugestão da coordenadora pedagógica.

Como coordenadora pedagógica de uma instituição escolar da primeiríssima infância, que adota os diários de bordo como ferramenta de acompanhamento de bebês e crianças e formação docente, muitas vezes me pego tentando explicar tal instrumento. Como nosso pensamento funciona majoritariamente por meio de metáforas (ALMEIDA, 2008), costumo dizer: imagine que você vai embarcar em uma viagem que sempre sonhou em fazer. É um sonho tão grande e intenso que você não quer perder nada para quando tiver a oportunidade de contar para seus familiares e amigos. Você almeja que eles tenham uma vivência tão marcante quanto a sua.

Difícilmente você conseguirá essa proeza, pois é o seu sonho, a sua vivência única e imbricada de sentimentos que tentará passar. Em todo caso, se buscar apenas pela sua memória, terá dificuldade de conquistar uma intensidade semelhante à que viveu. Os acontecimentos se escapam, se modificam, se transformam conforme o tempo passa. Agora imagine que você tem em suas mãos um caderno em que pode anotar todas as vivências especiais que lhe acontecem. Sua narrativa da viagem deixa de ser um enumerado de lugares que foram vistos e passa a ser um conto com um enredo, um começo, um meio e um fim que se transforma em reflexões que a viagem lhe causou. Isso, para mim, é o diário de bordo do profissional da primeira infância: relatos de uma viagem singular realizada entre adulto-professor e crianças.

Os documentos referendam isto ao colocarem que:

O diário de bordo pode ser considerado como um registro de experiências profissionais e observações, em que a(o) docente que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção de falar sobre o seu fazer cotidiano. Por isto não há uma forma fechada de se produzir a narrativa, o que existem são pistas. (SÃO PAULO, 2020a, p. 41)

Tais pistas remetem a (re)construções nas narrativas vividas com os bebês e crianças e não dialogam de forma explícita com a constituição do profissional, porém, é por meio do desencadeamento de reflexões sobre a própria prática que o professor desenvolve e aperfeiçoa sua prática, afinal

as narrativas se configuram como técnica e procedimento de produção de dados, subsidiando o estudo da formação e do trabalho docente em seus mais diversos aspectos e configura-se também como abordagem formativa, de produção de sentidos aos que narram, na medida em que impulsiona processos reflexivos e de tomada de consciência do que integra a sua trajetória pessoal e profissional. (NAKAYAMA, PASSOS, 2018, p. 9)

Assim, os diários de bordo são encarados, para a presente investigação, como ferramentas de acompanhamento das aprendizagens das crianças, planejamento de ações e desenvolvimento profissional, significando, aqui, tanto uma autoformação, quanto a formação compartilhada entre pares. O documento não é construído com o intuito de ser utilizado em pesquisas acadêmicas, mas estamos defendendo seu uso, como parte inicial de uma pesquisa narrativa e cartográfica, pois os diários historicizam as vivências dos sujeitos em um tempo-espaço próprios.

Quando falamos da historização em tempo e espaço particulares, estamos fazendo referência ao processo tridimensional no qual se desenvolvem as narrativas. Esse espaço é delimitado pela interação (pessoal e social), continuidade (passado, presente e futuro) e situação (lugar) (CLANDININ; CONNELLY, 2011). Embora a escrita do diário não se pretenda um relato autobiográfico, como é extremamente autoral, tanto na escrita quanto na experiência, o diário de bordo transforma-se em excertos autobiográficos da profissão docente: uma escrita biográfica da perspectiva do sujeito. Para a Educação Infantil, o diário de bordo é uma ampliação do diário de aula (ZABALZA, 2004) uma vez que engloba a concepção da etapa educacional de que todos os momentos são educativos, não se restringindo a relatos do espaço da sala referência.

Os diários possuem um caráter narrativo e, portanto, reflexivo que é muito caro ao fazer docente. Zabalza (2004) destaca ainda o nível de envolvimento de professores da educação infantil, colocando os diários como ferramenta importante para expressão de sentimentos, vivências e impressões.

Escrever sobre si mesmo traz consigo a realização dos processos a que antes referimos: racionaliza-se a vivência ao escrevê-la (o que tinha uma natureza emocional ou afetiva passa a ter, além disso, natureza cognitiva, tornando-se assim mais manejável), reconstrói a experiência, com isso dando a possibilidade de distanciamento e de análise e, no caso de desejá-lo, se facilita a possibilidade de socializar a experiência, compartilhando-a com um assessor pessoal ou com o grupo de colegas. (ZABALZA, 2004, p. 18)

Ressalta-se, portanto, o caráter subjetivo dessa documentação, que não pretende narrar a realidade, mas contar a forma que o sujeito a percebe, compreendendo sua intervenção no mundo com um certo distanciamento. Partimos, portanto, do pressuposto teórico de que os diários de bordo, quando bem utilizados, promovem o desenvolvimento do pensamento reflexivo da experiência vivida. Dewey (2010, p. 88 e 89) pontua que a “experiência é o resultado, o sinal e a recompensa

da interação entre organismo e meio que, quando plenamente realizada, é uma transformação da interação em participação e comunicação”.

A unidade estudada utiliza-se de diários de bordo desde o final de 2019, antes utilizando-se de cadernos de registros e outros mecanismos que se diferenciavam dos diários justamente pela visão subjetiva do fazer docente. Os registros utilizados anteriormente focavam apenas nas ações das crianças, não narrando os acontecimentos e ações dos professores, de forma que servissem à compreensão de seu desenvolvimento profissional. Manteve-se a utilização deste mecanismo durante o isolamento social, em 2020, bem como quando do retorno do atendimento presencial em 2021, o que possibilitou a presente investigação.

2.3.4 Reflexividade, criatividade e o desenvolvimento profissional docente

Antes do pensamento há os sentidos. Dizer com Descartes: “Penso, logo existo”, é omitir a imersão sensorial do homem no âmago do mundo. “Sinto, logo sou”, é outra maneira de admitir que a condição humana não é toda espiritual, mas à primeira vista corporal.

(LE BRETON, 2019, p. 11)

Ser professor e refletir. Parece natural, quase como se não houvesse outra forma de se fazer, porém, vivendo em um sistema capitalista, que visa lucros e resultados, muitas vezes a reflexão é trocada pelo automatismo. É preciso ter princípios éticos, políticos e estéticos muito bem definidos para firmar-se na concepção de que a reflexividade deve ser intrínseca ao fazer docente, de forma a não se deixar levar por ações mecânicas, que beiram ao desumano, porque retiram de nós aquilo que nos é próprio.

Vale ressaltar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 16) definem que:

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

- Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.
- Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Assim, percebe-se que se faz necessário que a reflexão seja permanente não apenas na preparação das experiências para bebês e crianças pequenas, mas

também no cotidiano da ação do professor, afinal, a reflexão, como ação típica do ser humano, desenvolve-se a partir do sentir, tendo a mente como espaço dessas ações (DAMÁSIO, 2022). Nesse sentido, defendemos aqui que embora todo ser humano seja capaz de refletir, se não lhe são dadas oportunidades para tal, pode-se viver uma vida mecânica, como que anestesiado pelo seu sentir. No que diz respeito ao fazer do professor, portanto, deve-se cuidar para a criação de oportunidades de reflexão, uma vez que a rotina escolar é tomada por demandas diversas.

Existem algumas estratégias que podem ser utilizadas, como a investigação-ação, a narrativa, entre muitas outras (ALARCÃO, 2003), como o estímulo à criatividade, pois entendemos que esta não é um dom, mas uma habilidade que deve ser estimulada, também na formação de professores. Acreditamos que a “escrita é um encontro conosco e com o mundo que nos cerca” (ALARCÃO, 2003. p. 53) e, com isso, dialogamos conosco em um nível de profundidade importante. A reflexividade narrativa (PASSEGGI, 2021), portanto, permite atingir níveis de consciência até então desconhecidos pelo narrador, pois acessa memórias, de curto e longo prazo, faz associações e projeções críticas às vivências do professor. Para a presente investigação, o diário de bordo é uma ferramenta fundamental para a promoção da reflexividade.

IMAGEM 2: Reflexividade a partir do diário de bordo

DIÁRIO DE BORDO: FERRAMENTA DE REFLEXIVIDADE



Ressalta-se que é a partir da reflexão que as experiências vividas pelo professor tomam forma de conhecimento científico. A experiência por si só não garante a transformação de ações, assim como a narrativa por si só também não. É preciso que se crie um ciclo agir-narrar-refletir-transformar para que a reflexão, a prática e a criatividade se associem de forma evidente, transformando a relação do professor com a própria prática.

Acreditamos que a "noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reproduzidor de ideias e práticas que lhe são exteriores." (ALARCÃO, 2003, p. 41). Isto é, a reflexividade, a capacidade de pensar criticamente sobre a própria vivência em sala de aula está estritamente atrelada à competência criadora, à criatividade.

3 METODOLOGIA

3.1 Contexto da pesquisa

Localizado no distrito de Cidade Ademar, o CEI estudado pertence a uma OSC com mais de 50 anos de existência, sendo a sua segunda unidade conveniada. No momento da escrita desta pesquisa, a entidade possuía 14 unidades, desenvolvendo atividades educativas em três áreas distintas: Educação Infantil, Arte e Educação e Núcleo Profissionalizante. Em seu site, a mantenedora relata atender 1180 crianças em CEIs, 1600 crianças de 7 a 14 anos, 750 adolescentes e adultos em cursos de profissionalização e 300 adultos na melhor idade, isto é, idosos.³⁹

O trabalho da unidade em questão é reconhecido pela comunidade escolar e também pela DRE a qual pertence, de Santo Amaro, tendo sido selecionada a expor suas vivências em duas edições da Jornada Pedagógica,⁴⁰ bem como comunicar o trabalho da coordenação em reuniões de DIPED. A escola atende duas comunidades próximas, Vila Inglesa e Coréia, e famílias de diferentes configurações.

³⁹ Disponível em: <<https://abrir.link/cOoX6>>. Acesso: 18 de julho de 2022.

⁴⁰ Jornada Pedagógica é uma ação formativa promovida pela Divisão de Educação Infantil (DIEI) da SME, envolvendo educadores e gestores da Educação infantil da rede municipal de São Paulo no compartilhamento de saberes e práticas pedagógicas, com o objetivo de materializar os princípios e eixos do Currículo da Cidade para a infância.

Em sua maioria, as mães possuem grau de instrução superior aos pais, todavia, a renda familiar é majoritariamente gerada pelo pai. Embora esteja localizada em uma região vulnerável e algumas casas não tenham acesso a saneamento básico, todas as famílias atendidas moram em casas de alvenaria.⁴¹ Vale ressaltar que

Até 1996, Cidade Ademar pertencia à região Administrativa de Santo Amaro e era a região periférica do centro urbano de Santo Amaro. Isto explica muito bem o porque da região sofrer de falta de recursos para investimento público em saúde, educação, asfalto, creches, transporte e condições dignas de moradia. (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2022, s.p.)

IMAGEM 3: Mapa das subprefeituras da cidade de São Paulo



Fonte: Site da PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2022, com alteração da autora.

No que diz respeito ao perfil sociocultural dos profissionais, apenas dois são do gênero masculino, sendo responsáveis pelo apoio na cozinha e na manutenção. A equipe pedagógica é toda feminina, sendo mais de 50% solteira e apenas 25%

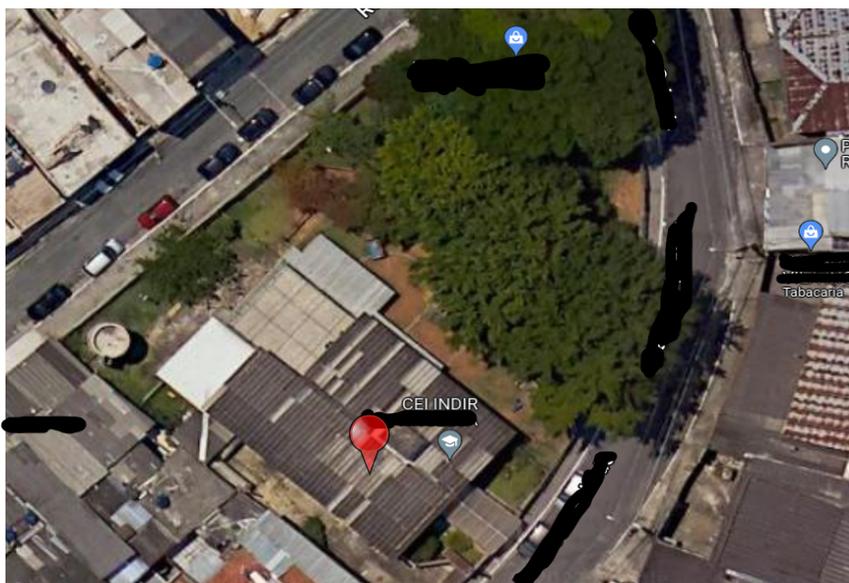
⁴¹ Dados obtidos no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar. Disponível em: <https://29661cbc-32a3-45f3-837b-b437af468745.filesusr.com/ugd/4c5077_b530d38a34104c2db4807f0a1437d950.pdf>. Acesso em 29 out. 2022.

com filhos. A equipe lê, em média, de 1 a 3 livros por ano e realiza a leitura de matérias de jornal majoritariamente pela internet.⁴²

A unidade escolar atende atualmente 144 bebês e crianças de 0 a 3 anos e 11 meses, sendo um dos poucos CEIs da região que atende berçário I, isto é, bebês de 0 a 1 anos. O CEI Composição, nome fictício dado à unidade, tem dois andares, sete salas de aula, um refeitório e um lactário. Além disso, conta com amplo espaço externo, dividido em parque, bosque, solário e outro espaço denominado pela equipe de “banco”. Sua área externa é uma das poucas áreas verdes da região, contando com árvores frutíferas e brinquedos diversos.

O prédio é da prefeitura e sua administração é cedida à OSC em questão, que fica responsável pela gestão e manutenção do local.

IMAGEM 4: Visão de satélite do CEI Composição



Fonte: imagem do Google Maps, 2022.

⁴²Dados obtidos no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar. Disponível em: <https://29661cbc-32a3-45f3-837b-b437af468745.filesusr.com/ugd/4c5077_b530d38a34104c2db4807f0a1437d950.pdf>. Acesso em 29 out. 2022.

IMAGEM 5: visão do CEI Composição pelo Google Street View



Fonte: print do Google Street View, 2022.

3.2 Participantes da pesquisa

Professoras, pedagogas, algumas com especialização, outras recém-formadas. Vindas do interior de Minas Gerais, nascidas e criadas em São Paulo, em comunidades ou em casas de classe média baixa. Tudo isso, embora importante, não caracteriza verdadeiramente as professoras que embarcaram na construção dessa pesquisa conosco. Palavras como guerreiras, inspiradoras e aguerridas também não dão conta, mas se aproximam mais da descrição dessas participantes.

Mulheres. Talvez esse seja o substantivo inicial. Mulheres professoras de educação infantil, de bebês e crianças bem pequenas. Mulheres que não restringem seu fazer a um cuidado mecânico, mas que compreendem a complexidade de sua profissão e por isso registram e estudam. Narram o que lhes acontece, o que lhes toca. São mulheres professoras-narradoras, com experiências diversas de vida-formação, repletas de símbolos e significados que, por mais que se tente, uma pesquisa não é capaz de exaurir. Em todo caso, esse breve capítulo será destinado a essa difícil tarefa de caracterizá-las, na esperança de que possam ser reconhecidas pelo trabalho primoroso que realizam em uma escola de comunidade.

Para realizar esta caracterização, utilizou-se os documentos dos prontuários das professoras mantidos pela escola, bem como seus próprios diários de bordo.

Participaram da pesquisa as professoras Iza, Lia e Tulipa, cujos nomes foram modificados para os de grandes cantoras, compositoras e intérpretes brasileiras, afinal, é isso que elas fazem todos os dias ao lado de bebês e crianças pequenas: criam e transformam novas realidades.

Iza entrou no CEI estudado em 2020. Formou-se em pedagogia na Universidade Estadual de Montes Claros no final de 2019, em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Possui pós-graduação em Educação Especial e Supervisão Escolar pela Faculdade Única e, no decorrer da pesquisa, precisou retornar para sua cidade natal por motivos pessoais. Por esse motivo, não trabalha mais na unidade estudada, tendo ficado lá por dois anos e meio, com turmas de Berçário II e Mini Grupo multietário - política da SME de criar salas com crianças de diferentes idades.

Diversas músicas de Iza poderiam ser utilizadas para representar a trajetória dessa mulher, mas fizemos a difícil tarefa de escolher alguns versos de “Ginga”⁴³ para simbolizá-la: “Sagacidade pra viver/ Lutar, cair, crescer/ Sem arriar ou se render/ Tem que defender”. Iza veio de Minas Gerais procurando desafios e aceitou o desafio de iniciar sua carreira de professora no CEI Composição, entrando justamente no ano em que a pandemia da Covid-19 teve seu início.

Lia trabalha no CEI Composição há mais de vinte e três anos, desde antes da transição das creches para a secretaria de educação. Formou-se em magistério pelo Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam) no ano de 2000 e em pedagogia pela Universidade Ibirapuera em 2008. Lia costuma trabalhar com as crianças mais velhas da unidade, de Mini Grupo I ou II, isto é, crianças de 2 a 3 anos e 11 meses.

Lia confidenciou diversas vezes durante o ano de 2020 o quanto admirava Lia de Itamaracá, patrimônio vivo de Pernambuco. Acreditamos também que Lia tem uma capacidade agregadora típica das cirandeiras, por esse motivo, o nome escolhido não poderia ser outro. Escolhemos versos da música “Minha ciranda”⁴⁴

⁴³ Faixa do álbum “Dona de mim”, lançado em 2018 por Iza.

⁴⁴ Música de Lia de Itamaracá

para identificá-la: “Pra se dançar ciranda/ Juntamos mão com mão/ Formando uma roda/ Cantando uma canção”.

Tulipa está no CEI desde 2017, ano em que se formou em pedagogia pela Faculdade Metropolitanas Unidas, que conseguiu cursar graças ao Fies ⁴⁵. Cursa atualmente pós-graduação em Alfabetização, Letramento e Psicopedagogia Institucional pelo Instituto Líbano. Na unidade, já trabalhou com Berçário II e Mini Grupo I, ou seja, com crianças de um a 2 anos e 11 meses.

Tulipa Ruiz, que empresta o nome para a participante, é cantora, compositora e ilustradora, uma multiartista, como Tulipa. Para quem está na escola, trabalhando ao seu lado, Tulipa é sinônimo de empatia e determinação. Assim, os versos escolhidos não poderiam ser outros, senão da música “Tu” ⁴⁶: “Mesmo no outro você é capaz de sentir/ Tu é total tentativa de coexistir/ Tu é o outro do outro que ainda vai vir”.

Os percursos das três participantes são únicos e foram brevemente tratados para uma melhor caracterização delas, sendo possível perceber a potência de suas trajetórias para as profissionais que são.

3.3 Por uma metodologia do sensível: a arte como catalisadora de emoções

a arte cria pontes e provocar é também entender que no outro tem sensação, sentimento e que algo de transformação positiva possa acontecer
(CRIOLO,⁴⁷ 2022, s.p.)

Muitas vezes vimos associado, na academia, o rigor metodológico ao distanciamento, à necessidade do pesquisador se afastar do objeto, sujeito ou fenômeno estudado para não estar carregado de emoções durante sua análise. Acreditamos, porém, que rigor metodológico não é sinônimo de insensibilidade, aliás, não há maior rigor do que os sentidos, tanto os sentidos físicos, isto é, pelo que de fato toca e atravessa nosso corpo, quanto pelo sentido psicológico, ou seja, por aquilo que nos gera emoções e sentimentos. Não entendemos o cognitivo de

⁴⁵ Fies é o fundo de financiamento estudantil criado em 1999 pelo MEC.

⁴⁶ Faixa do álbum de mesmo nome, “Tu”, lançado em 2017.

⁴⁷ Nome artístico de Kleber Cavalcante Gomes, cantor, rapper, compositor e ator brasileiro, idealizador das rinhas de MCs e indicado ao Grammy Latino de 2019. Essa epígrafe foi retirada de uma entrevista concedida ao podcast “Som a pino entrevista”

forma separada dos sentidos e das sensações, mas entendemos os sentidos como “os órgãos pelos quais a criatura viva participa diretamente das ocorrências do mundo a seu redor.” (DEWEY, 2010, p. 88). Ousamos, portanto, criar uma metodologia que respeite um novo tempo vivido ao mesmo tempo em que simbolize a reflexão historicamente acumulada por grandes pensadores da pesquisa e da educação.

Não se pretende reinventar rodas, mas encontrar uma que permita um atrito perfeito (ou próximo disso) do chão em que rola. Le Breton (2019, p. 12 e 13) tece considerações importantes sobre a emoção e conclui que aquelas que experimentamos traduzem “a significação conferida pelo indivíduo às circunstâncias que nele ressoam”. Ou seja, o significado que atribuímos às situações vividas está diretamente ligada à emoção experimentada em um tempo e espaço determinado. Por isso o desafio de uma pesquisa que pretende rememorar vivências passadas ao mesmo tempo que reflete sobre os obstáculos presentes, compreendendo que as vivências dos sujeitos são essenciais para a sua formação profissional.

Neste sentido, a presente investigação partiu de uma pesquisa qualitativa, pois tem inspiração na pesquisa narrativa e esta “como traz a experiência vivida de impossível quantificação, não pode situar-se numa matriz quantitativa de pesquisa, portanto, situa-se em uma matriz de pesquisa qualitativa” (PRADO; SERODIO, 2018, p. 42).

Como primeiro movimento da pesquisa, muitas vezes chamada de análise documental, realizou-se um inventário das produções das professoras em seus diários de bordo elaborados durante o ano de 2020, em isolamento social. Optou-se por chamar de inventário, pois não se trabalhou, nesta etapa, com dados novos, mas pré-existentes. Entendemos, porém, que a produção de novos dados se dá na oportunidade do levantamento destes:

Ao inventariar (PRADO; MORAIS, 2011) os (guar)dados (GERALDI, C, 1993) e escolher aqueles que contribuem com o andamento da pesquisa [...] a professora-pesquisadora-narradora produz narrativas e essas narrativas passam então a constar entre os aqui (ainda) denominados dados. (PRADO; SERODIO, 2018, p. 45).

Isto significa, portanto, que a metodologia trabalhou com os binômios vivido e narrado, recontado e transformado, sendo tomados por uma subjetividade que legitima a ação docente como humana, complexa e insubstituível. Após esse

inventário, realizado pela pesquisadora, reunimos excertos dos diários de bordo produzidos pelas docentes em isolamento social para a produção de outro inventário, este, significando, porém, invenção, um neologismo pretensiosamente rosiano para propor um trabalho artístico a partir do produzido por elas.

Entendemos que, ao se confrontar com o narrado por si mesmas, as professoras produziram novos sentidos sobre o vivido, compartilhando, por meio de narrativas, colagens, desenhos ou outras formas de expressão, o que significaram de suas vivências para quem são hoje. Não se trata de uma metodologia apenas memorialista, mas uma que, por meio da arte, articule (ou arte-cure) o que há de mais sensível nas vivências das pessoas. É, portanto, acreditando que “os sentidos produzidos pelos sujeitos sobre si e sobre seus mundos sociais revelam modos de apreensão e interpretação do vivido.” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 22), que essa metodologia se desenvolve, especificamente para essas vivências, para essas retomadas de consciência.

A arte, sob as mais diversas modalidades, escrita, literatura, poesia, música, pintura... nos permite agregar fragmentos de nossas experiências sensoriais - imagens, sons, perfumes, sabores - que nos escapam, fogem. A arte de narrar eterniza esses fragmentos do eu sob formas de uma narrativa automedial. (PASSEGGI, 2021, p. 108)

Compreendemos como narrativa, o texto em seu sentido mais amplo, como definido por Bakhtin (2016, p. 71) “qualquer conjunto coerente de signos”, afinal, onde “não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento”. Novamente, portanto, a pesquisa aborda a subjetividade, afinal cada texto, “é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido” (BAKHTIN, 2016. p.74). A arte, portanto, é parte fundamental da produção de subjetividade que permeia a pesquisa (KASTRUP, BARROS, 2020).

Esses dois primeiros movimentos de inventários (de recolha de excertos e invenção criativa), foram responsáveis pela criação de uma música, de uma narrativa, que visou atingir os dois primeiros objetivos específicos, a saber: identificar os sentimentos causados pelo afastamento das professoras da escola; investigar de que maneira os profissionais relatam/identificam o impacto dos momentos formativos em pandemia, no seu trabalho hoje. Tudo isso em um processo dialógico, ou seja: a criação das professoras, a partir de suas próprias anotações, foi realizada conjuntamente, em reunião híbrida, com presença física de

Tulipa, Lia e da pesquisadora e, remota, de Iza, tudo isso objetivando trocas de reflexões acerca das obras de arte. Isto porque o “acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos.” (BAKHTIN, 2016, p. 76)

Foi essa vivência, a partir do já vivido, que outras narrativas foram criadas, tornando possível levantar pistas, a partir de uma experiência, para o desenvolvimento profissional docente em CEIs parceiros. A inspiração na pesquisa narrativa, portanto, encontra-se na concepção de que a “arte de narrar inscreve-se na subjetividade e implica-se com as dimensões espaço-temporal dos sujeitos quando narram suas experiências.” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 23). Todavia, completamos com a expressão artística aquilo que o simbolismo das palavras muitas vezes não dá conta, compreendendo a expressão do sujeito em sua integralidade. Devemos essa concepção ao fato de estarmos imersas no contexto da infância e da valorização de suas múltiplas linguagens.

A análise do levantamento de tais narrativas não se ocupará de “interpretar o evento biográfico, enquanto transitório”, mas buscará “compreender-interpretar a sua significação.” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 34). A escolha da arte, do sensível e das relações como metodologia de pesquisa repousa em uma escolha política de firmar os pés no terreno da experiência e reflexividade. Não buscamos os resultados no sentido de ranqueados, mas uma resultante de transformação educacional que leve em consideração seus sujeitos. É tendo a certeza de que precisamos de uma “investigação educativa que, em consonância com a sua fragilidade, com a sua natureza delicada, busque paradoxalmente, ‘tocar’ o intangível.”⁴⁸ (tradução livre, DOMINGO, 2015, p. 39).

3.3.1 Encontrando as notas ou procedimentos de produção de dados

Nenhuma pesquisa pode iniciar pretendendo solucionar os problemas de um local e não levar em consideração as produções pré-existentes. Tendo isso em mente, há uma imensidão de dados já produzidos durante todo o período pandêmico que evidenciam a aprendizagem e desenvolvimento profissional das participantes.

⁴⁸ “una investigación educativa que, en consonancia con su fragilidad, con su naturaleza delicada, busque, paradójicamente, ‘tocar’ lo intangible.” (DOMINGO, 2015, p. 39).

Tais relatos estão sistematizados em diários de bordo e tecem considerações sobre o período vivido, os estudos realizados e os questionamentos que surgiram durante o trabalho remoto, afastado do cotidiano com as crianças.

Nesse sentido, o primeiro movimento da pesquisa foi uma leitura atenta dos diários de bordo de três professoras. A música aparece como uma metáfora recorrente durante o trabalho e tem relação com como compreendemos o pensamento e a cognição. Inspirados em Deleuze e Guattari (2011), construímos essa narrativa musical por meio de rizomas e cartografias, acompanhando processos de produção de conhecimentos.

3.3.1.1 Primeiro Movimento: inventário dos diários de bordo do primeiro grupo - Iza, Lia e Tulipa

As escritas no diário de bordo em isolamento social das professoras Iza, Lia e Tulipa somam mais de 1246 páginas, entre textos próprios e devolutivas da coordenadora pedagógica. Essas páginas são indícios da urgência da escrita como ferramenta de autoconhecimento, uma vez que a pandemia escancarou a necessidade de transformar a prática docente em todas as etapas de ensino, especialmente na educação infantil. Ao ler cada uma dessas páginas para realizar o inventário, diversos trechos foram selecionados como importantes, por revelar entendimentos sobre o isolamento social, o trabalho na educação infantil, desenvolvimento profissional, entre outros.

Por ser essa uma pesquisa desafiadora, que se nutre do passado, discutido no presente para propor algo no futuro, define-se muito a partir de um movimento dialógico, transversal. Para que o diálogo acontecesse, porém, foi preciso oposição, e é aqui que a dialética entrou. As narrativas criadas pelas professoras em 2020 representaram um momento histórico específico, de angústia e aflição: pouco se conhecia sobre a doença que chegava ao Brasil e a única ação a ser realizada era ficar em casa.

As professoras ficaram sem a escola e os bebês e as crianças sem a possibilidade do trabalho que, de certa forma, funcionava como rede de apoio emocional. As reuniões que aconteciam semanalmente eram vistas como um

momento de alívio, em que as conversas se tornavam momentos de sanidade, conforme alegam nas suas escritas: “em nossas reuniões semanais a coordenadora Paula inicia perguntando como estamos e sempre demonstra estar pronta para nos escutar, admiro essa atitude e faz muita diferença em nossos dias.” (diário de bordo da professora Iza, 2020)

Para a realização da pesquisa, fizemos a leitura minuciosa das páginas escritas pelas professoras e levantamos trechos relevantes para a presente pesquisa. A partir do levantamento desses trechos, os dividimos em sete tópicos, a saber:

1. Reflexão sobre a prática
2. Os encontros formativos
3. Incertezas
4. Ser professor (presencial e remotamente)
5. Os estudos (*lives*, cursos, artigos, textos, etc.)
6. O tempo
7. Perdas

Após uma primeira análise, porém, sentimos necessidade de criar um tópico que abrangesse a criatividade das professoras, que durante o período de isolamento social criaram poemas, desenhos e inclusive escreveram livros e cordéis para as crianças. Sendo assim, a análise ficou com oito tópicos, os sete elencados anteriormente e o tópico Arte e criatividade. Os trechos foram divididos em uma tabela para cada professora, em que consta em uma coluna o tópico e na outra os trechos retirados dos diários de bordo (ANEXO A; ANEXO B; ANEXO C). A análise desse inventário foi chamada de primeiro movimento e as seções seguintes são os períodos que o compõe.

3.3.1.1.1 Iza: desenvolvimento profissional em início de carreira

Nas 341 páginas de seu diário de bordo, escritas entre os dias 13 de abril e 23 de dezembro de 2020, acompanhamos o desenvolvimento profissional da professora Iza, que tinha, à época, um ano de formada e acabara de entrar na instituição escolar. Iza dividiu seu diário em dois momentos: descrição do dia, em que relatou as leituras, cursos e *lives* que fez; e reflexão, em que teceu

considerações sobre algo que lhe chamou mais atenção durante seus estudos ou reuniões.

Diversas vezes Iza descreveu estar ansiosa, seja com o momento pandêmico vivido, seja com a falta de interação dos responsáveis pelos bebês e crianças, ou seja, pelas incertezas, pois à época, a prefeitura anunciava o retorno das escolas e depois voltava atrás. Em um trecho, lê-se:

Ansiedade de saber quando tudo isso acabará, quando iremos voltar para as nossas rotinas normais. Acredito que muitas pessoas vêm passando por isso. É quase que inevitável não se sentir ansioso à espera do que há de vir. (diário de bordo da professora Iza, 2020)

Não saber o que esperar dos dias, portanto, era motivo de extrema ansiedade. Na educação infantil, a rotina é trabalhada como forma de garantir previsibilidade aos bebês e crianças, que aos poucos se apropriam da sequência dos acontecimentos do dia como forma de se autorregular e prever o que acontecerá. A angústia demonstrada pela docente nos dá indícios de que a capacidade de previsibilidade é importante para os adultos também.

Todavia, Iza percebia os encontros formativos que aconteciam nos agrupamentos como espaços seguros de conversa e apoio. Esses momentos permitiam que sentisse certa tranquilidade em meio ao turbilhão de sentimentos causados pela pandemia e o afastamento da escola. A insegurança de estar conseguindo fazer o seu trabalho, de forma a chegar aos bebês e crianças é uma constante em seus escritos, sendo o momento das reuniões, um período em que conseguia se sentir acolhida e respeitada enquanto profissional. Ela relatou:

Depois da reunião com a coordenadora Paula, me senti um pouco mais tranquila, pois confesso que estava ansiosa sobre tudo que está ocorrendo, relatei aqui no diário de bordo (nos dias anteriores) que apenas algumas mães interagiram pelo *padlet* conosco, porém por meio da conversa com a coordenadora Paula, através de sua fala, consegui me tranquilizar um pouco mais. (diário de bordo da professora Iza, 2020)

As reflexões da professora estão permeadas de um movimento reflexivo sobre sua própria rotina. Relatou ter aprofundado sua relação com a arte em suas diversas manifestações e refletiu que esse acontecimento parecia ser generalizado em seu ciclo social. Alegou que se não fosse a arte, o tédio consumiria as pessoas, ao dizer:

Muitas pessoas se sentem “entediadas” durante este período de isolamento se não fosse a arte para nos salvar. Este momento em casa faz com que ouçamos mais músicas, dançamos mais, assistimos a documentários,

teatros, filmes, danças, conseguimos realizar visitas virtuais a museus, algumas pessoas têm lido mais livros, outras feito poesias e poemas. (diário de bordo da professora Iza, 2020)

Em diversos momentos, a professora refletiu sobre os encontros formativos e os conteúdos discutidos nele. Em certa oportunidade, na qual foi discutido sobre conceitos físicos e matemáticos que os bebês e crianças pequenas desenvolvem ao brincar, escreveu:

Durante a reunião conseguimos em grupo realizar algumas reflexões e discussões sobre os conceitos físicos e matemáticos, cheguei a relatar que durante as pesquisas que fiz, senti um pouco de dificuldade, pois me sentia “bloqueada” para esses conceitos de física, contei também que os professores são muito importantes em nossas vidas e tanto um professor bom, como um professor ruim nos marcam. No caso da física não tive sorte com os professores, muitas vezes me sentindo incapaz. Fiquei refletindo em como é importante meu papel enquanto educadora, para que meus bebês e crianças não se sintam dessa forma em nenhum momento, pois sei que essa sensação não é boa e será lembrado por eles para sempre. Noto que através dessas pesquisas o papel do professor durante todo esse processo é muito importante, ressalto a importância também do olhar sensível, pois muitas vezes estamos acostumados a “enxergar” tudo aquilo que está sobre a nossa visão. Porém, o processo de aprendizagem que nossos bebês e crianças passam vai muito além do olhar, é preciso também sentir. Assim o professor deve buscar se preparar sempre, realizando pesquisas e planejamentos para que seja oferecido o nosso melhor, em prol das aprendizagens dos nossos bebês e crianças. (diário de bordo da professora Iza, 2020)

Fica evidente, nas reflexões traçadas, que Iza procura relacionar o que é discutido com as suas experiências de vida, seja enquanto professora ou aluna. Esse movimento é característico da reflexividade e evidencia um movimento de transposição entre teoria e prática/vivência e estudo fundamental para o desenvolvimento profissional. A pesquisa que realizou, trouxe à tona memórias de sua experiência enquanto aluna, o que possibilitou que traçasse planos para o seu futuro profissional, definindo o rechaço aos profissionais não empáticos, tais quais os professores de física com os quais encontrou durante seu percurso acadêmico.

Em muitos momentos, Iza também trouxe reflexões sobre o quão importante é, para ela, estar no coletivo. Ainda no período da discussão sobre os conceitos físicos e matemáticos, a professora escreveu: “A reunião de hoje serviu também para matarmos um pouco da saudade de estarmos com as outras professoras, de ver as carinhas de felicidade e suas falas, que são riquíssimas.” (diário de bordo da professora Iza, 2020)

A professora evidenciou a importância da relação para o fazer docente, dando indícios da centralidade do trabalho colaborativo. Iza tratou do assunto de uma forma afetiva, apontando, em primeiro lugar, as saudades, em segundo, os rostos de felicidade pelo encontro e, por último, a riqueza das falas. Entende-se aqui, a partir da integralidade do sujeito (WALLON, 2007), que o domínio afetivo acessa o cognitivo, fazendo com que a professora percebesse a riqueza das falas das colegas movida pela afetividade que sentia por elas. Em outro momento, Iza escreveu:

Sinto um calor no coração quando nos reunimos todas juntas, mesmo distantes é muito bom poder ver o rosto e ouvir as vozes das minhas colegas do CEI que tanto nos somam enquanto profissionais e enquanto seres humanos. Acho muito rico a composição de falas que ocorrem e como umas completam as outras. Juntas, iniciamos a construção de um mapa mental destacando pontos importantes durante o decorrer do nosso trabalho remoto. É nítido o quanto todas as formações nos modificaram e acrescentaram para o nosso crescimento e amadurecimento de ideias. Enxergo como grandes desafios, que chegam a dar um 'friozinho' na barriga, mas quando ocorre fica um 'gosto' de quero mais. As formações para mim foram muito importantes para que aos poucos eu conseguisse compreender a característica da equipe e assim admirá-las ainda mais, mesmo eu tendo trabalhado em uma escola de Educação Infantil, todas as escolas são singulares pois possuem suas características que as tornam únicas. Sinto-me muito feliz em poder fazer parte desta equipe e ter pessoas ao meu redor que me motivam tanto, às vezes pequenos gestos que uma determinada pessoa faz ou fala já me modifica. (diário de bordo da professora Iza, 2020)

Fica evidente que, para a professora, os momentos formativos foram essenciais para seu desenvolvimento profissional. Como iniciante na escola e na profissão, avaliou esses espaços como vivências que serviram para compreender as características da equipe e da instituição, adentrando em sua concepção e entendendo suas especificidades. A admiração pelo trabalho das colegas está atrelada à admiração pelas pessoas com quem divide o cotidiano e as reflexões, referendando a concepção walloniana de sujeito integral.

A professora refletiu sobre muitos outros assuntos, como o papel da educação, ser professor, racismo e a própria narrativa. Sobre ela, escreveu:

Acredito que as histórias são importantes de serem contadas e principalmente são muito importantes de serem ouvidas. Eu em particular, amo escutar o próximo, isso me fascina, quando estou na escuta, vêm um "exército" de pensamentos e reflexões que me causam problematizações que de alguma forma, faz com que eu busque tirar o melhor proveito daquilo que ouvi. (diário de bordo da professora Iza, 2020)

As narrativas que Iza teceu durante suas escritas no diário de bordo são apenas fragmentos de uma vida profissional em isolamento social, que essa

pesquisa resgata para compreender os significados do desenvolvimento profissional docente em isolamento social. Esse é o primeiro período do primeiro movimento, que dá o tom da música que estamos compondo.

3.3.1.1.2 Tulipa: desenvolvimento profissional e memórias de vida, um exemplo de reflexividade

Nas 538 páginas de seu diário de bordo, também escritas entre os dias 13 de abril e 23 de dezembro de 2020, a professora Tulipa descreveu sua rotina e a relação que estabelecia com as pesquisas que realizava. Grande parte dos seus registros começam com a frase “Iniciei meu dia acessando a plataforma Teams para acompanhar os recados da coordenadora e suas sugestões de leitura”, contando que parte da sua rotina era tomada pela observação e análise daquilo que a coordenadora pedagógica lhe orientava.

A partir dessa frase, ela começa a tecer suas reflexões, contando quais das sugestões enviadas pela coordenadora foram escolhidas para estudo e reflexão no diário de bordo. Interessante notar que costumava fazer um resumo daquilo que leu/assistiu, de forma que suas reflexões se mostram contextualizadas. Tal prática tornou possível um entendimento global dos seus pensamentos.

Sempre que se deparava com um artista ou acadêmico que não conhecia, percebemos que pesquisava sobre sua vida, o que evidencia uma compreensão da importância das experiências de vida para as produções de cada um. Ao longo de sua escrita, muitas vezes levantava pontos sobre como a pandemia a afetou, pessoal e profissionalmente. Em diversos momentos evidencia o receio com as novas tecnologias, registrando frases como:

A plataforma, apesar de parecer simples o manuseio, me assustou um pouco, já que sou muito leiga quando se trata de aplicativos. Muitas dúvidas surgiram, principalmente um medo de não saber se conseguirei corresponder de forma positiva a essa nova fase (diário de bordo da professora Tulipa, 2020)

Tulipa descreveu sentir-se angustiada e desanimada com diversas situações, como a falta de retorno das famílias sobre as propostas, todavia, também pontuou que as sugestões enviadas pela CP “têm ajudado muito, me mostrado um norte para minhas pesquisas e me auxiliam na elaboração de propostas tanto nesse momento

de isolamento, quanto para o retorno às aulas” (diário de bordo da professora Tulipa, 2020).

A professora colocou, ainda, que as “reuniões de agrupamento são sempre muito tranquilizantes e nos deixam mais aliviadas quanto às incertezas que vamos carregando no nosso dia a dia. É uma reunião bastante relaxante, gosto muito” (diário de bordo da professora Tulipa, 2020). É comum encontrar frases como essas em seus registros, que evidenciam o quanto as relações são fundamentais para o desenvolvimento profissional em geral, mas foram essenciais durante o isolamento social. Para a professora, muitas “são as aprendizagens adquiridas nas reuniões de agrupamentos semanais, que reforçam a importância de dialogarmos e nos proporcionam a sensação de acolhimento sempre” (diário de bordo da professora Tulipa, 2020).

Ainda sobre os encontros formativos, Tulipa desenvolveu reflexões sobre a prática atrelada à sua experiência com o racismo sofrido na infância e concluiu: “É muito importante nós educadores refletirmos o quanto a atitude de preconceito afeta a vida das crianças e as marcam muito” (diário de bordo da professora Tulipa, 2020). Também teceu considerações sobre o racismo a partir do assassinato de George Floyd ⁴⁹, dizendo:

O racismo é um problema antigo, que vem persistindo nos dias atuais. Pessoas que são humilhadas e discriminadas pelo simples fato de serem negras. Já vivi isso na pele e já presenciei por diversas vezes meus amigos passarem por isso também. Só quem viveu esse tipo de situação sabe o quanto é doloroso e o quanto isso nos marca por toda a vida. (diário de bordo da professora Tulipa, 2020)

Tulipa acessou muitas de suas experiências de vida, fossem elas pessoais, como as que trouxemos anteriormente, de sua família, ou coletivas, da instituição escolar. Usou dessas vivências para compreender acontecimentos como racismo, evasão escolar e desigualdade social. Compartilhou muitas de suas memórias com suas colegas de trabalho, propiciando a construção de uma relação ainda mais próxima. Concluiu uma de suas reflexões dizendo que foi “muito bom compartilhar fatos que eu sempre guardei para mim. Sem contar que pude conhecer histórias riquíssimas de vida das pessoas com quem trabalho” (diário de bordo da professora

⁴⁹ Jovem negro assassinado por um policial branco em 2020. Para maiores informações: <<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pela-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/#cover>>. Acesso em: 28 de agosto de 2022.

Tulipa, 2020). Para a professora, relacionar suas experiências de vida às teorias estudadas foi um potencializador de suas aprendizagens e reflexões.

Pela quantidade de páginas e reflexões, fica evidente que Tulipa leu muitas das sugestões enviadas pela coordenadora pedagógica. Uma delas foi um artigo escrito por duas de suas colegas sobre arte na educação infantil. Nessa oportunidade, escreveu:

parei para refletir que o meu contato com a arte em tempos de pandemia tem sido diferente, pois passei a compreender a arte com outros olhos. Vale ressaltar que estou tendo mais tempo para ouvir mais músicas, assistir a mais filmes que tem como tema a arte, a pesquisar mais sobre a arte e isso tudo tem contribuído de forma significativa, para a ampliação dos meus conhecimentos diante do tema. Além de me tornar uma pessoa mais sensível e reflexiva. (diário de bordo da professora Tulipa, 2020)

A professora percebe, a partir da troca com suas parceiras, que a arte ocupou outro lugar em seu cotidiano em isolamento social. Pontuou que passou a compreender a arte de uma forma diferente, percebendo que, em relação com expressões artísticas, se tornava ainda mais sensível e reflexiva. Ampliou, por meio de cursos, sua compreensão dessa forma de expressão:

Participar do curso ⁵⁰ modificou muito o meu olhar sobre a arte, me fazendo compreender que é preciso pensar a arte como algo desafiador, um fazer criativo. Me levando a perceber que há uma imensidão de materiais que podem ser utilizados a favor da arte. Sendo importante a experimentação, aproveitando sempre a experiência vivenciada dentro do processo de criação. (diário de bordo da professora Tulipa, 2020)

As narrativas de Tulipa também evidenciam sua história de vida e luta para tornar-se professora

ser professora pra mim é um sonho concretizado, uma conquista valiosíssima, diante tantas dificuldades encontradas. Já que a minha família não tinha como me ajudar a pagar a faculdade e na época eu ganhava 500,00 e ainda tinha que ajudar com as despesas em casa. Ainda tinha os gastos na faculdade, como livros, refeições, xerox, etc. Foi muito difícil, confesso que pensei em desistir, mas graças a Deus eu consegui o financiamento do Fies que me deu um estímulo para seguir. Hoje continuo pagando o financiamento, mas não me arrependo. (diário de bordo da professora Tulipa, 2020)

Acompanhar o diário de bordo de Tulipa é uma tarefa de perceber a reflexividade evidenciada pela escrita de si. Suas narrativas trazem conceitos complexos, escancaram as desigualdades sociais e possibilitam uma compreensão

⁵⁰ “Como pensar e trabalhar a arte (que arte?) na Escola?”, de Susana Rangel

do significado do isolamento social para seu desenvolvimento profissional. Esse segundo inventário compõe o segundo período do primeiro movimento.

3.3.1.1.3 Lia: desenvolvimento profissional de uma professora experiente

A professora Lia, nas 367 páginas escritas de seu diário de bordo, estabeleceu diálogos profundos consigo mesma, afinal, após mais de vinte anos de trabalho naquela instituição, pela primeira vez encontrava-se afastada do ambiente escolar por tanto tempo. Lia resgatou suas vivências para tecer suas reflexões, em um movimento freiriano de reflexão sobre a prática. Apesar das angústias e anseios com essa nova realidade, Lia elaborou:

sabe o que me ergue, o que me dá força, é que apesar de tudo, seguimos em busca, não estamos deixando de pensar, estudar nenhum minuto, mas a preocupação existe de todos nós envolvidos na educação. Estamos nos expondo frente a qualquer coisa pensando no que acreditamos, merecíamos muitas palmas. (diário de bordo da professora Lia, 2020)

Lia também refletiu sobre a solidão vivenciada com o isolamento social, reforçando o papel dos encontros formativos para atenuar esse sentimento. A professora entendeu que estava se apoiando no trabalho para não pensar nos sentimentos que a pandemia e as perdas pessoais estavam causando, sentindo que os encontros com a equipe lhe davam espaço para se permitir sentir tudo.

Gostei muito da reunião, e me senti acolhida, como venho me sentindo, mas até então não tinha parado para ficar pensando muito em meus sentimentos, o que mais tenho feito é trabalhar para não pensar, mas desde sexta-feira eu estou conseguindo para um pouco e só deixar ir, porque isso vai passar mesmo no meu pessoal, tenho trabalhado isso em mim, claro que às vezes me pego chorando, mas ainda assim tenho pessoas para desabar, não estou sozinha, como não quero que as crianças se sintam da mesma forma. (diário de bordo da professora Lia, 2020)

De forma esperançosa, a professora Lia em diversos momentos teceu pedidos para que as coisas ficassem melhor, evidenciando a importância dos olhares e, portanto, das relações para a construção do ser humano.

Fica aqui uma esperança de voltar encontrar olhares diferentes com uma mudança de que todos valorizem ao colocar os pés na porta, dirigir o olhar para seu arredor de forma que o sentimento acolhedor, calor, gentileza, de forma que o espaço mostre e acolhe a vida. (diário de bordo da professora Lia, 2020)

A professora também resgata memórias de sua infância, registrando inclusive ter ficado horas olhando fotografias antigas com sua mãe, como uma forma de

resgatar a criança que foi, as brincadeiras que fazia dentro de casa para proporcionar a mesma alegria para as crianças em isolamento social.

Ficávamos muito na casa da minha avó, brincávamos o dia inteiro, não tínhamos um baú de brinquedos, mas uma caixa, bem cheia, de bonecas, acessórios, brincava de médico, uma era enfermeira, outra era médica, por conta da influência da minha mãe, brincávamos de igreja, porque minha família sempre foi para a igreja, éramos influenciadas, brincávamos de escola, de banco.

Na casa da minha avó ficava eu, minha irmã e minha prima, que morava com minha avó, porque minha tia morava com ela, fora os primos que às vezes ficavam nas férias e vizinhos.

A gente desmontava a casa da minha avó e fazia outra casa no quintal, (risos) era muito legal, às vezes até o colchão a gente pedia para brincar no quintal e montava uma casinha, tinha sala, cozinha, comidinha, às vezes pegávamos as comidas cruas arroz, feijão e até as goiabas que caíam da árvore e folhas do quintal de verdade para brincar de comidinha, pegávamos roupas da minha avó, vestíamos, bolsas, as almofadas e nos divertimos muito.

Minha avó tinha uma mesa de madeira na sala de jantar que era a maior sensação, a gente fechava com cobertor e brincava por baixo de cabaninha, lembro que minhas primas colocam medo na gente. (diário de bordo da professora Lia, 2020)

Em alguns momentos, Lia esmiuçou frases enviadas pelos pais das crianças do seu grupo, de maneira muito reflexiva, como quem deseja manter as relações o mais próximas possíveis. Certa vez, os pais de uma criança escreveram na plataforma: “Lia, a M. C. está com muita saudade! Ela tá dizendo que ama os amiguinhos e professora, e quer voltar pra escola. E quer dar moedas... (risos da família) Bjus pra todos”. Ao ler isso, Lia escreveu:

M. C. passando pelo processo no qual ela sabe que algo está acontecendo, ela quer ajudar, mas não sabe como, tenta com suas moedas porque para ela dando essas moedas talvez ela não perca o que ela tanto ama, que é seus amigos, e ela se expressa por isso, tenta fazer algo, porque ela ama a professora e sua creche, seu espaço, seu mundo.

E o que nós adultos fazemos? Nós adultos não fazemos nada, o nosso corpo responde pelo que está incomodando, ansiedade, perda do sono, medo do esperado... Lembrei-me da reunião e até mandei a mensagem para as minhas colegas que estão passando exatamente por isso, esperando que elas tentem enxergar o que vai além daquelas simples palavras de M. C.

Ali ela tinha voz, dava afeto, se expressava, recebia M. C. e sua inocência diante um enorme problema e desde muito pequena está muito na frente dos adultos que estão começando agora, a saber o que é perder, M. C. não aprendeu tudo, mas ela está muito à frente de muitos adultos que não perceberam que estamos perdendo. Hoje me lembrei do abraço da G. e ao mesmo tempo percebo que hoje eu perdi o abraço da G..

Finalizo essa minha reflexão do dia, dizendo que estamos fazendo parte de uma grande mudança no mundo, as pessoas não serão mais as mesmas, segundo as palavras ditas pela nossa coordenadora pela manhã na reunião, confesso que diante daquela reunião por vídeo vendo minhas parceiras que estiveram durante um dia inteiro fazendo o que sentíamos com muito amor, eu não queria nem desligar, fico imaginando M. C. com

suas moedas tentando dar sua forma e processo de compreensão do mundo tentando, resgatar ter de volta o abraço, o brincar junto, o estar junto daquilo que tanto ama e que tanto lhe faz falta, e que tanto lhe faz um bem e que parece que estamos perdendo.

Parece que estamos tendo que aprender a amar, só que de um jeito diferente, como não abraçar, mas não abraçar por amor, não abraçar porque estamos cuidando por amor, não estar junto por amor.

Entende que estamos vivendo um novo jeito de amar e para esse processo vamos ter que perder, e é a perda de algo para valorizarmos muito mais o outro no cuidar. (diário de bordo da professora Lia, 2020)

Fica evidente o quanto as relações são importantes para a professora, que, com uma frase enviada pelos pais de uma criança, entra em um movimento reflexivo que a faz recordar da reunião que teve, de suas colegas de trabalho que estão precisando de ajuda e do abraço das crianças. A reflexividade, portanto, é intensificada a partir de uma frase que a toca profundamente.

Interessante notar também, que a professora parece ter construído uma concepção forte da importância de sua escrita, pois escreveu:

Futuramente para quem estiver lendo esse diário: “Queridos professores, diante de tudo que estamos passando historicamente, e pesquisadores, isso vai passar, tudo vai dar certo e você vai conseguir, e já dizia minhas tias, com todo respeito aos mais velhos, e outros adultos que conheci ao longo da minha vida, que não são tão velhos assim, vai tentando, tente, prefira tentar, ou vai querer morrer sem ter tentado...”. Ainda mais nos dias que estamos vivendo. (diário de bordo da professora Lia, 2020)

Lia assumiu esse perfil de esperança em muitos momentos, mesmo com as dificuldades que enfrentou com a tecnologia, com o isolamento e com as perdas que sofreu. Para ela, o estabelecimento de rotina foi um dos grandes responsáveis por manter certa tranquilidade. Esse é o terceiro período, que fecha o primeiro movimento em tom de esperança.

Muitas são as semelhanças e diferenças encontradas nos registros das professoras. Em essência, eles relatam a humanidade de sujeitos preocupados com o que acontecia com o mundo e especificamente com a educação. Evidenciam a potencialidade da escrita como memória e autoconhecimento, colocando as relações como centralidade do processo educativo.

3.3.1.2 Segundo movimento: inventário invencionário

No momento de realizar esse segundo movimento, uma das professoras, Iza, retornava para sua cidade natal, motivo pelo qual foi realizado de forma híbrida.

Tulipa, Lia e a pesquisadora se encontraram presencialmente e realizaram uma vídeochamada com Iza, que recebeu uma caixa com alguns itens. As demais professoras receberam a caixa no dia da pesquisa, contendo os mesmos itens, a saber:

- Uma pasta com 10 folhas canson e 15 folhas coloridas lumipaper
- 1 tela de pintura 20x30
- Um estojo de lápis de cor staedtler com 12 cores, lápis grafite e borracha
- 1 estojo de aquarela molin
- 2 potes de massinha com argila
- 1 pacote de massa de modelar para cerâmica
- 1 cola em fita
- 15 copos de café de papel
- 1 estojo contendo canetas permanentes spiral 6 cores
- 1 estojo contendo 12 cores de giz de cera acrílex, 2 carvão para desenho e 2 fitas durex coloridas
- 5 cones de linhas pretos
- 1 pedaço de tecido estampado
- 3 revistas diversas

IMAGEM 6: Foto da caixa enviada para a professora Iza



Fonte: fotografia da autora, 2022

A pesquisadora elaborou um roteiro com alguns excertos dos diários de bordo das professoras, que foram organizados no inventário, no primeiro movimento (ANEXO D). O inventário invencionário teve duração de 4 horas e foi transcrito pela pesquisadora para propiciar uma análise mais minuciosa. O encontro começou com um acolhimento: as professoras foram recebidas por um versinho de bem-querer, encomendado em 2020, como uma forma de relembrar o momento vivido e acolhê-las na experiência da pesquisa. O versinho tem a seguinte letra e pode ser ouvido acessando o *QR Code* a seguir.

Pisa na canoa, canoeiro
 Não deixa a canoa revirar
 Essa canoa só foi feita para o meu bem passear
 Essa canoa só foi feita para o meu bem passear

Eu subi naquela serra
 Só pra ver o sol nascer
 E cantar para o CEI
 Um verso de bem-querer

Rio abaixo e rio acima
 Vai a noite, vem o dia
 À equipe lá do CEI,
 Agradeço a parceria

Lua cheia lá no céu
 Clareando o meu sertão
 Esse verso é de amor,

De carinho e gratidão

Lá no céu caiu um cravo
De tão belo, desfolhou
Esse verso com alegria
Foi a Paula quem mandou

Pisa na canoa, canoeiro
Não deixa a canoa revirar
Essa canoa só foi feita para o meu bem passear
Essa canoa só foi feita para o meu bem passear.

IMAGEM 7: QR Code para acessar o versinho de bem-querer



Fonte: gerado pela autora, 2022.

Em seguida, a pesquisadora compartilhou os objetivos da pesquisa, agradecendo a participação e disponibilidade das professoras em se reunirem em um sábado pela manhã para o grupo reflexivo. Pensou-se na organização do inventário invencionário na forma de um grupo reflexivo, entendendo que este

se distingue das noções de grupo focal e de grupo de discussão já consagrados na literatura. Duas características são primordiais para sua definição. Em primeiro lugar, a ideia de pertencimento institucional ao grupo [...] Em segundo lugar o objetivo de se voltar para si. Em terceiro lugar, partilhar experiências e práticas comuns, na direção de um projeto comum: reelaborar, coletivamente, conhecimentos disciplinares, práticos, identitários, que se encontram no cerne de suas práticas pedagógicas. As aprendizagens decorrentes da reflexão e reinterpretação incidem sobre a percepção de si, dos pares e de crianças, jovens e adultos, que acompanham na escola. (PASSEGGI; OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2019, p. 602)

Nesse sentido, a pesquisadora organizou a discussão trazendo excertos dos diários de bordo das professoras e propondo que refletissem coletivamente sobre eles. Ao apresentar a metodologia para as participantes, explicou que apresentaria trechos dos diários das três, em momentos diferentes, mas que era importante que a reflexão fosse coletiva, para que tentassem reconstruir as vivências individuais

imbricadas no coletivo da unidade. Iniciou-se a conversa de uma forma mais livre, com a pesquisadora questionando quais lembranças as professoras conseguiam retomar de 2020, referente ao trabalho e principalmente aos processos formativos vividos.

Tulipa alegou que em sua mente, retomar 2020 é lembrar de

muita aprendizagem, mas também muito desafio. As aprendizagens não me ajudaram só profissionalmente, mas a lidar com aquele momento eu estava vivenciando ali, da pandemia... Você ficar isolada, longe das pessoas e do seu trabalho, eu acho que poder focar no serviço, no trabalho ali, foi o que me ajudou. (Tulipa, 2022)

Lia, por sua vez, disse ter até certa saudade, pois tinha a impressão de passar por uma nova escola, reaprendendo a ser professora no ensino remoto e a lidar com a tecnologia. Destacou que muito do seu trabalho hoje é reflexo daquilo que conseguiu estudar durante o isolamento social

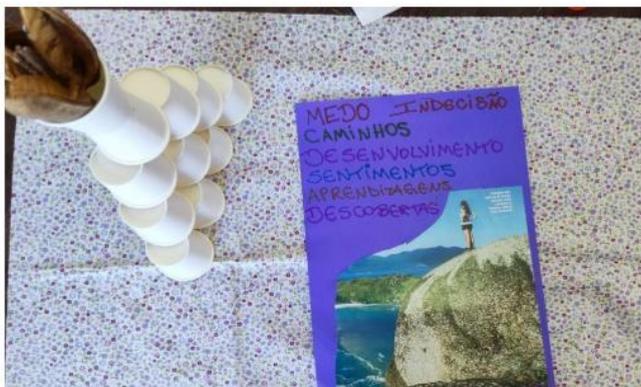
Eu sei que hoje, eu vejo que hoje, o projeto do ano passado, o projeto de hoje, né, deste ano... Eu vejo o quanto eu consegui colher, sabe, dessa pandemia, sobre o tanto que eu estudei para me tornar o que eu sou hoje. Por exemplo, hoje, no projeto, eu consigo colocar, eu, Lia, na escrita. Sabe, eu consigo trazer eu, Lia... Então essa pandemia foi pra mim uma escola. Tanto pro meu pessoal, como profissional. Não somente pra minha escrita, pra aquilo que eu acredito de criança, tanto é que hoje eu me encontrei [...] Foi muito importante pra mim a pandemia, eu aprendi muita coisa, sou uma pessoa muito mais pesquisadora e eu consigo levar tudo o que eu aprendi ali pro meu dia a dia hoje (Lia, 2022)

Iza começou sua reflexão lembrando que chega na unidade escolar no ano da pandemia, tendo vindo de Minas Gerais. Refletiu sobre sua formação inicial, que foi bastante diferente daquilo que encontrou em São Paulo.

Então, eu confesso que quando eu cheguei no CEI que foi bem no ano da pandemia, eu fiquei um pouco assustada eu fiquei assim meu Deus como assim? Elas trabalham assim elas falam assim até o tom de voz né? Muda... Eu não sei se eu vou dar conta... E eu acho que dia... É... A gente começou em fevereiro acho que a gente entrou em remoto mais ou menos em março, então eu tive um mês, um mês e meio mais ou menos pra poder passar por toda essa correria né? Do CEI e eu ficava pensando, eu falava assim meu Deus eu não sei se eu vou dar conta porque é muito diferente. É muito diferente. É como eu costume até falar com o pessoal aqui. Eu falo que meu, São Paulo tipo assim te desabrocha. né? Você chega a uma flor bem contida, uma flor bem bem fechadinha e lá você desabrocha porque ou você desabrocha né? Ou você fica pra trás literalmente é isso e eu vi, eu, eu consegui enxergar esse momento de pandemia onde a gente estava dentro de casa, né? Trabalhando, sim, mas dentro de casa, como um tempo que eu mesma precisava. Um tempo que eu precisava pra poder entender o espaço que eu estava começando a fazer parte, né? [...] eu vi a pandemia com um momento que eu precisei mesmo pra poder entender como que acontecia né o ensinamento dentro do CEI, como que era a estrutura, as metodologias e até mesmo as crenças, as formas, né? De, é, de ação, para com a criança, para com adulto, para com a comunidade... (Iza, 2022)

Após essa primeira reflexão compartilhada, a pesquisadora convidou as professoras a expressarem artisticamente aquilo que sentiram nesse período de isolamento social. Nesse momento, a professora Iza perguntou à pesquisadora se ela não iria fazer, ao que a pesquisadora disse não ter separado o material. As professoras, então, convocaram a pesquisadora a participar do inventário invencionário, compartilhando material com elas. Enquanto produziam, as participantes trocavam memórias, de quando a pesquisadora foi professora volante de uma delas e outros momentos na unidade. Após todas finalizarem, compartilharam as produções via *WhatsApp* para Iza ter acesso, já que estava em chamada de vídeo e dissertaram sobre o que produziram.

IMAGEM 8: Lembranças do isolamento social de 2020, Tulipa



Fonte: fotografia da autora, 2022.

Tulipa fez uma instalação com uma escultura e uma colagem. Para compor a colagem, buscou uma imagem de uma mulher em cima de uma pedra porque "foi um pouco como eu me senti, como se eu estivesse na beira do abismo, sem saber pra onde ir, que caminho seguir e aí teve uma mistura de sentimentos, medo, indecisão, por diversos caminhos, aprendizagem, descobertas". A escultura representava degraus, que davam em uma semente em formato de flor. Tulipa explica:

também escolhi os copinhos, que foram degraus que eu fui subindo pra chegar até o que eu sou hoje, né? Que habilidades que esse isolamento, essas formações fizeram com que eu me desenvolvesse, descobrisse essas habilidades, que foi a de liderança, que até então eu nem sabia que eu tinha essa habilidade de liderar, mas eu tive que realmente na pandemia eu tive... Eu fui obrigada a isso, né? A saber liderar o grupo (Tulipa, 2022)

Importante pontuar que a primeira parte de sua produção, que evidencia os sentimentos vividos durante o isolamento social foi acionado por meio de sua fala inicial, mas a segunda não. Esse processo corrobora com a perspectiva da potência da arte para a reflexão.

Lia trabalhou com uma representação por cores, simbolizando os diversos momentos que viveu durante o isolamento social por meio delas. Circunscreve cada um desses sentimentos, exceto o de ansiedade, evidenciando que, de certa forma, segue até os dias de hoje.

IMAGEM 9: Lembranças do isolamento social de 2020, Lia



Fonte: fotografia da autora, 2022.

aqui na pontinha seria o marrom, o verde, que eu lembrei lá do começo do ano de 2020, sabe? Estávamos ali na creche, a nossa vida pessoal andando, vida profissional andando, tudo gostosinho, mas foi um tempo muito curto e de repente eu me vi naquela situação de ansiedade, tive problemas com ansiedade, bronquite atacando todos os dias, aparelho de inalação que não usava há anos, eu voltei a usar. E aquela incerteza do que será amanhã, o que que tá acontecendo. Meu Deus, o medo, sabe? E todo mundo se trancou dentro de casa e eu não saía pra nada. Tanto é que quando eu resolvi sair pra buscar remédio pra minha mãe, bateu, o cara bateu na porta do carro, sabe? Então, assim, muitas coisas aconteceram e eu considero essa cor bem o preto mesmo, sabe?

Que pra mim significa questão de perder algo. Eu não só estava perdendo algo pessoalmente, mas eu sentia que eu estava perdendo algumas coisas ali parada só dentro de casa. Mas também não foi ruim. Não foi ruim pra mim. Por isso que eu falo que tem o verde. Porque eu aprendi muita coisa. Eu aprendi a viver o hoje, sabe? Tem coisa pra fazer? Faz o que der hoje. Não deu? Amanhã você termina, você não vai deixar de fazer. Tenha mais calma, seja mais tranquila, seja mais serena. porque se você for muito a fogo e ferro, como minha mãe falava, as coisas não vão sair legal. Isso vai prejudicar você mesmo e eu vi que no começo isso me prejudicou, sabe? Então eu falei espera aí relaxa, já tá no barco mesmo, deixa, sabe? As coisas se encaminharem.

E daí volto pro verde porque foi uma volta importante pra gente em 2021. Foi muito importante porque o verde e esse marrom não sei o porquê, mas me remete à creche, sabe? A gente estava muito do lado de dentro, eu tinha uma turminha que amava a natureza e a gente voltou já com essa visão de brincar do lado de fora, sabe? Eu nunca me esqueço da dinâmica que a Paula fez, da gente observar os movimentos de tudo que a gente via, sabe? Então esse verde e marrom pra mim representa muito. E o verde, desculpa, o rosa, eu não gosto de rosa, tá gente?

Foi uma coisa bem escura pra mim e junto com o cinza porque ficar dentro de casa também, apesar que tem o quintal, tinha o quintal que era grande, a gente tomava sol, sabe? Mas mesmo assim era um dia esquisito, tinha sol, mas pra mim era um dia cinza, porque, assim, o medo batia, a ansiedade tava ali e eu não sabia o que seria do amanhã, mal sabia o que ia acontecer daqui há dez minutos, daqui há uma hora, sabe? A gente não sabia tanto profissionalmente como pessoalmente, eu me vi numa situação, assim, por exemplo, minha mãe precisava ir no médico e ninguém me deixava acompanhar, com medo, sabe? É, não, a Lia não vai pra médico, quem vai vai ser eu, minha irmã, no caso, falando. Porque você não vai ter contato com outras pessoas por causa da bronquite, todo mundo preocupado comigo e tal. Fiquei em casa. Mas apesar de tudo eu não posso falar que não existe o lado bom da coisa. Eu fiquei, eu aproveitei muito tempo com a minha mãe. Sabe? A gente faz, a gente começou a fazer coisas que a gente fazia anos atrás, a Paula resgatando certas coisas, sabe? A gente chegou a sentar na sala e ficar olhando as fotos antigas da minha mãe, da família, conversa vai, conversa vem, a gente chegou a jogar dominó juntas, sabe? A gente jogou outras coisas juntas, então a gente ficou muito junto, sabe? Aí vem o tempo, a cor azul, né? Pra mim tem significado muito legal, porque a gente ficou muito no quintal ali de casa, sabe? A gente ficou muito tempo ali no quintal. Eu levava o notebook, por exemplo, pra trabalhar lá fora. Então muita coisa a gente vivenciou ali no meu quintal. E essa cor roxa, né?

Mas eu não sei porque o rosa me traz uma, olha que engraçado, eu não gosto de coisas rosas. Mas o rosa pra mim representa uma coisa, assim, não sei, serena, calma, tranquila, sabe? Às vezes eu fecho o olho, eu não sei vocês, eu acredito que todo mundo vê cor, assim. Inconscientemente. E eu vejo muito rosa, então, tipo assim, parece que é uma cor serena pra mim. É onde eu me encontro, é, é um ponto que eu paro, relaxo e falo "calma, Lia, fica tranquila", sabe? Então eu fiz questão de colocar o rosa, que é onde eu estou hoje, tranquila, serena, mais madura, caminhando conforme o barco vai e é por aí. E o círculo eu não sei porquê mas dizem que o círculo tem a ver com aquela coisa de fechar um ciclo mesmo na vida, né? Então aqui é engraçado que aqui parece que fechei e não fechei, né? [sobre a parte cinza] Mas a gente vai amadurecendo, né? Dia após dia, mas eu sinto que eu tô caminhando aí. (Lia, 2022)

Lia traz, pela sua obra, aspectos que não levantou em sua narrativa inicial, que conta mais sobre o trabalho em si e como o isolamento social reverberou nele. Por meio de sua produção artística, porém, Lia tece considerações profundas sobre seus sentimentos, mostrando que seu amadurecimento profissional esteve atrelado ao seu amadurecimento pessoal.

IMAGEM 10: Lembranças do isolamento social de 2020, Iza



Fonte: fotografia de Iza, 2022.

Iza escolheu a tela e foi a única que relacionou aquilo que havia falado anteriormente à sua produção artística. A professora representou por meio do desenho, uma flor desabrochando e explicou:

Eu tentei colocar a florzinha pequenininha, né? A florzinha ainda toda fechadinha e depois ela desabrochando que foi como eu me senti quando eu cheguei. Eu cheguei uma flor muito pequena, né? Que precisava de tempo, amadurecimento e ser regada né? Talvez com conhecimento, carinho, né? Porque eu fui muito acolhida por toda a equipe, enfim, tudo que uma flor precisa pra ela poder desenvolver e aqui ela se desenvolveu, depois no finzinho da pandemia, né, quando, finzinho assim eu falo do trabalho remoto, onde a gente conseguiu estudar bastante e colhendo né novos conhecimentos, novos aprendizados e partilhas. Aqui eu me coloquei olhando pro horizonte. Tem uma montanha verde com o solzinho lá no fundo. E eu me coloquei aqui com um ponto de interrogação.[...] eu coloquei um ponto de interrogação que era realmente as dúvidas, porque quando eu cheguei do nada tudo fechou. Tudo parou, né? E fiquei me perguntando será se eu vou dar conta? Será se eu vou conseguir? Será se eu vou me adaptar a essa nova rotina, né? E aqui eu usei os pauzinhos pra também fazer os degraus, os degraus onde eu estava vivenciando um degrau de cada vez, subindo um degrau de cada vez, confesso que houve momentos que eu precisei descer um degrau pra depois subir novamente, né? Acho que essa questão, como a Lia falou, essa questão de amadurecimento é você olhar pra si mesmo diante das situações e refletir o que que você pode tá melhorando, o que que tá correto, o que que não tá, o que que tá dando certo, o que que eu preciso de ajuda para melhorar, né? Porque nós sabemos que o ser humano é falho e a gente precisa um do outro pra tá realmente evoluindo, né? Então, o fato de pedir ajuda não é, não é, não é feio, né? Tem pessoas que tem dificuldade de pedir ajuda e aqui eu me vi muitas vezes precisando de ajuda, né? Precisando descer um degrau novamente pra realmente avaliar situações e depois novamente subir esse degrau depois, que foi amadurecido. E eu coloquei também o céu porque foi um momento que a gente olhou muito pro céu, né? Foi um momento dentro de casa onde a gente estava coberto por quatro paredes né, de concreto, de cimento e a gente sentiu muita falta da natureza, então muitas vezes a gente olhava pela tão belíssima e sonhada janela, né? Eu lembro que a Lia em suas propostas utilizou muito, o que eu vejo da janela? Que foi uma sugestão da Ana Carol Thomé, né?

Iza trouxe muita relação entre aquilo que narrou inicialmente e sua produção artística, mas também apresentou novos elementos, como as incertezas. No primeiro momento, a professora ressaltou o quanto o isolamento social lhe trouxe aprendizagens por ser um tempo que precisava para se adaptar às concepções da unidade educacional. A partir da sua criação, referenda esse pensamento, mas adiciona os receios que teve de não conseguir lidar com o que era solicitado. Fala, portanto, de um amadurecimento profissional.

A pesquisadora optou por realizar uma colagem.

⁵¹ Ana Carolina Thomé é idealizadora do programa Ser Criança é Natural, sendo uma referência para as professoras da unidade escolar para pensar a relação da criança com a natureza.

IMAGEM 11: Lembranças do isolamento social de 2020, Paula



Fonte: fotografia da autora, 2022.

Paula explicou o conceito trabalhado dizendo:

peguei aqui uma foto de pessoas naquele brinquedo elevador, lá, eu achei muito, muito significativo, porque foi um momento de muito medo, né, tá falando das coisas boas, tiveram muitas coisas boas, mas foi um momento de muito medo. E aí eu achei muito lindo justamente esse contraste de que essa coisa da esperança né? Então quando você vai subindo nesse brinquedo, assim, acho que eu fui uma vez só, porque morro de medo de altura, quando eu era bem menor, né? Bem mais jovem. Quando você vai subindo, vai te dando já aquela ansiedade, aquela coisa de ai meu Deus, vai cair e aí fica parado um tempão lá e aí você fica, meu Deus, não sei o que, você não consegue nem apreciar a vista, né? E acho que foi um pouco isso nos primeiros meses, né? Esse momento da gente começar, eu lembro que em julho, foi em julho de 2020, que eu tirei uma foto do céu por dia. Todo dia eu ia, tirava uma foto do céu, tentava programar mais ou menos no mesmo lugar e tal. E aí eu fiz esse exercício assim, então acho que em julho que eu comecei a falar, não, calma. Vamos com calma, sabe? Isso daí parece que vai durar por mais tempo. Então, vamos lá. E aí eu escolhi, peguei no caça-palavras, a palavra emparedar, eu achei que é muito o que a gente viveu, né? De viver bem emparedado. Eu moro em apartamento. Então pra mim foi assim muito literalmente o emparedamento, né? E por mais que lá em casa a gente tenha uma varanda, cê aproveita muito pouco, cê fica mesmo mais emparedada. E aí eu achei também uma frase que diz "bem-vindo às fronteiras do conhecimento". E é justamente também acho que esse esse essa divisão de águas, digamos assim né? Porque o que eu senti muito em 2020 é que a gente teve tempo mesmo pra estudar. Uma coisa que a gente não tinha na correria com as crianças, né? A gente não tinha, a gente fazia as nossas reuniões, mas eram só as reuniões de agrupamento e tal. Esse tempo da gente pegar e ir conversar e ler e conversar sobre o que a gente leu e fazer curso, né? Quanto curso a gente fez? Meu Deus do céu. (Paula, 2022)

As criações evidenciam as possibilidades narrativas das artes plásticas. Corroboram com a noção bakhtiniana de que o texto é “qualquer conjunto coerente de signos” (BAKHTIN, 2016, p. 71). Vale ressaltar a importância do contexto para a interpretação dessas obras, uma vez que, isoladamente, isto é, sem a conversa no grupo reflexivo, retomando os processos vivenciados em 2020, teriam outro significado.

O encontro seguiu com as discussões e criações, tais quais o roteiro anexo. Seguiu-se, então, à discussão sobre reflexão sobre a prática. Para tanto, a pesquisadora compartilhou um trecho do diário de bordo de Iza, que relembra uma das temáticas discutidas durante o ano de 2020, que diz respeito aos conceitos físicos e matemáticos que os bebês e crianças bem pequenos aprendem a partir da experiência, que muitas vezes são relatados apenas como brincadeiras ou desenvolvimento da coordenação motora.

Ao compartilhar o excerto do diário de bordo, as professoras participantes imediatamente se lembraram das experiências escolares, relacionando o momento de pesquisa que tiveram na pandemia com uma aprendizagem mais significativa, que reverbera nas suas reflexões sobre as aprendizagens das crianças até hoje:

Essa questão da física, eu lembro que na escola era meio que uma decoreba, né? Que a gente fazia pra poder passar nas provas e que os professores não tinham aquela paciência pra te explicar da forma que a gente, que a Paula foi explicando na prática, que a gente foi descobrindo e o quanto isso foi facilitador pra gente entender. Porque se os professores tivessem feito desse jeito naquela época, hoje a gente não teria esse

bloqueio, né? Teria sido muito mais fácil e você aprender isso pra poder depois levar pro seu profissional ali na sala de aula, hoje eu vejo um diferencial muito grande quando eu vou escrever sobre a criança e o que que ela tá aprendendo. Porque às vezes eu colocava antigamente o meu diário é desenvolvimento da coordenação motora, oralidade. Hoje eu não, hoje eu falo, eu coloco o que a criança está descobrindo. Equilíbrio, força e diversos outros conceitos que eu não tinha noção, né? Então eu acho do quanto vale isso da gente pesquisar, o quanto é importante a gente pesquisar e o quanto também é vivenciar na prática e levar isso pra sala de aula, proporcionando isso pras crianças também, né? Porque eu acho que é muito importante e como a professora colocou. Pra que a gente não tenha, pra que as nossas crianças não tenham esse bloqueio que a gente teve, né? (Tulipa, 2022)

O reconhecimento da pesquisa como parte da prática docente foi lembrado pelas demais participantes, que também reconhecem essa mudança na forma da escrita do diário de bordo

Então, isso foi importante pra gente enriquecer essa questão da palavra mesmo, sabe? Levar mais a questão do científico, da nossa pesquisa e como eu posso dizer, análise da criança, observação da criança, ali no nosso diário de bordo. Não simplesmente colocar como organizou, mas ela classificou⁵², né? Eu acho que isso foi muito importante, foi acabou enriquecendo mais o nosso diário, a nossa escrita. (Lia, 2022)

Iza também percebeu que quebrou um ciclo de rejeição às matérias como física, química e matemática ao fazer essa pesquisa e destaca que as vivências que teve com a pesquisa desses conceitos em 2020 foram tão significativas que seguiu utilizando em seu cotidiano e passando para suas novas colegas de trabalho.

Peraí, minha criança ela não está só desenvolvendo corporalmente. Ela está desenvolvendo conceitos físicos. Ela está percebendo que ao passar a água pela peneira, a peneira a água passa né? Ela não fica ali parada. tá desenvolvendo a noção de peso, ela percebe que essa pedra é mais pesada que a outra. Então assim, tem muitas coisas. Engraçado que quando a gente aprende, né? Quando é algo significativo pra gente, a gente passa adiante sem perceber.

Quantas vezes eu me peguei conversando com a Alana [auxiliar de sala no ano de 2022] a Alana escrevendo lá, relatando né? Às vezes eu ia pra mediar a proposta e a Alana ficava ali registrando. Quantas vezes eu peguei e falei assim, Alana, coloca assim, assim, assim, assado. Por quê? Porque, por exemplo, Roberto ele não está pegando a pedra e passando de uma peneira pra outra. Alana coloca que o Roberto está passando a pedra de uma peneira pra outra está desenvolvendo noção de peso percebendo que a ação que ele está fazendo tem causa e efeito, falava isso pra ela e ela olhava assim pra mim tipo "Oi?".

Então assim, quem não passou por isso acaba achando que a gente tá com papo de doido, né? [...] Então é isso, então é algo que tava bloqueado pra mim, confesso, a matemática ainda confesso que eu sou bem bem bloqueada assim, sabe? Mas depois das formações eu consegui ser mais sensível na escrita mesmo, nos relatórios de aprendizagem, entendeu?

⁵² Classificação é um conceito matemático que as crianças bem pequenas começam a desenvolver por meio das brincadeiras, dizemos que ao classificar a criança organiza pelos semelhantes e ao seriar, organiza pelos diferentes.

Como que você relata para um pai que o filho dele está desenvolvendo isso, isso, isso, isso, isso da física. conceitos físicos. Então assim, acho que a escola como um todo, mesmo que de forma não premeditada, sabe? Não de forma regrada ali ela educa a todos, né? Educa os educadores, educa a equipe, educa as crianças, educa a comunidade. É isso. Então assim, realmente houve uma sensibilidade, um amadurecimento. Eu acho que não sei, mas acho que é muito cedo pra gente falar, mas acho que a palavra de hoje, né? Que tá saindo muito da boca da gente, é o amadurecimento, né? Amadurecimento de ideias, amadurecimento do ser humano mesmo a partir do momento que você consegue se colocar no papel de você trocar vivências com o outro, sabe? Isso que a gente está fazendo. A partir do momento que você senta ali, você para, você escuta e fala, caramba, eu nunca pensei nisso. (Iza, 2022)

Ao representar a proposta de forma criativa, as professoras utilizaram de desenho, composição, instalação e um poema. Lia criou uma instalação utilizando-se de copos de papel, tampa de cola, um pedaço de madeira e uma semente redonda. Explicou o conceito dizendo da importância da experiência, tanto para a aprendizagem das crianças, quanto dos adultos.

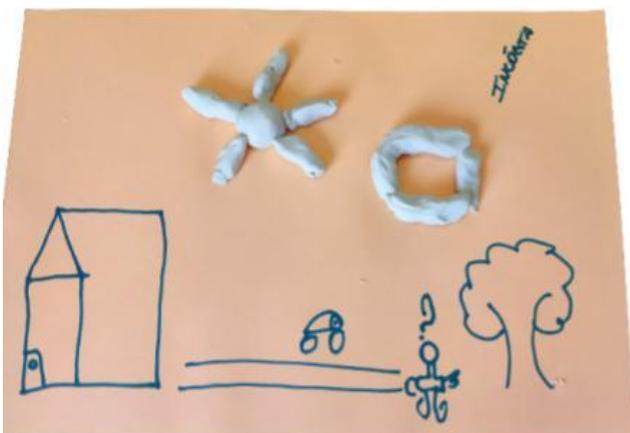
IMAGEM 12: Reflexão sobre a prática. Lia, 2022.



Eu pensei numa coisa muito simples: porque é como eu penso no dia a dia, ainda mais hoje trabalhando com natureza, sobre o quanto a gente pode aprender até simplesmente colocando água dentro desses potinhos e a criança descobrir a densidade desses materiais, sabe? Só brincando com água. A criança não precisa saber que ela está ali experimentando sobre a relação da densidade. Mas ela já está praticando. Ela já está criando conceitos sobre aquilo, então eu gostaria de na minha infância ter passado por tudo isso, sabe? Pra quando chegasse ali na minha adolescência, naquela fase de entrar nessas questões da física, da matemática, ter esses conceitos formados, sabe? Hoje eu penso o quanto essas crianças têm contato com isso o dia inteiro. (Lia, 2022)

Fonte: fotografia da autora, 2022.

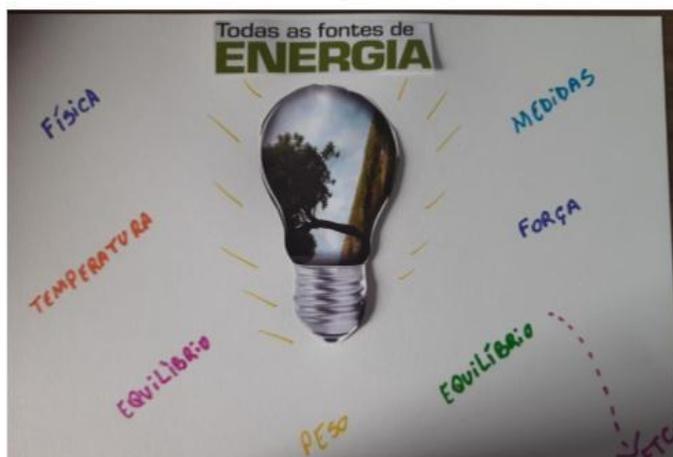
IMAGEM 13: Reflexão sobre a prática. Tulipa, 2022



Fonte: fotografia da autora, 2022.

Bom, eu coloquei uma imagem, na verdade fiz o sol, né? Aqui seria a terra e aí a casa, o carro andando na pista, uma árvore e aqui uma pessoa se perguntando o que significa tudo isso, que foi assim que eu me senti quando a Paula falou que eu tinha que pesquisar sobre o movimento. E aí eu fui descobrir que o movimento da Terra em torno do sol tinha relação com o do carro, a forma como ele anda, na força, envolvia o balançar da cadeira, que aí, ah, tá se movimentando, mas tá parado, dependendo da referência que usamos para comparar. [...] Então foi assim uma aprendizagem muito válida que é hoje eu consigo ir observando as crianças o quanto elas estão aprendendo e o quanto elas aprendem de um jeito tão simples quando elas vão lá e empurram o carrinho tanto de conceito que envolve essa questão de empurrar o carrinho, né? Na questão da força, na questão do espaço, da distância, do movimento, coisa que eu nem reparava antes, né? Eu só ia aí é a mesma pela questão do ah ela está desenvolvendo coordenação motora. Mas só isso. Não, ela está desenvolvendo muitas outras coisas que pra gente era complexo e depois da formação a gente percebe que é mais simples. (Tulipa, 2022)

IMAGEM 14: Reflexão sobre a prática. Iza, 2022



Fonte: fotografia de Iza, 2022.

O meu eu escolhi a colagem, né? Aí encontrei uma lâmpada e dentro dessa lâmpada, se der pra ver, tem uma árvore. Ou seja, a natureza, como a Lia falou, sem perceber a natureza é repleta de conceitos físicos. Aí tem uma frase escrita assim: "todas as fontes de energia." Aí eu coloquei alguns conceitos físicos, coloquei a física, temperatura, equilíbrio, peso, coloquei equilíbrio aqui de novo, eu nem sei o porquê. Acho que eu não percebi que eu tinha colocado ali. Força, medidas e coloquei uma setinha colocando etc porque são muitos conceitos.

Conforme as obras foram sendo apresentadas, novas memórias foram sendo acionadas, motivo pelo qual Tulipa compartilhou uma situação que viveu com um bebê de sua turma do ano de 2022, dizendo:

Lembrei do José⁵³ ontem. A gente tava no solário e as crianças sempre quando vão empilhar os Legos empilham um em cima do outro e o José, sentado em um canto, começou assim [expressa com a mão na vertical], colocou o lego em pé e foi empilhando um em cima do outro e aquilo me chamou atenção, falei "nossa, todo mundo faz deitado". E o José em pé e ele ficou lá concentrado. Aí caía e ele ia lá de novo, empilhava, um atrás do outro. E começou na tartaruga⁵⁴, aí ele saiu da tartaruga e foi pra grade. E

⁵³ Nome fictício

⁵⁴ Tartaruga é uma tartaruga de plástico, usada como suporte para diversos momentos de aprendizagem na escola estudada, ora repleta de água, ora apenas como estímulo às brincadeiras.

eu acompanhando ele e pensando “gente, o que que o José está querendo?”. Aí quando ele terminou tudo colocou em cima, José começou a cantar parabéns. Eu falei, não acredito, ele construiu o bolo de forma diferente e ficou lá sozinho cantando parabéns. Eu fiquei, nossa, passada.

A pesquisadora concluiu dizendo que as discussões que tivemos em 2020 seguem reverberando em nossa prática, pois fosse em 2018, provavelmente teríamos interrompido a investigação de José e demonstrado a forma “correta” de se utilizar os legos. Essa vivência comprova o quanto o fato de compartilhar com seus pares e a pesquisa contribuem para que as discussões sejam consolidadas como aprendizagens.

Seguimos para discutir os encontros formativos e, embora tivéssemos partido do que se viveu em 2020, muitas das falas das participantes trouxeram os sentimentos que seguem tendo em relação às reuniões pedagógicas que continuam a acontecer. A partir desse item, o fazer artístico tornou-se prioridade, ou seja, antes de representar pela fala o que desejavam, produziam e, em seguida falavam ou, ainda, falavam enquanto produziam, evidenciando, mais uma vez, o papel da ação na reflexão.

IMAGEM 15: Os encontros formativos. Lia, 2022



Fonte: fotografia da autora, 2022.

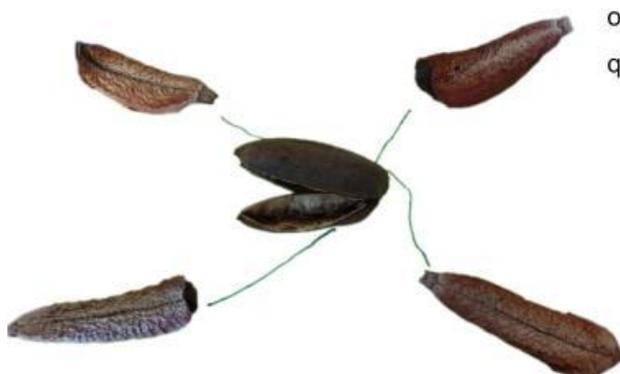
Sabe o que que eu sinto? Sabe aquela roda de conversa que a gente faz com a criança? Se a gente souber o tanto que a gente acolhe essa criança nessa conversa, sobre o quanto a gente consegue pegar sobre a criança nessa conversa, sobre o quanto um bom dia muda a situação da criança, o quanto a criança vê na gente o quanto aquilo aprimora no dia dela... É como eu me sinto nessas reuniões, de encontro. Me lembro do ano passado, quando a gente sentou, ali era uma outra situação ou algo ou era um tema, era assim, era sobre comportamento. E daí eu comecei a falar do Roberto. Comecei a falar do Roberto e desabafar como profissional. Então quando a gente viu, a gente estava ali todas conversando sobre o Roberto e todo mundo se ajudando... Então, é sobre o quanto a gente se encontra, sobre o quanto a gente acolhe, além de passar a nossa experiência pro outro. É sobre o quanto o outro pode somar na sua prática. O quanto o outro pode te ajudar no seu dia a dia. Enquanto a sua experiência pode estar ajudando o outro. Sabe? Então eu me sinto muito acolhida. E fiz o círculo aqui de sementinhas pensando justamente nisso. Eu me sinto numa roda de conversa. Eu não me sinto numa reunião, eu não me sinto obrigada a sentar ali pra ser obrigada a falar, porque são essas reuniões que me ajudam, me ajudou muitas vezes na escrita do meu projeto e na devolutiva de agenda para os pais, me ajudou muito no meu diário de bordo. Sem contar como a experiência profissional, né, gente? Porque só agrega. Então, eu fiz essa roda de conversa, esse círculo de sementes, simbolizando essa questão da roda de conversa, porque a roda de conversa, se pra mim é uma coisa tão acolhedora, imagine pra criança, sabe? (Lia, 2022)

A reunião como um espaço democrático e seguro de fala e escuta também foi referendado por Tulipa:

Porque na pandemia eu lembro que a Paula deu muito espaço pra gente também falar dos nossos problemas fora e eu me sentia tão à vontade para falar com a Paula principalmente no diário de bordo, olha Paula hoje não tô legal porque aconteceu isso e isso e isso. Eu lembro, teve um fato, desculpas se eu chorar, que o meu irmão tentou se enforçar e aí eu não consegui nessa semana fazer o meu diário de bordo, mas eu consegui ali desabafar com a Paula ali. “Olha, Paula, aconteceu isso isso e isso” e o

quanto poder ali desabafar tinha me feito muito bem, sabe... E o quanto essa abertura que a Paula deu foi muito significativa. No profissional também a mesma coisa as vezes tinha coisas ideias que eu tinha que eu não levava pro grupo, entre quatro professoras, mas que lá na naquele momento ali naquela roda falando sabe? Vinha... Problemas também entre o grupo, porque eu acho que vocês sabem que trabalhar em quatro professoras não é fácil e naquele momento ali, dialogando com as pessoas eu colocava situações que estava vivenciando no grupo. Então é muito importante. Eu acho que isso é um que leva assim não só pra sua vida profissional, mas também ajuda muito na pessoal. (Tulipa, 2022)

IMAGEM 16: Os encontros formativos. Tulipa, 2022



Tulipa criou sua representação sobre os encontros formativos como um quebra-cabeça, dizendo:

Como eu me sinto quando eu vou pra esses encontros? Eu vou com peças desencaixadas, com ideias que às vezes eu nem sei como colocar no papel e aí quando eu vou pra esse encontro, parece que lá eu vou encontrando as respostas de como encaixar essas ideias. (Tulipa, 2022)

Fonte: fotografia da autora, 2022.

Lia ouviu atentamente a fala de Tulipa e concluiu que os encontros formativos são uma ampliação do diário de bordo. "Por que a gente continua falando sobre a nossa prática, a gente está falando dela sempre" (Lia, 2022). Paula também se utilizou de elementos naturais e da argila para modelar como se sente após os encontros formativos.

IMAGEM 17: Os encontros formativos. Paula, 2022



Eu fiz uma borboleta, que é sempre como eu me sinto saindo das reuniões, com a fala de vocês, as problemáticas que vocês trazem, eu sempre fico, meu Deus, olha que privilégio que eu tenho, sabe? De estar aqui com essas meninas, eu sempre me sinto prestes a voar, sabe? Capaz de voar. Aí eu fiz essa borboleta. (Paula, 2022)

Fonte: fotografia da autora, 2022

Iza, por sua vez, se apropriou da argila, da aquarela e de uma folha recortada em forma de coração para construir uma roda de conversa, destacando o diálogo e a empatia existentes nos momentos formativos.

IMAGEM 18: Os encontros formativos. Iza, 2022



Bom, eu fiz uma roda de conversa também, usei a argila e procurei fazer cada uma de um formato, como se significasse realmente a gente, né? Cada uma do seu jeito, cada uma com a sua forma de pensar, de se expressar e depois eu tentei unir nessa corzinha cinza eu tentei unir, como se fosse tipo um ciclo, sabe? Tipo uma roda de conversa em que todas acrescentam, todas partilham suas vivências, suas angústias. Estar em roda de conversa, né? Muitas vezes a gente fala de formação, mas realmente é como as meninas falaram no momento que a gente senta ali, a gente está compartilhando tudo que a gente é, tanto as angústias, como os nossos acertos também. [...] Eu gosto muito desses momentos de formação porque é o momento em que você realmente consegue ampliar o seu conhecimento e o seu olhar sensível também. Muitas vezes a gente vive tão no automático, tão no mecânico da rotina e muitas vezes a gente acaba deixando passar os pequenos detalhes. E quando a gente senta ali em grupo é o momento que a gente consegue respirar, ouvir o outro e também expressar o que você está sentindo. [...] A rotina é muito cheia, ela é muito muito agitada, então se você não tiver esse momento pra você conseguir olhar pelo menos um pouco no olho do seu colega do trabalho, sabe? Parar, escutar os relatos dele e até te ajudar a ter novas ideias, para poder amadurecer enquanto ser humano. Não é só profissional, sabe? Às vezes você está ali, mas poxa vida, olha, ela analisou esse poema de tal forma que eu não tinha pensado. Nossa, olha. Ela trouxe esse tipo de síntese criativa que fez eu lembrar de tal tal coisa que eu estou passando ou que eu já passei. [...] É o momento de você sentar, partilhar tanto os seus acertos como os seus erros e escutar o próximo também. (Iza, 2022)

Fonte: fotografia de Iza, 2022.

Passou-se a discutir sobre as incertezas vividas em 2020, novamente utilizando um trecho do diário de bordo de uma das participantes, escritos naquela época.

IMAGEM 19: Incertezas do período. Lia, 2022



Fonte: fotografia da autora, 2022.

Parece que eu voltei lá na sala de aula de dois mil e vinte, com aquelas crianças brincando, olha só a memória que me veio agora... As crianças brincando no cantinho heurístico aí a gente ficou em casa. [...] Eu sou uma pessoa que eu não eu não assisto televisão, eu não assisto, eu não gosto. Só que assim não tinha como você não ligar a televisão porque parecia que naquele momento o que você tinha era o celular, o computador e a televisão. Tinha momento que eu tinha que desligar, falar mãe, licença. Vamos pro quintal porque não dá mais. E aquela pressão, aquelas notícias, aquelas coisas ruins, sabe? E aquela incerteza, que vai ser amanhã, gente? Que que está acontecendo no mundo? [...] Eu sou a sementinha dentro do copo. Simplesmente. Então é a palavra medo e a Lia dentro desse copinho, sabe? Eu me lembro que nessa fase eu me entreguei [no trabalho] para não pensar em outras coisas, para não pensar muito no que estava acontecendo. Estava me preparando pro que ia acontecer e me joguei na leitura, estudei e fazia o *padlet*, diário de bordo com base na ciência. Foi maravilhoso porque eu me joguei, porque se eu parasse... (Lia, 2022)

Tulipa referenda o sentimento de Lia acerca do trabalho em meio ao caos e dificuldades do isolamento social:

eu moro no térreo e a janela não é assim, sabe, gente? Tem a janela, mas tem grades, porque como eu moro no térreo... Então eu me senti como se eu tivesse numa prisão. Eu lembro que uma vez a Paula falou pra gente olhar pra nossa casa e aí eu fui olhar pra janela, onde eu ouvia o som dos passarinhos e aí tinha as grades na frente. Eu me sentia como se eu tivesse presa. Eu falava, gente, eu tô presa e eu não posso sair. Eu não tinha medo por mim. mas eu tinha medo pela minha mãe, que morava do lado da minha casa e minha mãe tem diversos problemas de saúde e a minha sogra também é idosa. Então eu falava assim, meu Deus do céu, eu não posso sair de jeito nenhum, eu tenho que ficar em casa e eu me vi assim perdida, sabe? E o trabalho foi a minha válvula de escape. Tanto que eu mantinha a minha rotina. (Tulipa, 2022)

IMAGEM 20: Incertezas do período. Tulipa, 2022

Fonte: fotografia da autora, 2022.

Tulipa explica sua criação, dizendo:

Pintei a folha toda de preto, que eu acho que representa todos os sentimentos que eu sentia, pelo menos naquele momento quando começou a pandemia: medo, angústia, frustração. E aí eu fiz nele um pontinho verde com uma corda, como se eu tivesse puxando a corda e esse pontinho verde é o trabalho, que era a esperança que eu tinha, eu acho que o trabalho representava isso, a esperança. Eu esperava que as coisas se normalizassem e era o que eu tinha ali, como me segurar pra enfrentar aquele momento.

Iza também se utilizou do desenho, compondo-o com elementos de uma revista, fazendo uma colagem.

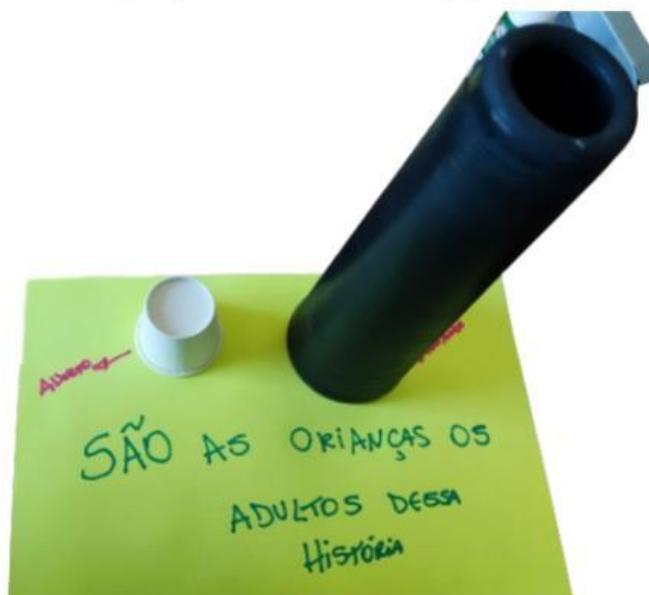
IMAGEM 21: Incertezas do período. Iza, 2022

Fonte: fotografia de Iza, 2022.

Eu fiz uma colagem com uma casinha, né? Que representa a gente no isolamento. E vários caminhos, vários caminhos com um homenzinho com um ponto de interrogação sobre a cabeça dele e coloquei assim rota das emoções. [...] Compartilho do mesmo sentimento em relação à necessidade de querer seguir a rotina do CEI, eu também era uma das pessoas que acordava às sete e só parava de trabalhar às quatro. E olhe lá se eu parava de trabalhar às quatro. [...] A gente se viu diante de vários caminhos, várias possibilidades. Você tinha que ocupar sua cabeça de alguma forma. Seja tentando seguir a rotina do CEI, seja acordando às sete e parando às quatro, seja lendo mais livros, seja fazendo os cursos, como as meninas falaram. Então, eu vejo que a gente precisou se reinventar, né? Mesmo que dentro de casa a gente precisou se reinventar. [...] Acho que a gente até descobriu novas criações, né? Foi um período que eu me desabrochei muito pra escrever poema, eu nunca tinha parado assim pra ter esse tempo, sabe, de escrever poema. (Iza, 2022)

Devido ao ritmo das discussões, juntamos três categorias: “ser professor (presencial e remotamente)”, “estudos” e “perdas”. Ao escutar os registros feitos na época, Lia lembrou o tanto que pesquisou durante o ano de 2020 e o quanto o contato que teve com as crianças por meio dos seus pais foi importante para trazer esperança, pois eles buscavam alternativas muito mais simples para o complexo momento que estávamos vivendo. Já Tulipa, completou dizendo:

IMAGEM 22: Perdas, ser professor e estudos. Tulipa, 2022

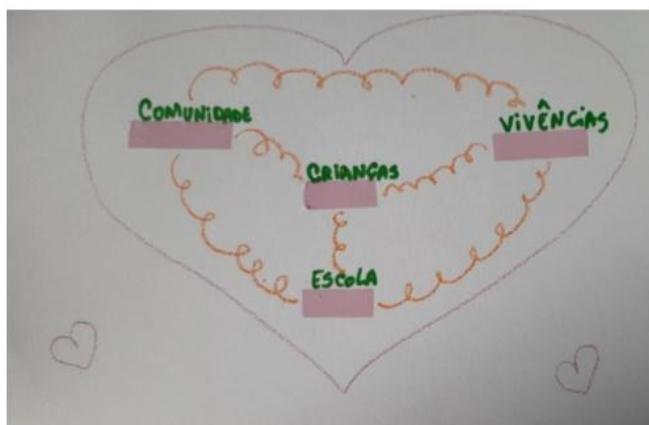


eu coloquei o carretel de linha representando a criança e um copo pequeno representando adulto e escrevi "são as crianças, os adultos dessa história". Porque a gente acha que a gente é adulto, a gente sabe tantas coisas, mas foram as crianças que nos mostraram o quanto elas foram fortes, o quanto elas conseguiram aprender a lidar com essa situação do distanciamento. Então eu acho que se espelhar nas crianças é o caminho. Então eu vejo elas como o adulto na história. Não a gente.

Fonte: fotografia da autora, 2022.

Iza representou por meio do desenho aquilo que considera como papel do professor:

IMAGEM 23: Perdas, ser professor e estudos. Iza, 2022



Fonte: fotografia de Iza, 2022.

Eu fiz um desenho com uma colagem com algumas fitas. Fitas adesivas rosas. Em cima das fitas eu coloquei comunidade, escola, vivências e no centro eu coloquei crianças. Se a gente for parar pra olhar essa molinha laranja ela lembra um pouquinho o cérebro, né? O mental. E ao entorno do cérebro eu coloquei um coração, fazendo uma relação com o mental e o emocional estarem juntos, andando juntos. Tudo que é significativo a gente leva tanto pra mente como também pro coração, a gente se apropria, né? E reproduz tudo aquilo que é significativo pra gente, porque o que é bom pra gente, a gente quer que o outro também sinta né? Sinta e faça parte daquele momento. E eu coloquei assim a comunidade e a escola enquanto ponte né? Porque nesse momento de pandemia, mesmo a gente em casa, a gente buscou a todo momento estratégias pra poder estabelecer o vínculo com eles né? A gente se preocupou em não perder esse laço afetivo que a gente tem, né? Veio construindo enquanto escola e comunidade, coloquei as vivências, porque mesmo que de forma não propriamente dita a gente sempre colocou como um dos principais focos das vivências. E eu coloquei a criança como centro porque elas são o primordial pra nós, tudo que a gente faz é pra elas, é por elas, né? Se estamos aqui hoje, creio eu também que tem elas como centro, né? Porque nós não seríamos nada sem as vivências com elas, seria apenas a Paula, a Lia, a Tulipa e a Iza. Então a gente mesmo elas não estando presentes, a gente sabe que a gente a todo momento cita elas porque é elas que acabam enriquecendo a nossa bagagem. E eu coloquei o coração como isso mesmo. Acho que um bom educador é mesmo que ele não viva de amor, ele tem que ter o amor pelo que ele faz. Se a gente não gostasse do que a gente faz, se a gente não sentisse amor pelo que a gente faz cotidianamente, diariamente, todos os dias, talvez a gente não estivesse na área da educação.

Outra categoria discutida pelo grupo reflexivo foi o tempo. Após a leitura, Lia começa a relembrar do fato de ter escrito dois livros na época. Nessa oportunidade,

a pesquisadora entrega para ela as impressões dos livros e, emocionada, Lia conclui:

IMAGEM 24: Tempo. Lia, 2022

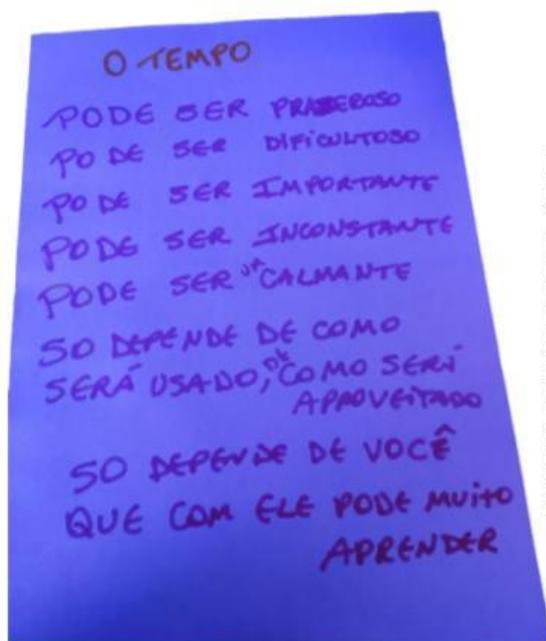


Tempo. Isso aqui é o tempo. Esses dois livros remetem exatamente o que eu estava falando, Paula. No meu dia a dia, ali na ativa eu nunca iria tirar um tempo para fazê-los. E na pandemia eu tive esse tempo de fazer, sabe? E mesmo porque esses livros são resultado de um dia muito longo, parecia que nunca dava quatro horas porque eu tinha uma meta na minha vida, começava literalmente às sete. Esse livro com certeza remete a questão do tempo que eu tive. Eu busquei pensar na professora que tinha um olhar, aquele olhar que conhece muito o seu grupo, sabe? E que eu precisava levar pra eles, de memória, um pouquinho daquilo que a gente vivia no dia a dia, sabe? Isso remete a este livro aqui. (Lia, 2022)

Fonte: fotografia da autora, 2022.

Para Tulipa, a relação com o tempo na pandemia foi dúbia:

IMAGEM 25: Tempo. Tulipa, 2022



Eu acho que às vezes eu achava que o tempo era maldoso e demorava muito pra passar, mas também eu achei que eu o valorizava, na questão de que, com esse tempo, eu pude estudar, pude pesquisar muito, eu pude aproveitar para olhar para minha casa, coisa que eu não fazia, para as coisas mais simples. Eu pude aproveitar para olhar para mim, para me conhecer melhor, para saber do que que eu gostava e eu acho que é isso. Vai muito de como a gente vê e como a gente trata essa condição do tempo. Hoje a gente fala que o tempo é corrido, no CEI. É. Mas ele também pode ser muito valorizado, né? A gente passa praticamente o dia inteiro no CEI. Olha quanta coisa a gente pode aprender com as crianças, com as nossas parceiras, com todos os momentos que a gente tem no CEI. Então eu acho que vai muito disso, de como que a gente vai utilizar esse tempo. (Tulipa, 2022)

Fonte: fotografia da autora, 2022.

Iza, por sua vez, trouxe a reflexão para as formas de se construir um tempo de qualidade:

IMAGEM 26: Tempo. Iza, 2022



Eu fiz uma pintura com a colagem, coloquei um barquinho, coloquei o limão representando o relógio, nuvens e coloquei a seguinte frase "com tempo agora, para onde vou?". Na correria do dia a dia, às vezes a gente não tem esse tempo para olhar para o tempo né? Como a Paula disse e de repente a gente se viu com tempo demais até, para olhar para tudo. Então acho que muitos de nós ficamos nos questionando o que que eu vou fazer agora? Agora que eu estou em casa, agora que eu tenho tempo e aos poucos nós mesmos fomos conseguindo responder, né? Essa dúvida seja por meio do "ah, eu vou escrever", "ah, eu vou pintar", "ah, eu vou aprender a costurar", "vou tirar foto"... [...] A gente teve muito tempo para fazer muita coisa. Um tempo que talvez a gente não teria ou talvez a gente não tenha futuramente, né? Esse tempo novamente. E espero que dessa forma não, esse tipo de tempo não. Acho que poderia ter outras formas de ter esse tempo, sabe? Que é tão precioso para a gente. (Iza, 2022)

Fonte: fotografia de Iza, 2022.

Sobre a categoria da arte e a criatividade, Lia evidenciou o quanto o olhar desacelerado para as coisas facilitou o desenvolvimento do olhar sensível:

IMAGEM 27: Arte e criatividade. Lia, 2022



Fonte: fotografia da autora, 2022.

Tudo parte de como a gente vê as coisas, da maneira como a gente olha as coisas sabe? Eu me pegava no quintal olhando pro céu. Às vezes eu pegava a rede, eu colocava no quintal, deitava e ficava olhando pro céu, sabe? Falava caramba, nossa como o céu é lindo, né? Que fantástico essas coisas que a gente não enxerga no dia a dia, se tornam arte, literalmente arte. (Lia, 2022)

Em sua representação, trouxe as brincadeiras das crianças com encaixes, colocando as construções idealizadas pelas crianças no patamar de arte: "hoje, para mim, aquilo que eles fazem é uma obra de arte lindíssima, com coisas muito simples" (Lia, 2022).

IMAGEM 28: Arte e criatividade. Tulipa, 2022



Fonte: fotografia da autora, 2022.

Eu via a arte como algo que tinha que ser magnífico e não valorizava aquilo que eu fazia. Falava que, quando eu via, aí Fulano fez nossa que lindo, que maravilhoso e quando eu fazia eu falava nossa mas que sem graça, eu não sou criativa e a pandemia mudou isso, né? Eu não me achava capaz de fazer poema. Consegui fazer. Na pandemia eu fiz dois. Agora eu fiz mais um. E era algo que eu não achava que era capaz. E o quanto isso mudou, quando meu olhar mudou. Eu também participei do curso de arte, né? Por duas vezes e a diversidade dos materiais que ela usava, coisas simples que viravam uma coisa assim magnífica, maravilhosas, olhava assim e falava gente por que que eu nunca prestei atenção nisso, mas tem muito a ver também com o que eu aprendi na infância, né? Que a minha professora de arte passava, então eu acabei levando isso pra vida adulta e aí foi mudando aos poucos, né? Quando eu entrei pro CEI, quando eu comecei aqui a fazer os cursos também, que aí eu fui vendo que arte era totalmente diferente, não é o belo. Que é a concepção que a gente tinha era aquilo de belo e feio, né? E hoje é totalmente diferente. Então mudou muito, muito, muito. Acho que é algo muito positivo que a pandemia trouxe. Mostrar o quanto a gente é capaz e com coisas tão simples. Eu comprei até esses dias uma garrafinha de vidro que virou um vaso de planta na minha casa e ficou muito bonito. (Tulipa, 2022)

IMAGEM 29: Arte e criatividade. Paula, 2022



Fonte: fotografia da autora, 2022.

A pesquisadora optou por apenas apresentar sua obra, sem a completar oralmente.

IMAGEM 30: Arte e criatividade. Iza, 2022



eu acho que a arte é isso, sabe? É você apreciar até o simples. O simples que tá ali ao seu entorno, o espaço que você faz parte. E enquanto ser humano eu até acho que são vestígios também do que a gente vivenciou na pandemia, sabe? Talvez se eu não tivesse vivenciado tudo que eu vivenciei talvez eu não teria tirado esse tempo pra apreciar esse céu, esse coqueiro, então são coisas que estão relacionadas. E a arte é isso, né? É você apreciar também o simples. Durante a pandemia eu consegui fazer alguns cursos e além desses cursos eu também consegui, como a Tulipa falou, valorizar o que a gente produz, sabe? O que a gente cria? Quando que eu me imaginei fazendo poemas? Então acho que a arte é isso, é você expressar de alguma forma, sabe? Seja por meio de uma reflexão, seja por meio de um poema, uma poesia, um desenho, que é o que a gente vem a gente está fazendo, a gente tá criando várias coisas assim, sabe? Quanto tempo faz que eu não paro e sento e uso uma aquarela para pintar? [...] Acho que arte é tudo isso. (Iza, 2022)

Fonte: fotografia de Iza, 2022.

Seguimos para realizar uma síntese do que foi vivido em 2020 e novamente Lia liderou a discussão, dizendo que existiram momentos bons e momentos ruins:

A gente não pode esquecer que apesar de tudo, a gente aprendeu muito com isso e que teve o lado ruim da coisa, teve, mas também teve o lado bom. Teve os momentos de angústia, mas teve os momentos de alegria também. Teve momentos que a gente quis esquecer, mas teve momentos que se transformaram em memórias, que eu acho que é o que o diário de bordo é. A gente registra, registra e trouxe memórias. (Lia, 2022).

Tulipa referenda essa ideia, trazendo uma revista para representar a sua criação, transformando-a em seu diário de bordo.

IMAGEM 31: Síntese. Tulipa, 2022



Bom pra mim representou eu acho que tudo. Envolve aprendizado, sentimento, memórias, tristezas, né? Porque eu tive perdas de amigos, perdas de entes queridos. Mas que não me deixou abater, não fez com que eu mudasse a minha essência. Então foi e teve coisas negativas como a Lia falou? Teve. Ai você vê muita coisa positiva. É que eu acho que a gente nunca vai esquecer, que a gente vai levar para o resto da vida. Como se quando eu tiver cinquenta anos, eu vou lembrar da pandemia. lembrar de tudo que eu vivenciei, por tudo que eu aprendi e de quanto eu saí forte disso. Então, a minha síntese criativa vai ser isso aqui [mostra uma revista de viagem] um livro repleto de memórias. Com tudo o que eu aprendi. Poderia pegar o meu diário de bordo. Quando eu quiser lembrar da pandemia vai estar ali no meu diário de bordo.

Fonte: fotografia da autora, 2022.

Lia completa dizendo que sua síntese ficará parecida

IMAGEM 32: Síntese. Lia, 2022



Essa daqui vai ser a minha, foi a minha memória. [mostra o livro que escreveu] Então eu acho que você resgatou uma coisa que eu tinha até esquecido, dessa Lia que tinha esse tempo, que transformou aquilo que ela acreditava, aquele encantamento, aqui nestes livros. E é com eles que eu encerro. (Lia, 2022)

Fonte: fotografia da autora, 2022.

Lia sintetizou a experiência pandêmica com o apoio da equipe, que permitiu com que ela não se sentisse sozinha, apesar de estar fisicamente isolada:

IMAGEM 33: Síntese. Iza, 2022

Eu acho que a pandemia ela serviu para mudar a gente como um todo. Acho que muito do que a gente não dava valor a gente passou a valorizar depois da pandemia. Quantas vezes eu relatei no meu diário de bordo que eu sentia saudade de poder respirar sem a máscara. Olha pra você ver, uma coisa tão pequenininha né? E que eu jamais imaginei que eu iria sentir saudade, que eu iria precisar estar com um tecido sobre o rosto pra poder sair e resolver as coisas fora de casa, enfim. Acho que a pandemia ela também serviu para fazer a gente valorizar a família, os momentos vivenciados no trabalho também. Acho que todo ser humano depois da pandemia voltou um outro ser, sabe? Assim um outro ser de verdade. E pra representar esse momento eu fiz uma mão segurando a outra, que é o que representou pra mim esse momento, mesmo sozinha em São Paulo, junto com a equipe eu nunca me senti desamparada sabe? Sempre tinha um momento que eu conseguia perceber que eu não estava sozinha, mesmo eu estando presencialmente sozinha em casa. (Iza, 2022)

Fonte: fotografia de Iza, 2022.

A pesquisadora, por sua vez, fez um cérebro utilizando-se da argila e de uma casca de árvore para texturizá-lo. Explicou o motivo da sua obra, dizendo:

IMAGEM 34: Síntese. Paula, 2022

Eu fiz um cérebro [...] e quem está segurando esse cérebro é uma tampinha branca e uma tampinha azul. Por quê? Porque eu acho que o cérebro não está sozinho, está sempre alicerçado por um corpo, por um sentimento, por tudo. Então o branquinho seria a gente, individual. E o azul é o coletivo. Então eu acho que o que fica dessa pandemia, além de, enfim, todas as tragédias, o que a gente não pode esquecer, eu acho que é o papel do coletivo e o papel de individual, sabe? O papel do individual do coletivo e o papel do coletivo no individual, um pouco das duas coisas assim. O quanto que eles se conversam e a gente vai descobrindo novas coisas. (Paula, 2022)

Fonte: fotografia da autora, 2022.

O segundo movimento da pesquisa produziu uma série de novos dados que evidenciaram a necessidade de aprofundar a metodologia da análise de dados, de forma que se viu a necessidade da construção de um capítulo à parte dos resultados para compor a análise dos dados. Vale ressaltar que, embora a pesquisadora faça parte da pesquisa, inclusive participando das criações artísticas, suas obras não

serão o foco da análise, tangenciando a discussão, uma vez que o objetivo da pesquisa é compreender como professoras de EI significaram os momentos formativos durante o isolamento social causado pela Covid-19.

3.4 Procedimentos de análise de dados ou a construção musical das narrativas

Com essa imensidão de dados, inspiramo-nos no método da cartografia, a fim de acompanhar os processos vivenciados e entendendo que “o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem - linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação” (KASTRUP, BARROS, 2020, p. 79).

A análise dos dados se deu inspirada na perspectiva da análise de prosa, afinal, é

uma forma de levantar questões sobre o conteúdo de determinado material: O que é que este diz? O que significa? Quais suas mensagens? E isso incluiria naturalmente, mensagens intencionais e não intencionais, explícitas ou implícitas, verbais ou não verbais, alternativas ou contraditórias. (ANDRÉ, 1983, p. 67)

Como esta é uma investigação que parte da relação, a análise de dados não poderia ser outra que não uma relacional, que levasse em consideração o contexto das produções e suas reflexões. Aconteceram, portanto, dois movimentos da música (o inventário dos diários de bordo e o inventário invencionário durante o grupo reflexivo), mas fica faltando a música em si, que só pode ser apreciada em sua totalidade após a construção de uma nova narrativa sonora. Para tanto, após os dois movimentos, cabe à pesquisadora a composição musical final, isto é, a interpretação de tais movimentos.

A criação da música só foi possível por ter passado por um processo de triangulação, isto é, a “combinação de múltiplas fontes de dados, vários métodos de coleta e diferentes perspectivas de investigação” (ANDRÉ, 1983, p. 69), que permitiu a articulação de temas e tópicos a serem analisados. Para iniciar a análise desses dados produzidos pela presente investigação, foi necessário realizar a leitura diversas vezes, procurando tópicos recorrentes, tanto nos registros dos diários de bordo, quanto nos registros do inventário invencionário.

Após realizar a leitura diversas vezes, selecionamos os trechos recorrentes e imprimimos para melhor visualização. Cortes e recortes foram, literalmente, realizados nessas impressões, que foram dispostas no chão do quarto da pesquisadora, que passou a compreender ainda mais a necessidade de sua metodologia de análise de dados também ser permeada pela arte, afinal, o acompanhamento dos sujeitos e dos dados produzidos passaram, em muitas ocasiões, pela manifestação artística. A cartografia se consolida como possibilidade de acompanhamento, a partir do momento em que a pesquisadora olha seu chão e percebe o desenho se formando.

IMAGEM 35: Fotografia do processo de análise no chão do quarto da pesquisadora

Fonte: fotografia da autora, 2022

Após essa primeira análise, recolhemos e (re)ajustamos os trechos, produzindo novos desenhos, selecionando tópicos, identificando os tópicos e reagrupando-os em categorias. A pesquisadora passou a escrever tópicos que

foram levantados a partir de cada categoria relacionada no inventário dos diários de bordo e, a partir desses tópicos, cinco tópicos apareceram na justaposição entre o que foi levantado no inventário dos diários de bordo e o que foi levantado na análise do inventário invencionário, sendo eles: experiência, metáforas, aprendizagem, sentimentos e autoria, conforme explicitado na cartografia que segue.

Todavia, após uma análise mais minuciosa, percebeu-se que as metáforas não seriam um tópico subordinado a uma categoria, mas permeiam todas as reflexões das professoras, em maior ou menor grau. Ou seja, as metáforas serão tratadas como a consolidação do pensamento docente acerca de suas experiências. Assim, somou-se aos oito tópicos levantados anteriormente, quatro novos: experiência, aprendizagem, sentimentos e autoria.

Os dados não se apresentam de forma linear, pois a cartografia é acompanhar os processos da pesquisa - e, portanto, é o acompanhamento do raciocínio dos participantes, que não é linear. Assim, percebe-se que as conexões feitas no momento da análise desenvolvem um ritmo próprio, com ligações e implicações que fogem a um olhar tabelado, muitas vezes utilizado nas análises das pesquisas qualitativas. Entendemos, portanto, que os dados produzidos não são domínios do nosso conhecimento, mas composição deste (KASTRUP, 2020).

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. [...] o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 49)

Na nossa concepção, portanto, é preciso saber ler a composição criada, de forma que seja possível transformar tais dados em uma música, que corre. Evidentemente, trabalhamos aqui com uma metáfora, no sentido da música como uma forma prazerosa de compreender os dados produzidos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os tópicos gerados a partir dos dois movimentos realizados na pesquisa se relacionam na complexidade do desenvolvimento profissional docente, evidenciando estudos como o de Dewey (2010), Le Breton (2016) e Wallon (2007) acerca da importância da experiência para a aprendizagem, bem como da integralidade do ser, que é composto de dimensões afetivas, cognitivas e motoras.

No primeiro movimento, do inventário dos diários de bordo de 2020, os 8 tópicos identificados, embora abstratos, mostraram-se mais concretos do que os levantados no segundo movimento, o inventário invencionário. Acreditamos que isto se deve à meta-reflexão ocorrida no encontro das falas das participantes, que se depararam com seus próprios escritos e se desafiaram a criar a partir de suas reflexões sobre o passado.

QUADRO 3: Tópicos do inventário e do inventário invencionário

TÓPICOS INVENTÁRIO	TÓPICOS INVENTÁRIO INVENCIONÁRIO
Reflexão sobre a prática	Experiência
Os encontros formativos	Aprendizagem
Arte e criatividade	Autoria
Incertezas	Sentimentos
O tempo	
Ser professor (presencial e remotamente)	
Perdas	
Os estudos	

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Reforça-se que a organização em tabela foi realizada apenas para fins de visualização, mas não indicam que um tema se refere ao outro. Pelo contrário, os tópicos levantados nos dois inventários se complementam, de forma que o desenvolvimento profissional docente se concretiza em alguns tópicos, muitos dos quais se referindo ao próprio diário de bordo.

Acredita-se, portanto, que o diário de bordo se torna disparador de novas aprendizagens, não sendo um fim em si mesmo, mas ferramenta de desenvolvimento profissional. Lia referenda isso ao dizer: “eu tenho a sensação hoje que esses encontros são uma ampliação do nosso diário de bordo, sabe?” (Lia, 2022). Tulipa, por sua vez, usa o diário de bordo como uma de suas sínteses criativas, dizendo: “Então, a minha síntese criativa vai ser isso aqui [mostra uma revista de viagem] um livro repleto de memórias. Com tudo o que eu aprendi. Poderia pegar o meu diário de bordo. Quando eu quiser lembrar da pandemia vai estar ali no meu diário de bordo.” (Tulipa, 2022).

Ao seguir a análise, chegou-se a três categorias, sendo elas: o desenvolvimento profissional, as condições de trabalho e as significações atribuídas a partir do que foi vivido em 2020. Como, porém, não se compreende que o tempo atua de forma pontual nos sujeitos, muitas das significações que trouxeram seguem em sua vida, influenciando em seu desenvolvimento profissional e na exigência de

melhores condições de trabalho. Isso significa, portanto, que as categorias servem apenas para fins didáticos de análise, mas se relacionam de forma dialética, complementar, tal como a cartografia explícita.

QUADRO 4: Categorias, tópicos e temas da pesquisa

CATEGORIAS	TÓPICOS	TEMAS
Desenvolvimento profissional	Ser professor (presencial e remotamente)	<ul style="list-style-type: none"> - dúvidas - desabrochar - desenvolver-se - esperança - estudar
	Os estudos	<ul style="list-style-type: none"> - propiciam aprendizagem - tornar-se pesquisador
	Experiência	<ul style="list-style-type: none"> - com a natureza - com as crianças - com a simplicidade - com a tecnologia - com jogos e brincadeiras - reencontro com a infância
	Aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - da ciência - de conceitos físicos - de pesquisa - com as crianças - realização de cursos - de novas habilidades
	Autoria	<ul style="list-style-type: none"> - valorizar as próprias produções - compreender a própria escrita - criar poemas - escrever livros
	Reflexão sobre a prática	<ul style="list-style-type: none"> - meta-reflexão - escrever sobre o que faz
	Os encontros formativos	<ul style="list-style-type: none"> - ampliação do diário de bordo - transformação - espaço de partilha - roda de conversa
	Arte e criatividade	<ul style="list-style-type: none"> - experiência - valorização das próprias produções
Condições de trabalho	O tempo	<ul style="list-style-type: none"> - possibilidade de desacelerar - condições de refletir mais - produções criativas

Significações	Perdas	<ul style="list-style-type: none"> - afastamento da escola - mortes - confinamento - tempo com as crianças
	Incertezas	<ul style="list-style-type: none"> - trabalho como válvula de escape - diário de bordo como válvula de escape - medo - ansiedade - medo de perder a prática
	Sentimentos	<ul style="list-style-type: none"> - bloqueio com a física e a matemática - medo da morte - ansiedade - medo de perder emprego - medo de perder a prática - esperança - expectativas para o ano quebradas - diário e trabalho como âncoras

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Dito isso, em diversos momentos da análise das categorias, as demais serão citadas e referenciadas, pois entendemos que todo o movimento de desenvolvimento profissional vivido pelas professoras foi complexo e a presente pesquisa visa tentar compreendê-lo. Nesse sentido, todo esforço será empenhado para não simplificar o processo vivenciado pela equipe.

4.1 Desenvolvimento profissional

Sou professor você goste ou não
 Sou professor e amo minha profissão
 Sou professor mesmo que você não queira
 Sou professor e isto não é brincadeira.

(Iza, 2020)

Ser professor é uma aprendizagem diária e, ser professor em isolamento social se mostrou um desafio ainda maior, afinal, o que resta a professores de bebês e crianças que se nutrem diariamente das ações desses sujeitos em formação? Iza (2022) destacou isso, ao relatar que:

eu coloquei as crianças como centro porque elas são o primordial pra nós. Tudo que a gente faz é para elas, é por elas. Se estamos aqui hoje, creio eu também que tem elas como centro. Porque nós não seríamos nada sem as vivências com elas, seria apenas a Paula, a Lia, a Tulipa e a Iza. Então mesmo elas não estando presentes, a gente sabe que a gente a todo

momento cita elas porque são elas que acabam enriquecendo a nossa bagagem.

Iza diz isso em 2022, passados dois anos do isolamento social, mas se recorda com precisão de todo o movimento vivido, das incertezas de 2020 e, convicta, define que tudo o que faz, embora influencie em seu desenvolvimento profissional, está em prol dos bebês e das crianças que atende. Para nós, essa fala de Iza retrata muito bem o papel do professor em sua própria aprendizagem e, mais do que isso, o papel do professor de educação infantil, que coloca no centro da sua ação os bebês e as crianças, tratando-os como sujeitos de direitos que são. Ao dizer que “são elas que acabam enriquecendo a nossa bagagem”, Iza reconhece o conhecimento que bebês e crianças carregam em suas ações, destacando, de forma não intencional, um dos papéis dos professores dessa faixa etária: a reflexão sobre as ações das crianças, identificando as aprendizagens, implícitas ou explícitas.

Nesse sentido, as dúvidas sobre ser professor, isto é, sobre a atividade docente na primeiríssima infância, diminuem, a partir do momento em que se constrói comunidades de aprendizagem, entendidas como

configurações intelectuais, sociais e organizacionais que suportam o crescimento profissional de professores, promovendo oportunidades para que professores pensem, falem, leiam e escrevam sobre seus trabalhos diários, incluindo seus contextos sociais, culturais e políticos mais abrangentes, de maneira intencional e planejada. (COCHRAN-SMITH, LYTLE, 2002, p. 5).

Assim, definir espaço, nos momentos formativos, para que os professores falem sobre a sua prática é uma ação fundamental para o desenvolvimento profissional docente, pois parte-se da compreensão de que há saberes na prática profissional desses professores. Ou seja, da mesma maneira que as professoras de educação infantil devem considerar os saberes dos bebês e crianças, o formador desses professores deve considerar a experiência deles, promovendo escuta e reflexão sobre a prática. Esse princípio baseia-se na homologia de processos e foi citado pelas participantes em diversos momentos, como na fala de Lia, sobre um dos processos formativos vivenciados:

foi um momento muito importante, [...] foi muito gostoso falar sobre aquilo, mostrar, compartilhar sobre aquilo que a gente estava fazendo, para entender as crianças no dia a dia, sabe? (Lia, 2022)

No que tange especificamente à fase da pandemia vivida em 2020, era mais do que urgente a criação de momentos e espaços seguros de diálogo e escuta potentes, algo que Tulipa (2022), cita durante o inventário invencionário:

na pandemia eu lembro que a Paula deu muito espaço para gente falar dos nossos problemas fora e eu me sentia tão à vontade para falar com a Paula principalmente no diário de bordo: “olha, Paula, hoje não ‘tô legal porque aconteceu isso, isso e isso” Eu lembro teve um fato, desculpa se eu chorar, que o meu irmão tentou se enforçar e aí eu não consegui, nessa semana, fazer o meu diário de bordo, mas eu consegui ali desabafar com a Paula. “Olha, Paula, aconteceu isso, isso e isso” e o quanto poder ali desabafar tinha me feito muito bem, sabe... [...] que às vezes não queria conversar com minha mãe, porque imagina como minha mãe ia ficar, aí eu conversava um pouco com meus outros irmãos e meus irmãos ainda falam assim: “ai, mas é frescura dele”. Meu outro irmão falava: “mas é preocupante”, aquilo me angustiava. E o quanto essa abertura que a Paula deu foi muito significativa. No profissional também a mesma coisa, às vezes eu tinha ideias, que eu não levava para o grupo, entre quatro professoras, mas que lá, naquele momento, naquela roda, falando, vinha...

Assim, fica evidente que, para que haja um desenvolvimento profissional qualificado, não basta apenas estudar ou ter experiências com os bebês e crianças, mas é preciso criar, no ambiente de trabalho, um local de parceria, em que seja seguro demonstrar as dúvidas e inseguranças, bem como sugerir possibilidades aos companheiros, criando caminhos de aprendizagem coletivos. É esse local que permitirá a consolidação de aprendizagens. Não dizemos, com isso, que não há aprendizagens fora desse ambiente, mas que a promoção de condições em que se possa falar sobre a própria experiência de forma sincera e segura permite um desenvolvimento profissional mais qualificado, sendo aqui entendido como algo que “depende das suas vidas pessoais e profissionais e das políticas e contextos escolares nos quais realizam a sua actividade docente” (DAY, 2001, p. 15). Ou seja, as condições desse desenvolvimento profissional não dependem unicamente da escola, mas é, como vimos, dialética e multifatorial.

Para as participantes da pesquisa, a reflexão sobre a prática se materializa não apenas nos encontros formativos, mas também nos diários de bordo. Para Lia, os encontros formativos se tornam uma ampliação dos diários de bordo, pois segue-se falando sobre a prática das professoras:

pensando agora, não tenho dúvida que esses encontros são ampliações do nosso diário de bordo. Porque além da gente relatar a nossa experiência, a gente pega esses momentos para falar também sobre a gente, que é o que a Lia acabou de falar. Passa pelo físico, passa pelo emocional, e às vezes a gente chega nesses momentos e até desabafa, né? Às vezes muitas coisas que a gente não colocou lá no diário, a gente coloca ali. Então para mim, Lia,

parece que é um complemento, é uma ampliação do diário de bordo. (Lia, 2022)

A ampliação do diário de bordo nos encontros formativos também influencia na visão que as professoras constroem das ações dos bebês e crianças, pois enxergam, por meio das trocas, as suas produções com maior sensibilidade, como Lia evidencia no inventário invencionário:

eu quis mostrar um pouco das minhas crianças, sobre o quanto eu vejo elas brincando com encaixes, com blocos, como eu fico apaixonada pelas coisas que eles fazem, é umas coisas assim que na hora de montar os cantinhos⁵⁵, eu não consigo ter essa capacidade que eles têm de criar e fazer uma coisa belíssima com algo tão simples, até mesmo com uma folha, sabe? Com sementes, então... Mas é pensando neles e na questão desse olhar sensível pras coisas que eles fazem, sabe? Hoje pra mim aquilo que eles fazem é uma obra de arte lindíssima, com coisas muito simples, sabe? E hoje eu fico pensando, será que há uns anos atrás eu ia dar valor pelo desenho que a A. faz com as pedras? (Lia, 2022)

Mais do que isso, porém, a relação que as participantes tiveram com a arte em 2020, permitiu que passassem a entender a arte como uma forma de expressão, compreensão que era, até então, abstrata a elas. Iza define a arte como uma forma de você “expressar de alguma forma, seja por meio de uma reflexão, seja por meio de um poema, uma poesia, um desenho, que é o que a gente está fazendo” (Iza, 2022). A pesquisa confirmou, também, que as professoras passaram a se enxergar como produtoras de arte:

Eu acho que eu via a arte como algo que tinha que ser magnífico e não valorizava aquilo que eu fazia. Falava que, quando eu via, [olha o que] Fulano fez, nossa, que lindo, que maravilhoso e quando eu fazia eu falava “nossa, mas que sem graça, eu não sou criativa”. E a pandemia mudou isso. Eu não me achava capaz de fazer poema. Consegui fazer. Na pandemia eu fiz dois, agora eu fiz mais um. E era algo que eu não achava que era capaz. E o quanto isso mudou, o quanto meu olhar mudou. [...] Acho que é algo muito positivo que a pandemia trouxe: mostrar o quanto a gente é capaz e com coisas tão simples, a gente pode tornar maravilhoso. (Tulipa, 2022)

Ou seja, o contato mais próximo com diferentes expressões artísticas, propiciado pelo isolamento social e a alta repentina de *lives*, cursos e tempo à disposição das professoras, fez com que consolidassem a compreensão de autoria que vinham nutrindo com a escrita dos diários de bordo. Ou seja, o tempo que as participantes tiveram disponível, em 2020, fez com que a relação que possuíam com a arte se transformasse, ampliando a sensibilidade, a reflexão e a compreensão de autoria:

⁵⁵ Cantinhos ou cantos pedagógicos são uma forma de organização do espaço na educação infantil, que estimulam diferentes linguagens, como desenho, faz de conta, construção, leitura, colagem etc.

parei para refletir que o meu contato com a arte em tempos de pandemia tem sido diferente, pois passei a compreender a arte com outros olhos. Vale ressaltar que estou tendo mais tempo para ouvir mais músicas, assistir a mais filmes que tem como tema a arte, a pesquisar mais sobre a arte e isso tudo tem contribuído de forma significativa, para a ampliação dos meus conhecimentos diante do tema. Além de me tornar uma pessoa mais sensível e reflexiva. (Tulipa, 2020)

Isto evidencia o comentado anteriormente sobre a relação dialética das categorias, pois a mudança da compreensão sobre a arte só foi possível devido à ampliação dos tempos devido ao isolamento social, o que se relaciona às condições de trabalho dos profissionais de CEIs parceiros da prefeitura de São Paulo. Junto a isso, também há a construção do perfil de pesquisadoras da própria prática, o que dialoga com o sentido de autoria, pontuado por Lia (2022):

me tornei muito mais madura, me tornei muito mais pesquisadora, eu sempre fui uma professora assim, que gosta muito de ler, de pesquisar e ir atrás do novo e na pandemia [...] eu não sei o tanto que eu li. Mas eu sei que eu li bastante, eu sei que conheci muita coisa... [...] eu vejo o quanto eu consegui colher dessa pandemia, sobre o tanto que eu estudei para me tornar o que eu sou hoje. Por exemplo, hoje no projeto eu consigo colocar eu, Lia, na escrita [...] eu consigo trazer eu, Lia...

Para Lia, portanto, pesquisar serviu não apenas para subsidiar seus conhecimentos práticos, mas para que pudesse se consolidar enquanto a produtora de conhecimento que é, colocando a sua experiência na sua própria escrita. É essa concepção de autoria que permitiu que as professoras, a partir do vivido em 2020, passassem a valorizar as próprias produções, compreendessem a importância da própria escrita e passassem a criar poemas, escrever livros e realizar desenhos e mapas mentais de suas aprendizagens, algo que a pesquisadora incorporou nos encontros formativos a partir de 2021, propondo, além da realização das atas das reuniões, sínteses criativas, que permitissem às professoras o exercício constante da criatividade, incentivando a autoria, tão importante para o professor.

Todos os tópicos discutidos na categoria de desenvolvimento profissional foram levantados durante os dois movimentos da pesquisa (inventário dos diários de bordo e inventário invencionário) e permitem a compreensão de que o desenvolvimento profissional docente, para ser qualificado e democrático, deve se basear em alguns princípios, como homologia de processos, autoria, participação, reflexão sobre a prática e coletividade. Para as professoras, os encontros formativos fomentam a reflexão cotidiana, mesmo que não verbalizada:

A gente está refletindo, a gente está pensando, às vezes nem sempre a gente verbaliza, mas sempre a gente sempre sai das formações com algo

diferente né? Um novo aprendizado algo que algo que deve ser refletido, algo que deve ser melhorado. (Iza, 2022)

Entendemos, portanto, que o desenvolvimento profissional vivenciado pelas professoras do CEI Composição, dialoga com as cinco teses de Nóvoa (1991 apud OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009, p. 264), interpretadas por Oliveira-Formosinho como princípios de desenvolvimento profissional:

1. A formação contínua de professores deve **alimentar-se de perspectivas inovadoras**, que não utilizem preferencialmente “formações formais”, mas que procurem investir do ponto de vista educativo as situações escolares;
2. A formação contínua deve valorizar as actividades de **(auto)formação participada e de formação mútua**, estimulando a emergência de uma nova cultura profissional no seio do professorado;
3. A formação contínua deve alicerçar-se numa **“reflexão na prática e sobre a prática”**, através de dinâmicas de investigação-acção e de investigação-formação, valorizando os saberes de que os professores são portadores;
4. A formação contínua deve incentivar a **participação de todos os professores na concepção, realização e avaliação** dos programas de formação contínua e consolidar redes de colaboração e espaços de parceria que viabilizem uma efectiva cooperação institucional;
5. A formação contínua deve **capitalizar as experiências inovadoras** e nas redes de trabalho que já existem no sistema educativo português, investindo-as do ponto de vista da sua transformação qualitativa, em vez de instaurar novos dispositivos de controlo e de enquadramento. (destaques da pesquisadora, 2023)

Ou seja, os princípios de homologia de processos, autoria, participação, reflexão sobre a prática e coletividade estão contemplados pelas cinco teses de Nóvoa, pois, partindo deles, permite-se que os professores se enxerguem como produtores de conhecimento, percebendo-se enquanto pesquisadores de sua própria prática. Assim, através da homologia de processos, realiza-se, na formação de professores, o que se espera que eles realizem em conjunto com os bebês e crianças, ou seja, é um princípio que se alicerça na tese 1. A coletividade, por sua vez, refere-se à tese 2, pois entende-se que a formação docente ocorre socialmente, ou seja, coletivamente.

A tese 3 é contemplada pelo princípio da reflexão sobre a prática, pois parte-se da compreensão de que o professor produz conhecimento em sua ação cotidiana junto aos bebês e às crianças e que para concretizar esse conhecimento, deve refletir sobre suas ações, de forma que supere uma aprendizagem somente baseada em suas experiências, que irá “em última análise, limitar o seu desenvolvimento profissional” (DAY, 2001, p. 17).

O princípio da participação está contemplado pela tese 4, que define a participação dos professores na sua própria formação, concretizando a democracia e, novamente, considerando que os professores não são receptáculos de um saber de um sujeito “academicamente superior”, mas que possuem saberes, que, em diálogo, são mais potentes que saberes isolados. Comungamos, portanto, da visão de Paulo Freire (1987, p. 68) de que não “há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes”.

Por fim, a tese 5 coloca a necessidade de valorizar-se as ações formativas já existentes nas escolas ao invés de criarem-se formas de centralizar as formações *in loco*. Na nossa visão, essa tese dialoga com o princípio de autoria, que visa a valorização das produções individuais e coletivas, ou seja, de professores e de instituições escolares, entendendo que o que se discute na base das instituições, isto é, no chão das escolas, é tão rico quanto o que é discutido nas academias.

A presente pesquisa, portanto, conseguiu materializar alguns princípios de desenvolvimento profissional levantados por Nóvoa e Oliveira-Formosinho. Destacamos, dessa forma, que a homologia de processos, autoria, participação, reflexão sobre a prática e coletividade são essenciais para que o professor vivencie plenamente a sua própria formação.

4.2 Condições de trabalho

A presente investigação não visou pesquisar especificamente as condições de trabalho das professoras de CEIs parceiros, porém, os resultados encontrados apontam justamente para uma das maiores desigualdades entre os professores de CEI direto e de CEI parceiro, seja ele indireto ou não. Entende-se condições de trabalho como um conjunto de "requisitos que formam o conceito de valorização docente e [...] compreendem aspectos que são cruciais para a realização profissional" (OLIVEIRA, 2020, p. 34). Ou seja, a condição de trabalho “designa o conjunto de recursos que possibilitam a realização do trabalho” (OLIVEIRA e ASSUNÇÃO, 2010, s/p).

Nesse sentido, as condições de trabalho estão igualmente situadas em tempos e espaços históricos, isto é, dependem do contexto. Assim, destaca-se que as condições de trabalho de professoras de um CEI direto são diferentes das condições de trabalho de professoras de um CEI parceiro, especialmente, para esta

pesquisa, no que diz respeito ao tempo para formação continuada. Aqui, aproveitamos para resgatar o Quadro 2: diferença da jornada de trabalho do professor de CEI Direto e Parceiro/Indireto. Nele, percebemos que mesmo com a intenção do governo de mitigar as diferenças a partir de 2021, as diferenças de quantidade de horas disponíveis para formação ainda existem, totalizando a diferença de cerca de 4 horas de reuniões coletivas mensais.

Além disso, é importante ressaltar que, durante o período de reunião em CEI direto, existem outros profissionais formalmente responsáveis pela turma em que a professora está alocada. No entanto, nos CEIs parceiros, embora essa organização exista, é responsabilidade do professor regente garantir a segurança da turma durante todo o período de trabalho, mesmo que uma hora desse período seja destinada à formação. Essa dinâmica pode causar insegurança no professor, que mesmo se retirando dos espaços educativos para realizar sua formação, continua preocupado com o bem-estar e a experiência dos bebês e das crianças na sala de aula.

Há 20 anos os CEIs passaram a fazer parte da Secretaria Municipal de Educação, porém, apenas em 2021 que o CEI parceiro e indireto passa a ter assegurado pela legislação um período de formação para os professores. Sabemos que isso ainda está sendo implementado, não sendo seguido por todas as instituições, porém o CEI Composição garante, em seu cotidiano, esse período de estudo, entendendo que o tempo é fundamental para a qualificação da prática docente. Nesse sentido, corrobora-se o que Day (2001, p. 17) pontua: “Planificar e apoiar o desenvolvimento profissional ao longo de toda a carreira é uma responsabilidade conjunta dos professores, das escolas e do Governo”.

Assim, entende-se que garantir as condições de trabalho dos professores não é unicamente uma tarefa da escola, mas uma responsabilidade compartilhada entre ela, o governo, através das políticas públicas e o próprio profissional, na sua participação efetiva dos momentos formativos, por exemplo. Destacamos isso, pois, no isolamento social vivido em 2020, as professoras viveram a possibilidade de desacelerar, o que permitiu atingir condições de reflexão privilegiadas, bem como criar e valorizar suas criações, como Lia, que define o tempo com os dois livros que fez para as crianças durante o ensino remoto:

Tempo. Isso aqui é o tempo. Esses dois livros remetem exatamente ao que eu estava falando, Paula. No meu dia a dia, ali na ativa eu nunca iria tirar um tempo para fazê-lo. E na pandemia eu tive esse tempo. [...] E aí esse livro com certeza remete a questão do tempo que eu tive. Eu busquei pensar na professora que tinha um olhar, aquele olhar que conhece muito o seu grupo e que eu precisava levar pra eles, de memória, um pouquinho daquilo que a gente vivia no dia a dia. Isso remete a este livro aqui. [...] (Lia, 2022)

Percebe-se que a professora foi movida pela necessidade de fazer as crianças se aproximarem das memórias do espaço escolar e optou pela escrita dos livros para esse movimento. Ou seja, moveu-se primeiramente pelo sentimento, que sabia ser compartilhado, de ausência do espaço escolar, mas também racionalizou sobre a importância pedagógica de uma vivência como essa.

As professoras relatam, ainda, que realizaram mais cursos, fizeram pesquisas e muito mais, tudo isso porque tiveram mais tempo, “foi a questão do tempo, que eu tive mais tempo” (Tulipa, 2022). Da mesma forma que consideram o tempo que tiveram disponível vantajoso para o estudo e para as oportunidades de reflexão, pontuam que as vivências junto aos bebês e crianças são igualmente importantes, valorizando os saberes da prática:

às vezes eu achava que o tempo era maldoso e demorava muito pra passar, mas também eu achei que eu valorizava na questão de com esse tempo eu pude estudar, pude pesquisar muito, eu pude aproveitar pra olhar para minha casa, coisa que eu não fazia, para as coisas mais simples. Eu pude aproveitar para olhar pra mim, para me conhecer melhor, para saber do que que eu gostava e eu acho que é isso. Vai muito de como a gente vê e como a gente trata essa condição do tempo. Hoje a gente fala que o tempo é corrido, no CEI. É, mas ele também pode ser muito valorizado. A gente passa praticamente o dia inteiro no CEI. Olha quanta coisa a gente pode aprender com as crianças, com as nossas parceiras, com todos os momentos que a gente tem no CEI. Então, eu acho que vai muito disso, de como que a gente vai utilizar esse tempo. Ele pode ser sim bem favorecido se você souber utilizá-lo. Então eu acho que é isso. É a questão do valor que a gente dá pro tempo. Eu acho que às vezes a gente coloca muita desculpa no tempo e se a gente fizer a nossa parte, se a gente conseguir administrar esse tempo a gente vai conseguir levar ele sempre ao nosso favor. (Tulipa, 2022)

Essa fala de Tulipa, durante o inventário invencionário, corrobora com a colocação da Day (2001) sobre o desenvolvimento profissional ser uma responsabilidade compartilhada entre professores, escola e governo. Entende-se, portanto, que embora as condições de trabalho dos professores de CEI parceiros e indiretos não sejam as mesmas das de professores de CEIs diretos, o tempo pode ser aproveitado, dentro de suas limitações, se a escola e os profissionais envolvidos trabalharem por isso.

Uma reflexão importante dentro dessa categoria é: se as professoras do CEI Composição conseguiram fazer tanto durante o isolamento social, no que diz respeito a autoformação e produção criativa, o que seriam capazes de fazer com um tempo de qualidade garantido para formação *in loco*, isto é, com formações como oportunidade de desacelerar e repensar rotina, sem preocupar-se com os bebês e crianças sob a responsabilidade de outrem?

Mesmo longe de atingir essas condições, temos observado que assegurar os horários de estudos, tanto coletivos quanto individuais, têm garantido um fortalecimento da reflexão docente e um aprimoramento da própria prática, extremamente rico para o desenvolvimento profissional docente.

4.3 Significações

Pois toda vida é uma aventura incerta: não sabemos de antemão o que serão para nós a vida pessoal, a saúde, a atividade profissional, o amor, nem quando ocorrerá a morte, ainda que esta seja indubitável. Com o vírus e com as crises que se seguirão, provavelmente conheceremos mais incertezas que antes e precisamos nos agurrir para aprender a conviver com isso. (MORIN, 2021, p. 26).

Viver uma pandemia e o isolamento social propiciou o despertar de uma série de sentimentos complexos, muitos dos quais não compreendidos de imediato. As escolas viveram momentos inéditos, tendo que transformar os meios de comunicação com as famílias e acolher profissionais, crianças e familiares que sofriam com o medo e as incertezas. É comum lermos e ouvirmos que a “escola” teve de se adaptar, porém, quem faz a instituição são as pessoas que nela atuam, nesse sentido, não é possível tentar entender os impactos do vivido em isolamento social se não compreendermos o que viveram os professores, as crianças e seus familiares. Esse estudo focou em tentar entender as significações que professoras deram a esse momento de isolamento.

Durante os dois movimentos da pesquisa, diversos foram os pontos levantados pelas professoras. Nos diários de bordo, as professoras relataram muitas vezes as perdas que viveram com seu afastamento da escola, pois entendiam que as vivências com os bebês e crianças eram de extrema riqueza para a sua vida e seu desenvolvimento profissional. Também relatam o incômodo que sentiam com as mortes, tanto as anunciadas incansavelmente pelos meios de comunicação, quanto pelas de seus familiares e conhecidos. Morin (2021, p. 26) comenta que a contagem

de mortos, realizada diariamente, "alimentou e até aumentou o medo da imediatez da morte".

As professoras relataram, ainda, a sensação de estarem presas em suas próprias casas e, aqui, entra o outro lado do "tempo": o que fazer com tanto tempo disponível. As participantes da pesquisa apontaram um apego ainda maior à rotina, necessitando manter o trabalho como uma espécie de válvula de escape da realidade torturante das notícias sobre o coronavírus. Nesse sentido, a pesquisa e o estudo, além de propiciar o desenvolvimento profissional de cada uma, possibilitou que se sentissem seguras e ativas: "Eu tinha que fazer isso, porque eu não queria me sentir impotente, eu não queria me desvalorizar, eu queria ser uma pessoa ativa" (Lia, 2022).

Havia, também, a insegurança em relação ao trabalho: será que as instituições não irão promover demissões em massa? Será que vou conseguir manter o meu trabalho? Esse sentimento de incerteza foi relatado por Iza durante o inventário invencionário:

Será que eles vão conseguir manter todas nós. Eu era nova, então pela lógica, geralmente a empresa sempre acaba começando a cortar os gastos por quem está chegando. Porque não é justo você, diante de duas profissionais, as duas trabalham muito bem, você mandar embora uma que é velha de casa. Então na minha cabeça eu ficava meu Deus então eu preciso me doar muito, sabe? (Iza, 2022)

As professoras evidenciaram que os sentimentos de medo e ansiedade que sentiram eram amenizados pela rotina de trabalho remoto, com as sugestões de leitura e estudo da coordenadora pedagógica, pelas reuniões semanais e pela escrita nos diários de bordo. Muito se discute sobre a importância da rotina para os bebês e crianças bem pequenas, pois ela permite a previsibilidade, isto é, que a criança comece a elaborar o que vai acontecer com ela em seguida. Em um momento de crise, como foi a pandemia da Covid-19, a importância da rotina se ampliou também para as demais faixas etárias, como Tulipa (2022) pontuou, ao explicar sua produção durante o inventário invencionário:

eu pintei ela [folha] toda de preto, que eu acho que representa todos os sentimentos que eu sentia, pelo menos naquele momento quando começou a pandemia: medo, angústia, frustração. E aí eu fiz um pontinho verde com uma corda, como se eu tivesse puxando a corda e esse pontinho verde é o trabalho, que era a esperança que eu tinha. Eu acho que o trabalho representava isso, a esperança. Eu esperava que as coisas se normalizassem e era o que eu tinha ali para me segurar, para enfrentar aquele momento.

Somos seres que temem o desconhecido, então nos apegamos a algo conhecido para nos sentirmos seguros. Além das reuniões e das leituras e estudos, o diário de bordo foi essa segurança ou um escoamento para os sentimentos vividos durante o isolamento social: “para mim, o diário de bordo foi uma válvula de escape” (Lia, 2022). Essa relação de produção com o tempo incerto da pandemia se sustenta na afirmação de Barbosa (2013, p. 216) de que a “regulação temporal que caracteriza a vida contemporânea com a tríade produção-acumulação-consumo atropela e desapropria o tempo da vida”.

Os sentimentos que as professoras vivenciaram foram sintetizados em alguns poemas que produziram durante o ano de 2020, como em “A arte de recomeçar”, de Iza:

A arte de recomeçar

Iza

Abro meus olhos e logo vejo,
algo mudou. O que será?
Preciso correr, preciso aproveitar este ensejo,
pois já não quero mais esperar.

Abro as janelas, ao som da aquarela,
E descubro que tudo passou.
Sentimento de alívio, como a vida é bela,
a dor, o medo e a ansiedade acabou.

O mundo volta a sua rotina,
Que mudou de forma repentina,
Novos trabalhos, novas oportunidades,
Focados deveremos estar na reconstrução da sociedade.

Aprendemos a dar mais valor a vida,
Aos nossos entes queridos, às nossas famílias.
Tudo isso por causa da pandemia,
A humanidade clamava por melhoria.

Foi ofertada uma nova chance,
É necessário que todos avancem,
Em busca de progresso, não podemos recuar,
Como é magnífica a arte de recomeçar.

A professora elenca muitos dos sentimentos que teve durante o ano e escreve, imaginando como seria quando tudo, de repente, acabasse. Observa-se a esperança como sentimento principal a partir do terceiro verso, pois a professora elenca as transformações vividas a partir de um temor muito grande que foi a pandemia, destacando que há uma nova chance de recomeçar, como se o recomeço fosse a reconstrução da sociedade.

Ou seja, além dos sentimentos despertados pelas perdas, pelo medo e pelas incertezas, a esperança foi uma das significações atribuídas, tanto ao diário de bordo, quanto aos momentos formativos, pois eram lidos como momentos de encontro em meio ao isolamento social. Morin (2021, p. 94) destaca que a esperança “não é certeza, traz consciência dos perigos e das ameaças, mas nos faz tomar partido e fazer apostas”. Ou seja, embora não houvesse certeza de que tudo se normalizaria, os sentimentos vividos pelas professoras em relação à pandemia da Covid-19 puderam ser compartilhados, o que, de certa forma, atenuou os desconfortos de viver em isolamento, possibilitando a construção de um senso de coletividade dentro da instituição escolar. Evidenciamos, com isso, que uma formação continuada deve levar em consideração as significações que os atores da escola atribuem a suas vivências.

5 PISTAS SOBRE A FORMAÇÃO EM CEIS PARCEIROS

Formar-se professor de bebês e crianças pequenas exige especificidades, exige compreender o desenvolvimento humano, mas, mais do que isso, exige compreender diferentes formas de expressão, lembrando do poema de Loris Malaguzzi⁵⁶, que diz que

A criança é feita de cem.
 A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar,
 de jogar e de falar.
 Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.
 Cem alegrias para cantar e compreender.
 Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.
 Cem mundos para sonhar.
 A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem),
 mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.
 Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de
 não falar,
 De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no
 Natal.
 Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem,
 roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a
 imaginação,
 O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.
 Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário,
 as cem existem.

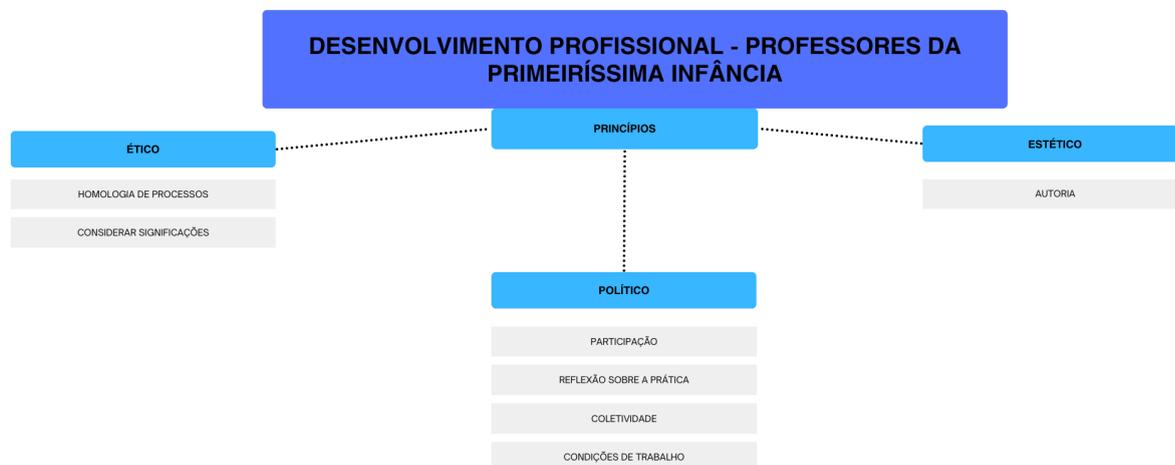
⁵⁶ Pedagogo italiano, um dos responsáveis pela reconstrução de Reggio Emilia após a segunda guerra mundial.

A criança tem cem linguagens, mas como se aproximar dessas linguagens se a nossa formação priorizou apenas algumas delas, geralmente a linguagem oral, a escrita e a matemática. As demais linguagens se perderam em nossa formação escolar. Desenvolver-se enquanto professor na primeiríssima infância é reconectar-se com essas linguagens, é lembrar que o pensamento humano é anterior a língua escrita ou mesmo falada e que, portanto, existem diferentes formas de registrar e expressar o pensamento.

Acreditamos, como Malaguzzi (apud PROENÇA, 2018, p. 75), que a arte é uma “ferramenta’ para o pensamento, uma linguagem que entrelaça mente e mãos com alegria criativa e libertadora, por meio de uma aprendizagem real”. Portanto, a presente pesquisa evidenciou a potência da arte enquanto ferramenta de desenvolvimento profissional, que dialoga com os princípios de uma educação infantil respeitosa: éticos, políticos e estéticos. A arte, tanto no que diz respeito a ter contato com obras de arte, quanto ao fazer artístico, referenda o fazer docente ancorado nesses princípios e, portanto, uma formação contínua deve ir nesse mesmo sentido.

A presente pesquisa levantou alguns pontos referentes aos princípios para um desenvolvimento profissional qualificado e, portanto, sobre os quais toda e qualquer formação deve ser construída, ilustrados pelo mapa a seguir

IMAGEM 37: Mapa dos princípios para desenvolvimento profissional de professores da primeiríssima infância



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Assim, na nossa concepção, todo e qualquer apontamento para a formação contínua nos Centros de Educação Infantil parceiros com a prefeitura de São Paulo deve estar sustentada sobre esses princípios. É nesse sentido que elaboramos pistas para uma formação continuada que colabore com os fazeres de professores dessa etapa da educação e respeite os seus saberes pré-existentes. A opção por elaborar pistas, ao invés de um roteiro de formação, ancora-se também no princípio da homologia de processos, uma vez que acreditamos que, para uma aprendizagem significativa, devemos realizar projetos que estejam de acordo com a demanda do território e de seus atores sociais.

Pista 1 - princípio da reflexão sobre a prática (político)

Os registros dos professores podem ser utilizados como ferramenta para reflexão sobre a prática, sendo um potente material de discussão e materialização da prática, mobilizando as teorias que estão associadas a tal ação. Para isso, porém, é preciso criar uma relação de confiança entre os professores, que possibilite a socialização das produções.

Pista 2 - princípio da autoria (estético)

A arte pode ser uma ferramenta de desenvolvimento profissional, porém, em nossa formação inicial, fomos afastados das múltiplas possibilidades dessa linguagem, sendo papel da formação contínua promover essa reaproximação. Estimular outras formas de pensamento, propondo que os professores registrem os encontros formativos, a partir de outras linguagens que não apenas as atas, por exemplo, pode ser uma boa estratégia. Sugerimos a criação de sínteses criativas, método em que os participantes sintetizam a discussão com qualquer linguagem que desejarem.

Pista 3 - princípio da participação (político)

Para uma formação democrática, é preciso que haja participação não apenas durante a discussão, mas também na decisão do que será discutido, ou seja, uma outra pista para organizar momentos formativos que sejam significativos, é envolver a equipe na decisão daquilo que precisa ser debatido.

Pista 4 - princípio da coletividade (político)

Essa pista é para lembrarmos que somos seres “geneticamente sociais”, como nos lembra Wallon (2007). Nesse sentido, as formações contínuas devem levar em conta que a escola é um ecossistema e o que acontece em uma sala, com uma criança ou uma professora, afeta toda a dinâmica escolar. Assim, é preciso criar um clima de coletividade, baseado nos princípios do trabalho coletivo, ou seja, é necessário que haja objetivos em comum para os processos formativos.

Pista 5 - princípio de considerar as significações atribuídas a determinado evento (ético)

A quinta pista dialoga com o respeito ao outro, entendendo que as significações que cada um atribui a uma situação podem ser diferentes e afetam o engajamento do sujeito. Entendemos, portanto, que é preciso considerar os sentimentos dos sujeitos no momento de elaborar uma experiência formativa. Ressalta-se, porém, que só é possível conhecer os sentimentos do outro se há um senso de coletividade firmado.

Pista 6 - princípio de condições de trabalho (político)

Essa é uma pista que não pode ser solucionada localmente, porém, é possível encontrar fissuras na instituição. Isto é, embora os CEIs parceiros dependam de políticas públicas para melhorar as condições de trabalho de seus profissionais, é possível pensar em uma reorganização da escola para que as formações não sejam mais uma tarefa do professor, mas parte intrínseca de seu trabalho, pois, ao formar-se, ele está procurando oferecer o melhor para sua turma.

Pista 7 - princípio de homologia de processos (ético)

A sétima pista diz respeito à homologia de processos, isto é, fazer na formação dos professores aquilo que se espera que seja feito na ação junto aos bebês e crianças. Nesse sentido, é um princípio que sustenta parte dos demais. É a partir dele, por exemplo, que podemos pensar no princípio da autoria, da participação, da coletividade e de considerar as significações, todavia, as condições de trabalho e a reflexão sobre a prática são princípios independentes, pois sua prática não se relaciona diretamente com a homologia de processos. A imagem a seguir objetiva a representação dessa sustentação.

IMAGEM 38: Homologia de processos como o princípio ético que sustenta os demais princípios de desenvolvimento profissional



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Esperamos que as pistas aqui desenhadas possibilitem a elaboração de momentos formativos respeitosos para todos os sujeitos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa existência, até então regida por um tempo cada vez mais acelerado, pôde ser de novo organizada, desacelerada [...] Terminado o isolamento, vamos retomar a corrida infernal? Guardaremos o gosto por fazer as coisas devagar, zanzar, andar de bicicleta, praticar o *slow food*? Deixaremos de querer ir mais depressa e mais longe? Deixaremos de subordinar o principal, nossa própria realização e nosso elo afetivo com outras pessoas, ao que é secundário ou mesmo fútil?

(MORIN, 2021, p. 44)

Passados três anos da pandemia da Covid-19, vemos o mundo retornar a um frenético movimento em busca de produção, um tempo que é inimigo da infância, que é o oposto daquilo que defendemos como importante para os bebês e crianças de nossas escolas. Nesse sentido, enxerga-se a necessidade de que essa pesquisa demarque um posicionamento, referendado pelos dados produzidos ao longo do estudo: é preciso desacelerar a escola. Precisamos permitir que a vida que acontece nas instituições escolares seja o motor dos estudos e reflexões dos professores - e, para isso, o tempo corrido da rotina não nos basta. Nesse sentido, a escola não pode se submeter ao tempo de *Chronos*, mas deve, conscientemente, prezar pelo desenvolvimento do tempo de *Kairós* (tempo das oportunidades) e ao tempo de *Aión* (tempo da experiência).

Todavia, percebemos que, no caso dos CEIs parceiros, devemos ter uma exigência política por um tempo cronológico que torne factível uma discussão de qualidade. Ou seja, a experiência vivenciada pelos professores do CEI Composição evidenciou que o tempo se manifesta de diferentes formas, sendo fundamental a construção de melhores condições de trabalho, para que o tempo cronológico (de *Chronos*) não afete a constituição dos tempos de *Kairós* e *Áion*. Ademais, Dewey (2010, p. 90) reforça que o

tempo, como organização da mudança, é crescimento, e o crescimento significa que uma série variada de mudanças entra nos intervalos de pausa e repouso, de conclusões que se tornam os pontos iniciais de novos processos de desenvolvimento

Não à toa começamos a enxergar mais claramente o processo vivido em 2020, após três anos do fato ocorrido. O distanciamento não é só necessário, como essencial para a percepção de nuances, tal qual a desigualdade de condições entre funcionários de um CEI direto e de um CEI parceiro da prefeitura de São Paulo. Tais

desigualdades ficam evidentes ao se pensar ainda sobre a questão do tempo, pois foi preciso uma pausa nas atividades cotidianas para que as professoras pudessem se debruçar em seus estudos e perceber as suas potencialidades, reconhecendo-se enquanto autoras de suas aprendizagens.

Quando um relâmpago ilumina uma paisagem escura, há um reconhecimento momentâneo dos objetos. Mas o reconhecimento em si não é um mero ponto no tempo. É a culminação focal de longos e lentos processos de maturação. É a manifestação da continuidade de uma experiência temporal ordenada, em um súbito instante ímpar de clímax. (DEWEY, 2010, p. 90 e 91)

Nesse sentido, o isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19 foi esse relâmpago, que fez com que a pesquisadora olhasse para a sequência dos acontecimentos formativos, como as pílulas de reuniões, os momentos formativos em 2020 e os momentos formativos pós-isolamento e entendesse que havia um problema a ser investigado. Esperamos não precisar de uma nova pandemia para que as professoras de CEIs parceiros possam ter acesso a um desenvolvimento profissional qualificado, assim, demarcamos uma exigência ao poder público de melhores condições para as formações que acontecem nos CEIs parceiros de São Paulo.

Este estudo também permitiu a percepção da potencialidade da escrita reflexiva sobre a própria prática, chegando à compreensão de que, havendo uma comunidade que escreve sobre a sua prática, os momentos formativos ganham possibilidades, se articulados a essa escrita. A frase de uma das participantes sintetiza essa visão: “as formações são uma ampliação do diário de bordo”. Fazer esse movimento de ampliar as reflexões que foram iniciadas na escrita dos diários de bordo é propiciar o desenvolvimento de uma reflexão coletiva e participativa, dois dos princípios que foram encontrados como base de um desenvolvimento profissional qualificado.

Chegar a esses princípios foi uma surpresa no decorrer da pesquisa, uma vez que os objetivos iniciais não tratavam dessa perspectiva, mas visavam compreender como professoras de Educação Infantil significaram os momentos formativos durante o isolamento social causado pela Covid-19, bem como identificar os sentimentos causados pelo afastamento das professoras da escola, investigar de que maneira os profissionais relatam/identificam o impacto dos momentos formativos em pandemia no seu trabalho hoje; identificar como o processo formativo mediado pela arte

reverbera no desenvolvimento profissional docente e levantar pistas para o desenvolvimento profissional docente em CEIs parceiros. Aconteceu de tais pistas terem relação com os princípios que foram encontrados na pesquisa.

Em relação à potencialidade da arte enquanto mediadora de processos ficou evidente que o relâmpago que permitiu à pesquisadora visualizar as dificuldades enfrentadas na formação também permitiu que as participantes olhassem para si com outra lente, a lente da arte. Perceber-se enquanto sujeito criador foi uma vivência que o isolamento social permitiu, evidenciando a arte não apenas como potência formativa, mas também curativa.

Os tensos momentos vivenciados em 2020, com as mortes, as perdas e a sensibilização, permitiram que as participantes recorressem a novas formas de entretenimento e reflexão: filmes, vídeos, desenhos, músicas e visitas virtuais a museus foram algumas das formas de expandir potenciais reflexivos. Esse contato fez com que, coletivamente, passassem a se colocar no papel de produtoras de arte. Nesse sentido, vivenciamos a arte como articuladora ou, como dissemos anteriormente, arte-curadora.

Como a arte e a “estética são fatores essenciais à maneira como o sujeito-aprendiz compreende e concebe o mundo a que pertence” (PROENÇA, 2018, p. 75), acreditamos que a vivência com a arte foi essencial para que as professoras do CEI Composição passassem a incorporar, em suas reflexões, diferentes linguagens, sintetizando saberes de diversas maneiras, não apenas pela língua escrita. Isso foi fundamental para que as professoras se aproximassem ainda mais da primeiríssima infância e suas múltiplas linguagens.

A presente pesquisa valeu-se de diversos dados, produzidos a partir de muitas fontes, escritas, orais e artísticas e, a partir deles, teceu princípios de desenvolvimento profissional, baseando-se em Nóvoa e Oliveira-Formosinho. Tais princípios dialogam com os princípios éticos, políticos e estéticos, definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) e são sete: homologia de processos, autoria, participação, reflexão sobre a prática, coletividade, condições de trabalho e respeito às significações dos sujeitos.

Nesse sentido, vivenciamos, na pesquisa, o desdobramento desses princípios em práticas concretas. A homologia de processos se manifestou na construção de momentos formativos que respeitem os sujeitos, vivenciando com eles situações que

podem ser recriadas com os bebês e crianças. A autoria foi valorizada por meio da escrita reflexiva, permitindo que as professoras se reconhecessem como protagonistas de sua própria formação. A participação foi estimulada por meio de espaços de diálogo e troca de saberes entre as professoras e os formadores. A reflexão sobre a prática foi fomentada através da análise e discussão dos registros escritos pelas professoras, possibilitando a revisão e o aprimoramento de suas ações pedagógicas. A coletividade se manifestou na construção de uma comunidade de aprendizagem, onde as professoras se apoiam mutuamente e compartilham suas experiências. As condições de trabalho foram abordadas como um elemento fundamental para o desenvolvimento profissional, levando em consideração aspectos como carga horária e infraestrutura adequada nas instituições. Por fim, o respeito às significações dos sujeitos foi evidenciado através da escuta atenta e do reconhecimento da diversidade de saberes e experiências trazidos pelas professoras. Em suma, esses princípios se mostraram essenciais para uma formação docente de qualidade nos CEIs parceiros, contribuindo para a construção de práticas pedagógicas mais significativas e sensíveis às necessidades das crianças e suas famílias.

Ao final dessa pesquisa, fica evidente a importância de repensarmos a forma como concebemos o tempo e a educação em nossas sociedades. O ritmo acelerado imposto pela lógica produtivista, muitas vezes, negligencia a dimensão humana, afetando a qualidade das interações e o bem-estar dos envolvidos no processo educativo. O isolamento social proporcionado pela pandemia de Covid-19 trouxe à tona a necessidade de desacelerar, de valorizar momentos de pausa e reflexão, de priorizar a qualidade das relações e a escuta atenta. A escola, nesse sentido, deve ser um espaço de respiro, de encontro, de experiências significativas e de cuidado mútuo. É fundamental que as políticas públicas e as práticas educacionais estejam alinhadas a essa perspectiva, buscando garantir condições adequadas para o desenvolvimento profissional dos educadores e uma educação que promova o florescimento integral de cada criança.

Por fim, a pesquisa também evidencia a importância da arte como mediadora e potencializadora dos processos formativos. Através da arte, as professoras puderam expandir suas reflexões, explorar novas linguagens e se reconhecer como sujeitos criadores. A experiência estética proporcionada pela arte ampliou as

possibilidades de expressão e compreensão do mundo, aproximando as professoras da sensibilidade e curiosidade características da primeira infância. Portanto, é essencial que a arte seja valorizada e integrada de forma transversal, também nas formações de professores, proporcionando experiências estéticas enriquecedoras e estimulando a criatividade e o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Esperamos que a presente pesquisa possa simbolizar mais um passo na complexa discussão sobre o desenvolvimento profissional docente, contribuindo para a compreensão da diversidade de linguagens para a formação do sujeito, bem como os impactos do isolamento social provocado pela Covid-19 em professoras de um CEI parceiro com a prefeitura de São Paulo. Finalizamos a escrita desejosos de que as aprendizagens adquiridas na presente pesquisa possibilitem o desenvolvimento de novos e mais aprofundados estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, Laurinda. O corpo na perspectiva do coordenador pedagógico. **Educação & Linguagem**. São Paulo: UNIFESP, Ano 11, nº 17, p. 117-133, jan-jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/144>>. Acesso em: 25 de junho de 2022.

ALVES, G. **A formação de professores na sociedade hiperconectada: alternativas emergentes para a internacionalização e apropriação de tecnologias digitais na educação**. 2021. 204 f. Dissertação (mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

ANDOLFO, Ariele; FRAGA, Paulo. A alfabetização científica e a criança como agente transformador: uma pesquisa-ação. In: **XIII Jornada de Iniciação Científica e VII Mostra de Iniciação Tecnológica**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xiiijornada/paper/view/447/371>>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

ANDRÉ, Marli. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, maio de 1983, pp. 66-71. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1491/1485>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ARROYO, Miguel. Apresentação. In: VEIGA, C; FARIA, L. **Infância no sótão**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, pp. 7-19.

AVELEDO, Edilene Aparecida Barros da Silva. **O espaço formativo da RPS e as necessidades de formação dos professores: atendidas ou não?**. 2018. 98 f. + 98 f. Anexos. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARBOSA, M. C. S. Tempo e cotidiano - tempos para viver a infância. In: **Leitura: teoria e prática**. Campinas, v. 31, n. 61, p. 213-222, nov. 2013. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3513005/mod_resource/content/1/185-366-1-SM.pdf>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Lei nº 13019/14, de 31 de julho de 2014. **Estabelece o regime jurídico das parcerias entre a administração pública e as organizações da sociedade civil, em regime de mútua cooperação, para a consecução de finalidades de interesse público e recíproco, mediante a execução de atividades ou de projetos previamente estabelecidos em planos de trabalho inseridos em termos de colaboração, em termos de fomento ou em acordos de cooperação; define diretrizes para a política de fomento, de colaboração e de cooperação com organizações da sociedade civil; e altera as Leis nºs 8.429, de 2 de junho de 1992, e 9.790, de 23 de março de 1999.** (Redação dada pela Lei nº 13.204, de 2015). Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113019.htm>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf>. Acesso em: 08 de jun. de 2023.

BRITO, J. (org.) **Por que escrevo?**. São Paulo: Escrituras Editora, 1999. (Mistérios da criação literária; v.1).

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura *In* **Vários escritos**, 5 ed. Corrigida pelo autor. Ouro sobre azul. Rio de Janeiro, 2011.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CELESTE, Mirian; OLIVEIRA, L.; BONCI, Estela. **Laboratório de musicalização**: dispositivos para musicalização e linguagem musical para pedagogos. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017. Disponível em: <<https://sigeve.ead.unesp.br/index.php/submission/downloadFileProceedings/2345>>. Acesso em: 24 de abril de 2021.

COCHRAN-SMITH, M; LYTLE, S. **Teacher Learning Communities**. Encyclopedia of Education 2nd Edition. J. Guthrie (eds.). New York: Macmillan. Tradução: GEPED (Grupo de Estudos e Pesquisas em Didáticas e Formação de Professores).

DAMÁSIO, Antonio. **Sentir e saber**: as origens da consciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores**: os desafios da aprendizagem permanente. Porto: Porto Editora, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DOMINGO, J.C. Profundizar narrativamente la educación. In SOUZA, E. (org.). **(Auto)biografias e documentação narrativa**: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 37-61.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUYAU, J. **A gênese da ideia de tempo e outros escritos**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KASTRUP, Virginia. Autopoiese e subjetividade: sobre o uso da noção de autopoiese por G. Deleuze e F. Guattari. *In*: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 46-62.

KASTRUP, Virginia. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva *In*: KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia; PASSOS, Eduardo. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 91-110.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia. **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020, p. 76-91.

KOHAN, Walter O. A infância da educação: o conceito devir-criança. *In*: **Lugares da Infância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LENIN, V. **Que fazer?** Tradução das Obras Escolhidas em Três Tomos, 5ª Ed. russo, t.6, Portugal, Editorial Avante, 1977, pp. 1-192. Disponível em: <<https://dori.pcp.pt/images/classicos/T05T026.pdf>>. Acesso em: 29 de março de 2021.

LOURENCETTI, G; MIZUKAMI, M. Dilemas de professoras em práticas cotidianas. . *In*: MIZUKAMI, M; REALI, A. **Aprendizagem profissional da docência: saberes, contextos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2002, p. 50-69.

MARTINS, A. **Os horários de atividades como projeto de formação: reflexões sobre as narrativas de professores atuantes na Educação Infantil em Macaé - RJ**. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2020. Disponível em: <<https://www.btdt.uerj.br:8443/bitstream/1/16481/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Alessandra%20da%20Silva%20Rezende%20Souza%20Martins%20-%202020%20-%20Completa.pdf>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NHANISSE, C. **Formação continuada em serviço: enunciados dos professores sobre seu percurso formativo na relação com o fazer pedagógico**. 2014. 114 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94704/000914893.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

NONO, M.; MIZUKAMI, M. Formando professoras no Ensino Médio por meio de casos de ensino. *In*: MIZUKAMI, M; REALI, A. **Aprendizagem profissional da docência: saberes, contextos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2002, p. 139-159.

OLIVEIRA, D. A. **Condições de trabalho docente e a defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia**. *In*: **Revista USP**, São Paulo, n. 127, p.

27-40. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/180037/166654>>. Acesso em: 01 de maio de 2023.

OLIVEIRA, D. A.; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de trabalho docente. *In*: OLIVEIRA< D. A.; DUARTE, A. M. C., VIEIRA, L. M. F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte, UFMG/Faculdade de Educação, 2010, s.p. Disponível em: <<https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/390-1.pdf>>. Acesso em 01 de maio de 2023.

OLIVEIRA, S. M. DE. Os Novos Espaços da Formação Continuada e o Papel Mediador o Professor Formador. *In*. ANDRÉ, Marli E.D.A. (Org.). **Práticas Inovadoras na formação de professores**. Campinas: Papirus, 2016. p. 263-282.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Desenvolvimento profissional dos professores. *In*: FORMOSINHO, J. (org.). **Formação de professores**: aprendizagem profissional e ação docente. Portugal: Editora Porto, 2009, p. 221-284.

PANIZZA, M. **A gestão das creches conveniadas do município de São Paulo**: necessidades, desafios e possibilidades formativas na ação supervisora. 2018. 116f. Trabalho final (Mestrado Profissional) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21706/2/Mariana%20Fernandes%20Panizza.pdf>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

PASSEGGI, M. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *In* **Revista Práxis Educacional**. [S.l.] v. 17, n. 44, p. 93-113, jan/mar. 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>>. Acesso em: 20 de julho de 2022.

PASSEGGI, M.; OLIVEIRA, R.; NASCIMENTO, G. O grupo reflexivo de mediação biográfica: método de investigação qualitativa e dispositivo de pesquisa-formação. *In* **Atas - 8º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa**, v.1, p. 600-609, jul. 2019. Disponível em: <<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/CIAIQ2019/article/view/2199/2124>>. Acesso em: 28 de agosto de 2022.

PENTEADO, P; REZENDE, A. Os desafios da Educação contemporânea: o fortalecimento da Autonomia - um estudo comparativo entre a Escola da Ponte e o método Kumon. *In* **XIII Jornada de Iniciação Científica e VII Mostra de Iniciação Tecnológica**. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016. Disponível em: <<http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/jornada/paper/view/281/241>>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

PENTEADO, Paula. O lobo 'tá' vindo: considerações sobre a construção do jogo simbólico e a brincadeira com elementos da natureza e materiais não estruturados. *In* SILVA, D. (org.). **Educação Infantil**: políticas, práticas e formação de professoras(es). Ponta Grossa, PR, Editora Atena, 2021a, pp. 1-12. Disponível em:

<<https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3906>>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

PENTEADO, Paula. Memórias (de) educadoras: os percursos que nos fizeram ser quem somos e a nova situação educacional. In SILVA, C. (org.). **Formação docente: experiências metodológicas, tecnológicas e práticas**. Ponta Grossa, PR, Editora Atena, 2021b, pp. 220-233. Disponível em: <<https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/ebookPDF/3775>>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

PLACCO, Vera M. N. de S., SOUZA, Vera L. T. de. A constituição da identidade de professores em contexto. In: ALMEIDA e PLACCO, **O CP e o trabalho colaborativo na escola**, SP, Loyola, 2016, p. 41-54.

PLACCO, Vera M. N. de S., SOUZA, Vera L. T. de. O que é formação? Convite ao debate e à proposição de uma definição. In: ALMEIDA e PLACCO, **O Coordenador Pedagógico e seus percursos formativos**. SP, Loyola, 2018, p. 09-16.

PRADO, G; SERODIO, L. Uma perspectiva metodológica de pesquisa narrativa com aportes bakhtinianos: possibilidades outras em um contexto heterocientífico. In: NAKAYAMA, B; PASSOS, L. (org.), **Narrativas, pesquisa e formação de professores: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas**. Curitiba: CRV, 2018, p. 39-61.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. Histórico: bairro surgiu na década de 1960 com povoamento de migrantes de outros estados. 2022. In: CIDADE DE SÃO PAULO. **Subprefeitura Cidade Ademar**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_ademar/historico/#:~:text=At%C3%A9%201996%2C%20Cidade%20Ademar%20pertencia,e%20condi%C3%A7%C3%B5es%20dignas%20de%20moradia.>. Acesso em 29 out. 2022.

PROENÇA, Maria Alice. **Prática docente: a abordagem de Reggio Emilia e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas**. São Paulo: Panda Educação, 2018.

ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
SANTOS, Boaventura de S. **Um conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Decreto nº 57575/16, de 29 de dezembro de 2016. **Dispõe sobre a aplicação, no âmbito da Administração Direta e Indireta do Município, da Lei Federal nº 13.019, de 31 de julho de 2014, alterada pela Lei nº 13.204, de 14 de dezembro de 2015, que estabelece o regime jurídico das parcerias com organizações da sociedade civil**. São Paulo: SME, 2016. Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-57575-de-29-de-dezembro-de-2016>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Portaria nº 4548/17 de 19 de maio de 2017. **Estabelece normas para a celebração e o acompanhamento de termos de colaboração entre a Secretaria Municipal de Educação e organizações da sociedade civil visando à manutenção, em regime de mútua cooperação, de centros de educação infantil CEI para o atendimento de crianças na faixa etária de zero a três anos.** São Paulo: SME, 2017. Disponível em:

<https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2017%2fdiario%2520oficial%2520cidade%2520de%2520sao%2520paulo%2fmai%20o%2f20%2fpag_0015_9HSCB2NO72FQ6e1TIEGH9E57LQO.pdf&pagina=15&data=20/05/2017&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial%20Cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo&paginaordenacao=100015>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Instrução Normativa nº 24/2018 de 11 de dezembro de 2018. **Dispõe sobre a organização e elaboração de calendário de atividades dos Centros de Educação Infantil/Creches da Rede Indireta e Parceira, para o ano de 2019, e dá outras providências.** São Paulo: SME, 2018. Disponível em:

<<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/instrucao-normativa-secretaria-municipal-d-e-educacao-sme-24-de-11-de-dezembro-de-2018>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Orientação Normativa de registros na Educação Infantil.** – São Paulo: SME / COPED, 2020a. Disponível em:

<<https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/ON-Registro-s-Digital.pdf>>. Acesso em: 26 de junho de 2021.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Instrução Normativa 41/2020 de 23 de outubro de 2020. **Dispõe sobre formação continuada para profissionais dos Centros de Educação Infantil das unidades indiretas e parceiras, instituição de adicional pelo cumprimento das metas estabelecidas no termo de colaboração e dá outras providências.** São Paulo: 2020b. Disponível em:

<https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2020%2fdiario%2520oficial%2520cidade%2520de%2520sao%2520paulo%2foutubro%2f24%2fpag_0018_39bed69957a2289c5c512ba0cdbf1990.pdf&pagina=18&data=24/10/2020&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial%20Cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo&paginaordenacao=100018>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Instrução Normativa nº 8/2022 de 4 de fevereiro de 2022. **Assegura condições para a formação continuada nos Centros de Educação Infantil indiretos e parceiros, estabelece o adicional e dá outras providências.** São Paulo: 2022. Disponível em:

<https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2022%2fdiario+oficial+cidade+de+sao+paulo%2ffevereiro%2f05%2fpag_0015_c892b39d8eeec031b7375afc0fec8e4.pdf&pagina=15&data=05/02/2022&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial%20Cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo&paginaordenacao=100015>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SERRÃO, Celia R. Batista. **O processo de integração da Creche ao Sistema Municipal de Educação de São Paulo (2001-2004):** a desconstrução de um

atendimento integral e integrado às crianças de 0 a 6 anos. 2016. 240 p. il. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Sociologia da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2016.

SILVA, A. **Reuniões pedagógicas como espaço de formação continuada em serviço**: estudo de caso da Escola Estadual Monte Sinai/Esmeraldas - MG. 2020. 178 f. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Juiz de Fora, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/12998/1/adrianapedrosadesouzasilva.pdf>>. Acesso em 28 de maio de 2022.

SOM A PINO ENTREVISTA: **Criolo: ‘o que é viver nesse agora?’**. Entrevistado: Criolo. Entrevistadora: Roberta Martinelli. [S.l.] Spotify, jun. 2022. Podcast. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/46aY8b2qEwAyBkILytjrYf>>. Acesso em: 16 de jul. de 2023.

SOUZA, E; MEIRELES, M. Viver, narrar e formar: diálogos sobre pesquisa narrativa. In: NAKAYAMA, B; PASSOS, L. (org.), **Narrativas, pesquisa e formação de professores**: dimensões epistemológicas, metodológicas e práticas. Curitiba: CRV, 2018, p. 17-37.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZABALZA, Miguel. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ANEXO A - Inventário do diário de bordo da professora Iza

Tópico	Trechos dos diários de bordo
Incertezas	<ol style="list-style-type: none"> <li data-bbox="523 427 1431 562">1. “Ansiedade de saber quando tudo isso acabará, quando iremos voltar para as nossas rotinas normais. Acredito que muitas pessoas vêm passando por isso. É quase que inevitável não se sentir ansioso a espera do que há de vir.” (Iza) <li data-bbox="523 562 1431 763">2. “Essa pandemia veio para nos mostrar o quanto sentimos falta de muitas coisas que éramos acostumados a realizar como ter um abraço, ter a companhia de pessoas que estamos acostumados a ver diariamente. Isso demonstra o quanto não somos totalmente controladores de nossas vidas. E que basta um “sopro” para tudo acabar.” (Iza) <li data-bbox="523 763 1431 1469">3. “Hoje estamos em casa e quando menos esperamos estamos parados em nossas janelas, olhando a rua, observando quem vai e quem vêm. Hoje esperamos ansiosos pelos dias de sol, para que possamos ser aquecidos por ele, nem que seja através de uma pequena brecha na janela ou na porta de nossas casas. Hoje assistimos ao noticiário com muitos pensamentos de positividade em busca de uma notícia de que finalmente a vacina foi descoberta. Hoje vemos o quanto é precioso poder andar pelas ruas, sem ter um pequeno “pedaço de tecido” envolvido sobre nossas faces, impedindo que possa respirar naturalmente. Fico pensando como realmente o amanhã é incerto, muitas coisas sempre deixamos para o outro dia e assim vai virando uma grande bola de neve de intermináveis ‘irei fazer depois’ ou ‘amanhã eu faço’, e de repente esse amanhã não vêm. Fomos surpreendidos por um isolamento social, uma pandemia que atingiu o mundo inteiro. Tem noção disso? O mundo inteiro! Acredito que temos que viver o hoje de forma única e intensa, se entregue de corpo e alma, faça tudo que realmente lhe fará feliz, que lhe trará coisas boas, pois o amanhã... poderá ser tarde demais.” (Iza) <li data-bbox="523 1469 1431 1704">4. “Ansiedade, medo, angústia do amanhã e as incertezas são alguns dos inúmeros sentimentos que estamos sentindo durante esta pandemia. Tudo mudou, nossas rotinas mudaram e juntamente com todas essas mudanças a insegurança também chegou. Insegurança de saber como estaremos daqui em diante, insegurança em saber quando voltaremos com nossas vidas normais.” (Iza) <li data-bbox="523 1704 1431 2011">5. “Quando paramos um pouco para refletir sobre nossos sentimentos durante este momento que estamos vivenciando de isolamento social podemos citar vários deles como ansiedade, estresse, medo, tristeza e angústia. Muitas vezes nós adultos não conseguimos administrar todas essas sensações. Imagine agora como tem sido difícil para as crianças e bebês que são bem pequenos e muitas vezes não compreendem o que estão sentindo. Se é difícil para nós adultos controlar toda essa situação, para eles não seria diferente.” (Iza)

	<p>6. “Este ano foi um ano de muitas incertezas, em dias normais o amanhã já era duvidoso, em tempos de pandemia o significado de duvidoso se tornou mais intenso, mais profundo. Quantas pessoas foram infectadas e com muita luta conseguiram se recuperar, porém quantas pessoas foram infectadas e acabaram morrendo por causa do covid-19. Muitas pessoas tiveram suas vidas modificadas, tiveram que mudar suas rotinas, deixar de fazer tarefas fora de casa e se isolar, muitos trabalhos ganharam novos ambientes, novas caras. Aqueles que quase não compreendiam de tecnologia, tiveram que se reinventar, tiveram que se adaptar.</p> <p>Quantos momentos foram roubados, quantas oportunidades foram roubadas, mas também podemos refletir em quantos momentos nos foram oferecidos e quantas oportunidades nos foram ofertadas. Assim como há crianças que estão tendo a oportunidade de construir memórias significativas com suas famílias em casa, existem as crianças que não estão tendo esta oportunidade e que além de não ter esta oportunidade, estão isoladas em casa sem interações com outras crianças, sem poder brincar, sem poder correr e se movimentar. E é neste momento em que refletimos sobre as oportunidades que foram retiradas de nós.</p> <p>Para mim, este ano foi um ano repleto de desafios, que foram necessários para que pudéssemos olhar um pouco para o nosso interior e avaliarmos o que precisa ser mudado em nós, o que faremos quando tudo acabar, quais momentos precisamos dar mais valor. Com tudo isso eu aprendi que a Iza de Dezembro de 2020 é uma Iza muito diferente da Iza de Março de 2020, sou grata à pessoa que eu era, mas hoje sou mais grata ainda pela pessoa que me tornei. Sigo perseverante em busca da minha melhor versão sempre, pois acredito que devemos olhar o outro da mesma forma que queremos ser observados, então sigo buscando minha melhor versão a cada dia, para que eu possa admirar novas versões e assim continuar a aprender sempre com o outro.” (Iza)</p>
Os encontros formativos	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Depois da reunião com a coordenadora Paula, me senti um pouco mais tranquila, pois confesso que estava ansiosa sobre tudo que está ocorrendo, relatei aqui no diário de bordo (nos dias anteriores) que apenas algumas mães interagiram pelo padlet conosco, porém por meio da conversa com a coordenadora Paula, através de sua fala, consegui me tranquilizar um pouco mais.” (Iza) 2. “Bianca expõe muitas indagações, dentre elas a relevância da sustentação psíquica para os funcionários da escola, a importância da escuta neste momento.” (Iza) 3. “Isso vem ocorrendo no CEI, em nossas reuniões semanais a coordenadora Paula inicia perguntando como estamos e sempre demonstra estar pronta para nos escutar, admiro essa atitude e faz muita diferença em nossos dias.” (Iza) 4. “Após a reunião consegui ter uma visão mais diferenciada da que eu havia iniciado. Percebi o quanto é vasto o campo da cultura e que além da cultura da infância há também outras

culturas como a cultura escolar, cultura de país entre outras. E que cultura vai muito mais além do que costumes, tradições, crenças que são passadas de geração em geração.” (Iza)

5. “Hoje durante a reunião me emocionei ao falar sobre o que aconteceu na segunda e terça feira. Todas me escutaram com bastante atenção e isso fez com que eu pudesse sentir-me mais leve, pedi desculpas por chorar, e a coordenadora Paula disse que não precisava se desculpar, quando é algo que envolve família realmente ficamos mais sentidas, na devolutiva do diário ela também se dispôs caso eu precisasse.” (Iza)
6. “Durante a reunião conseguimos em grupo realizar algumas reflexões e discussões sobre os conceitos físicos e matemáticos, cheguei a relatar que durante as pesquisas que fiz, senti um pouco de dificuldade, pois me sentia “bloqueada” para esses conceitos de física, contei também que os professores são muito importantes em nossas vidas e tanto um professor bom, como um professor ruim nos marcam. No caso da física não tive sorte com os professores, muitas vezes me sentindo incapaz. Fiquei refletindo em como é importante meu papel enquanto educadora, para que meus bebês e crianças não se sintam dessa forma em nenhum momento, pois sei que essa sensação não é boa e será lembrado por eles para sempre. Noto que através dessas pesquisas o papel do professor durante todo esse processo é muito importante, ressalto a importância também do olhar sensível, pois muitas vezes estamos acostumados e “enxergar” tudo aquilo que está sobre a nossa visão. Porém, o processo de aprendizagem que nossos bebês e crianças passam vai muito além do olhar, é preciso também sentir. Assim o professor deve buscar se preparar sempre, realizando pesquisas e planejamentos para que seja oferecido o nosso melhor, em prol das aprendizagens dos nossos bebês e crianças.” (Iza)
7. “A reunião de hoje foi maravilhosa! Gostei muito da reunião geral que tivemos, onde cada professora explicou sobre conceitos físicos e matemáticos. Houve conceitos físicos que eu compreendia de uma forma, como por exemplo, a densidade. Eu achava que estava associada com o peso e não com a massa de um corpo. Me surpreendi com o conceito de sombras também pois não conhecia a penumbra. Conhecemos e compreendemos tantos conceitos que enriquecerão nosso trabalho ao observar e relatar cada ação das crianças. A reunião de hoje serviu também para matarmos um pouco da saudade de estarmos com as outras professoras, de ver as carinhas de felicidade e suas falas que são riquíssimas.” (Iza)
8. “Hoje durante nossa reunião falamos sobre o balanço e avaliação do período remoto (formação e propostas para as famílias). Relatei ter gostado muito das formações que tivemos no decorrer do ano, foram formações que nos mudaram, nos fizeram refletir mais sobre nossas vidas e também sobre nossas práticas diárias. O museu da pessoa foi muito importante para que pudéssemos recuperar memórias que estavam guardadas em nossos baús de memórias. Conhecemos várias histórias e compartilhamos a nossa no museu da pessoa.

	<p>A formação sobre cultura também foi muito especial, tivemos a oportunidade de pesquisar sobre diferentes culturas, em especial a cultura africana e a indígena. E com as pesquisas foi possível aguçarmos mais o olhar para a valorização cultural. Também conseguimos conhecer um pouco dos gostos musicais e literários das colegas de trabalho que me surpreendeu com as descobertas que foram ocorrendo na brincadeira que a coordenadora propôs em adivinharmos quem gostava de qual banda/cantor/autor (a).</p> <p>A formação sobre os conceitos do mundo físico me causou bastante surpresa e me proporcionou novos conhecimentos, pois muitos conceitos eu não sabia explicar como ocorria. As pesquisas foram muito importantes para que nos auxiliassem nas observações que faremos com as crianças e bebês no CEI, nos ajudaram nos planejamentos. E também nos ajudará na escrita das mini histórias.</p> <p>Tudo foi muito significativo e citei que para o ano que vem poderíamos falar um pouco mais sobre a cultura, uma vez que é algo que precisa sempre ser desenvolvido e aprofundado, pois está presente em nossas vidas. É importante nos aperfeiçoarmos mais para que possamos trazer para a escola a valorização das diferentes culturas.</p> <p>Também citei a potencialidade do professor da 1º infância, acho importante discutirmos isto de modo que nos motive cada dia mais, e que fuja daquele contexto de que professor de Educação Infantil apenas cuida. Sabemos que o cuidar é primordial, mas nosso papel enquanto professoras de Educação Infantil vai além disso, nosso trabalho é de grande potencialidade.” (Iza)</p> <p>9. “Sinto um calor no coração quando nos reunimos todas juntas, mesmo distantes é muito bom poder ver o rosto e ouvir as vozes das minhas colegas do CEI que tanto nos somam enquanto profissionais e enquanto seres humanos. Acho muito rico a composição de falas que ocorrem e como umas completam as outras. Juntas, iniciamos a construção de um mapa mental destacando pontos importantes durante o decorrer do nosso trabalho remoto. É nítido o quanto todas as formações nos modificaram e acrescentaram para o nosso crescimento e amadurecimento de ideias.</p> <p>Enxergo como grandes desafios, que chegam a dar um ‘friozinho’ na barriga, mas quando ocorre fica um ‘gosto’ de quero mais. As formações para mim foram muito importantes para que aos poucos eu conseguisse compreender a característica da equipe e assim admirá-las ainda mais, mesmo eu tendo trabalhado em uma escola de Educação Infantil, todas as escolas são singulares pois possuem suas características que as tornam únicas. Sinto-me muito feliz em poder fazer parte desta equipe e ter pessoas ao meu redor que me motivam tanto, às vezes pequenos gestos que uma determinada pessoa faz ou fala já me modifica.” (Iza)</p>
Reflexão sobre a prática	<p>1. “Hoje durante vários momentos do dia, atualizei o padlet para ver se tinha alguma mensagem de algum pai/mãe, e não tinha. Confesso que fiquei um pouco “desapontada”, porém não</p>

	<p>podemos desistir, amanhã postaremos uma nova experiência no padlet e espero de coração que haja interações.” (Iza)</p> <p>2. “Que alegria ver o comentário da mãe do Lorenzo, hoje, já se totalizam quatro mães que interagiram conosco por meio do padlet. Aos poucos tudo vai se ajeitando.” (Iza)</p>
<p>Os estudos (lives, cursos, artigos, textos, etc.)</p>	<p>1. [Com a morte de Aldir Blanc, a CP enviou a música “O bêbado e a equilibrista” juntamente com uma análise para as professoras. Iza fez uma análise para o momento vivido] “A música de Elis Regina “<i>O bêbado e a equilibrista</i>” nos causa reflexões sobre o momento em que estamos vivenciando, em uma parte da música fala da seguinte forma: “<i>Com tanta gente que partiu, num rabo de foguete, chora, a nossa Pátria mãe gentil</i>”.</p> <p>Quantas pessoas estão morrendo neste momento devido ao Covid-19, quantas pessoas estão partindo, muitas sem poder dizer pelo menos um adeus, em um rabo de foguete, ou seja, de forma rápida, desta forma chora o mundo, não só o Brasil, mais sim outros países que também estão enfrentando esta pandemia.</p> <p>Em outro pedaço da música fala: “<i>Mas sei que uma dor assim pungente, não há de ser inutilmente, a esperança, dança na corda bamba de sombrinha, e em cada passo dessa linha, pode se machucar</i>”.</p> <p>Ou seja, essa dor que o mundo encara neste momento, não há de ser inutilmente, acredito que todos nós sairemos dessa fase, transformados, pois foi preciso uma pandemia, para muitas pessoas aprenderam a valorizar a família, os filhos, as mães e pais, a comida de cada dia, a escola, os profissionais da saúde, o cantar dos pássaros, o pôr do sol, os dias de domingo em parques, as coisas mais simples da vida. Enfim, acredito que assim que tudo acabar, seremos melhores seres humanos (pelo menos, espero).</p> <p>Quando fala que a esperança dança na corda bamba de sombrinha, podemos pensar que a <i>esperança</i> é o sentimento que está nos sustentando e nos motivando nesse momento, pois estamos acreditando que tudo ficará bem. Já a <i>corda bamba</i> é a pandemia, pois ela que nos causa neste momento calafrios, medos, ansiedades e a dúvida de como será o amanhã.</p> <p>Não podemos perder a esperança, e como canta nossa querida Elis Regina, a esperança é equilibrista, sabe que o show de todo artista, tem que continuar.” (Iza)</p> <p>2. “Gabriela também pontua que muitas famílias sentirão a falta que a escola faz justamente devido a esse momento que estamos vivenciando. E isso é muito triste, ser necessário uma pandemia para que as pessoas enxergassem o verdadeiro valor da escola. A escola deveria ser valorizada diante de qualquer contexto, pois ela tem força de transformar vidas, sem a educação não somos nada, sem ela seríamos apenas seres humanos sem a criticidade e compreensão para conquistarmos e assegurarmos nossos direitos.” (Iza)</p> <p>3. “Costumo dizer que a pandemia veio para mudar muitas coisas, mudar muitos pensamentos, dividir opiniões e amadurecer corações. Chegou com uma vasta bagagem de problemáticas</p>

que o mundo foi forçado a se adaptar e buscar dar a volta por cima. Hoje ainda lutamos contra um vírus, vírus este que foi capaz de nos afastar presencialmente impedindo que pudéssemos demonstrar nossos momentos de afeto através do gesto mais lindo e mais comum pelos brasileiros: o abraço. Ah como faz falta poder abraçar, como faz falta poder jogar conversa fora e dar lugar aquele belíssimo sorriso que cada um possui.

Notamos que o mundo vem tentando se adaptar a tudo isso, muitas problemáticas já existentes em nossa sociedade ganharam grande visibilidade como o racismo e desigualdade social. Quantas pessoas negras foram mortas e vêm sendo todos os dias, uma sociedade que te trata de forma diferente dependendo da cor de sua pele. Ao realizar a leitura do artigo do Lunetas conseguimos refletir sobre 'qual o sentido da educação?' podemos observar que 94% dos entrevistados disseram que negros possuem mais chances de serem violentados ou mortos pela polícia. A própria sociedade já percebe o quadro devastador que vivemos e enfrentamos todos os dias.

Quantas crianças das comunidades tiveram e estão tendo dificuldades em prosseguir nos estudos. Muitas crianças estão tendo dificuldades de acesso e outras nem sequer conseguiram este acesso ainda. Na cidade de Brasília de Minas – MG existem crianças que desde que iniciou o isolamento social juntamente com o ensino remoto, estão sem acesso à educação. Pois, não possuem remuneração para poder acessar as aulas e lá algumas escolas enviam uma apostila em PDF pelo whatsapp e dá a sugestão da família imprimir. No artigo do Lunetas também cita que faltou dinheiro para poder comprar alimento, para cerca de 40% pessoas negras brasileiras, ou seja, para uma população que não está tendo nem o que comer, provavelmente não terão condições para comprar pacotes de internet ou imprimir apostilas.

Lunetas faz a seguinte indagação: Qual sentido da educação? E baseada neste questionamento podemos pensar se a educação é valorizada? Se é vista de forma séria como algo que tem o poder de mudar a sociedade.

O papel da educação é preparar o sujeito para que ele possa viver de forma harmônica em sociedade, que saiba respeitar as múltiplas diferenças, que consiga se expressar de forma livre mas que não prejudique o outro. Que possa ter orgulho da sua etnia e da sua cultura. O papel da educação é mostrar a verdade, a verdade do país que fazemos parte na esperança de sempre buscar o melhor. As crianças de hoje são os adultos do futuro, precisamos investir na educação, pois ela modifica o homem e o prepara para viver de forma democrática. A educação ensina, ensina a viver, ensina a amar, ensina a ser mais empático com o outro e através dela é possível conquistarmos um mundo melhor.” (Iza)

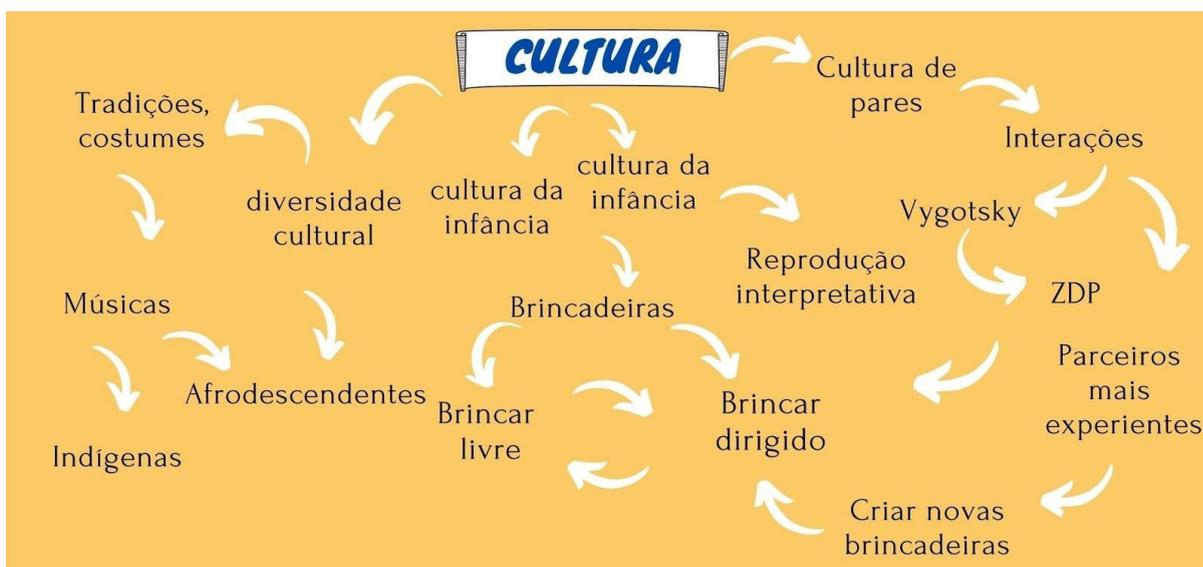
Ser professor
(presencial e
remotamente)

1. “Quanta saudade dos nossos pequenos, no sábado estava pensando no quanto somos falhos e não damos valor aos mínimos detalhes da vida. O que já estava se tornando rotina do cotidiano, ir ao CEI todos os dias, encontrar nossas crianças, hoje faz tanta falta.”
2. “Muitas pessoas se sentem “entediadas” durante este período de isolamento se não fosse a arte para nos salvar. Este momento em casa faz com que ouçamos mais músicas, dançamos mais, assistimos a documentários, teatros, filmes, danças, conseguimos realizar visitas virtuais a museus, algumas pessoas têm lido mais livros, outras feito poesias e poemas.” (Iza)
3. “Acredito que as histórias são importantes de serem contadas e principalmente são muito importantes de serem ouvidas. Eu em particular, amo escutar o próximo, isso me fascina, quando estou na escuta, vêm um “exército” de pensamentos e reflexões que me causam problematizações que de alguma forma, faz com que eu busque tirar o melhor proveito daquilo que ouvi.” (Iza)
4. “Creio que basta apenas uma vida, para se viver muitas histórias, histórias essas que nos formam como ser humano, que nos ensinam, que nos batem, que nos corrigem, que nos encantam, que dão reviravoltas. Basta apenas uma para se viver...” (Iza)
5. “Neste momento escrevo essas reflexões com um sorriso torto no rosto, como é bom recordar. Tenho orgulho de ser professora, tenho orgulho de quem eu sou. E eu não poderia ter escolhido outra profissão, se não está.
Que me encanta, que me ensina, que me molda, que me conduz, que me questiona, que me desafia, que me alegra e que acima de tudo me faz sentir completa e não pela metade.” (Iza)
6. “A educação é como uma árvore, que é preciso ter sementes para primeiro se plantar, germinar e futuramente colher flores lindas.” (Iza)
7. “Somos um grande grupo que busca inovar e acompanhar a realidade que estamos vivenciando, pois nossos alunos, nossos bebês, nossas crianças merecem o melhor que possamos oferecer. Não podemos parar. E a cada dia que se passa provamos o quanto somos persistentes, que encara o novo de frente e que não abaixa a cabeça para o desafio.
A verdade é que somos guerreiros porque estudamos para isso, passamos quatro anos de nossas vidas unindo teorias e práticas para que futuramente (que é o hoje) pudéssemos ser as nossas melhores versões. A verdade é que somos guerreiros, pois temos amor por essa profissão, amamos educar, amamos cuidar, amamos aprender com nossas crianças, amamos compartilhar e interagir.
A verdade é que não seríamos nada, se não fossemos professores! Essas são minhas palavras, palavras de amor e afeto pelo que tenho me dedicado, não me canso de dizer isso, ainda tenho muito que aprender, mais sei que estou no caminho certo.
Como dizia nosso querido Paulo Freire em Pedagogia da autonomia “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que

	<p>posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado”. Então vamos avante!” (Iza)</p> <p>8. “Quanta alegria ver a arte sendo vivenciada por tantas pessoas durante este momento delicado que estamos vivendo, a arte têm sido o refúgio para que possamos esvaziar nossas mentes cheias, acalantar nossas angústias, e tentar não ficar ansiosos.” (Iza)</p> <p>9. “Hoje vivenciei um pouco da dificuldade que muitas pessoas estão tendo em estudar a distância. Tenho dois irmãos que moram na cidade de Brasília de Minas (MG), e eles estão estudando em casa. Os professores passam as páginas da apostila que devem ser resolvidas e meus irmãos realizam as atividades, tiram fotos e mandam para o professor. Minha mãe por ser a responsável pela renda da casa acaba trabalhando o dia todo fora, e desde quando eu morava lá, sempre era eu que tinha a paciência e dedicação de ajudá-los nas tarefas da escola, ajudar a resolver e etc. Ontem minha mãe me ligou dizendo que os meninos estavam com várias matérias acumuladas sem fazer e que os professores não estavam dando assistência a eles. Então hoje liguei por chamada de vídeo, conversei com eles dois e fui os auxiliando na realização das atividades. Depois desliguei, eles começaram a fazer sozinhos e quando surgia alguma dúvida me ligavam por chamada de vídeo. Este momento me causou grande reflexão e angústia, referente a quantos pais estão passando por isso, alguns pais não alfabetizados e isso dificulta a ajuda em casa, pois são em alguns casos o único suporte que a criança tem em casa.” (Iza)</p> <p>10. “Ao ler a matéria do Estadão fiquei me perguntando sobre até quando nós professores seremos taxados como pessoas que não tivemos sucesso na vida? Até quando nós seremos ofuscados como se o nosso trabalho não tivesse importância nenhuma? Até quando as pessoas ainda terão essa visão pequena e errônea sobre o que é ser professor? É decepcionante ler um comentário tão infeliz logo do Ministro da Educação que deveria ser uma das milhões de pessoas a valorizar o trabalho de todos os professores deste país. Me veio à cabeça o seguinte termo: “com um ministro desse, nem precisamos de inimigo” pois o próprio já realiza comentários insensatos. Somos professores não é por falta de opção, não é por não ter conseguido fazer outro curso, outra coisa, somos professores porque escolhemos ser professores.” (Iza)</p> <p>11. “Quantas vezes me senti e sinto-me desmotivada, em vários momentos do meu dia a dia me pego pensando e lembrando dos momentos no CEI e na outra escola por onde passei, creio que o calor da escola me faz falta, não digo que não exista a desmotivação nos dias normais quando estamos presencialmente na escola, mas eles ocorrem com menos frequência. Pois, na escola temos nossa equipe e nossas colegas de trabalho que compartilham conosco o dia a dia e muitas vezes sem perceberem nos dão forças para nos</p>
--	---

	<p>tornarmos fortes, e para que possamos ver o lado bom das coisas.” (Iza)</p> <p>12. “Nosso papel enquanto educador é bastante desafiador, ao refletirmos sobre ‘como trabalhar o desenvolvimento da autonomia e das habilidades socioemocionais com bebês e crianças’. Por isso é de grande importância que busquemos sempre pesquisar mais e mais, para que possamos estar no reinventando sempre, atualizados trazendo conosco possibilidades que façam parte da história da criança, ou seja, aspectos que façam parte do seu cotidiano.” (Iza)</p> <p>13. “Como é o meu primeiro ano no CEI o diário de bordo foi algo muito novo para mim, uma vez que em Minas Gerais não utilizam este documento, lembro que comecei a escrever detalhando a rotina no CEI colocava até o que havia dado no café e no almoço dos bebês, não compreendendo o significado deste documento e sua importância, aos poucos conforme a coordenadora de forma muito cautelosa e carinhosa me instruiu o que gostaria de ler em meu diário, ela jamais disse que estava errado, mas me deu sugestões do que escrever, mas de forma muito leve.</p> <p>Então comecei a escrever os acontecimentos mais importantes que haviam ocorrido no dia, o que eu tinha observado nos bebês. Hoje vejo que minha escrita mudou muito em relação ao diário de bordo e sinto-me mais preparada para escrevê-lo principalmente quando a escola retornar presencialmente.” (Iza)</p>
Perdas	<p>1. “Citei acima momentos de saudades, são muitos momentos que me fazem lembrar das crianças, momentos que me engrandece(m) como ser humano, momentos que me fazem amadurecer e então perceber que a sortuda na verdade sou eu, pois aprendo com eles a cada dia, aprendo que as coisas mais lindas da vida, estão ali presente na simplicidade do dia a dia.” (Iza)</p> <p>2. “Gostaria de terminar minha reflexão falando sobre a perda do meu avô (paterno). Hoje tive a notícia na parte da tarde que ele havia falecido, dói muito sabermos que estamos longe durante todo o dia a dia e principalmente neste momento delicado, um turbilhão de sentimentos invadiram meu peito, tristeza e alívio. Tristeza por não tê-lo mais aqui, e alívio porque ele estava sofrendo muito, meu vózinho faleceu aos 91 anos.” (Iza)</p>





A arte de recomeçar

Iza

Abro meus olhos e logo vejo,
algo mudou. O que será?
Preciso correr, preciso aproveitar este ensejo,
pois já não quero mais esperar.

Abro as janelas, ao som da aquarela,
E descubro que tudo passou.
Sentimento de alívio, como a vida é bela,
a dor, o medo e a ansiedade acabou.

O mundo volta a sua rotina,
Que mudou de forma repentina,
Novos trabalhos, novas oportunidades,
Focados deveremos estar na reconstrução da sociedade.

Aprendemos a dar mais valor a vida,
Aos nossos entes queridos, as nossas famílias.
Tudo isso por causa da pandemia,
A humanidade clamava por melhoria.

Foi ofertada uma nova chance,
É necessário que todos avancem,
Em busca de progresso, não podemos recuar,
Como é magnífica a arte de recomeçar.

Sem título

Iza

A literatura engradece a alma,
Sua estrutura nos acalma,
por meio dela podemos distanciar da realidade,
mesmo que alguém fale: ei, isso não é verdade!

Posso ser rica, pobre, princesa ou noviça,
posso ser modelo, cantora, rainha ou artista.
por meio da leitura, podemos estar onde desejar.
Então me pergunto, que tal viajar?

Ela nos ajuda a sonhar e traçar caminhos,
Mesmo que a vida seja dura, repleta de espinhos,
Com um livro e um lápis posso mudar minha história,
Paro e sorrio, pois tudo ficará na memória.

Dizem que, quem conta um conto,
Sempre aumenta um ponto.
Será se é isso mesmo? Será se condiz?
Vai “simbora” meu filho, corre... vai ser feliz!

Livros e livros me causam reflexão
Será se é errado sonhar ou não,
Sentimento de alívio, coisa boa é sonhar,
Só que digo e repito, melhor que sonhar é poder alcançar.

Recordar é viver

Iza

Fecho os olhos,
E começo a lembrar,
Neste momento,
Só consigo chorar.

Vários momentos,
Várias situações,
Meu corpo é invadido
Por várias sensações.

Em minha mente
Me vêm à infância,
Ainda pequena
Ainda criança.

No quintal da minha casa,
Eu brincava feliz,
Pulava e corria
Como sempre quis.

Subia e descia
No pé de goiaba
Em cima do pé
Feliz eu cantava.

Momentos esses,
Que nos faz crescer,
Pensar e refletir,
Recordar é viver.

Foi feito um balanço
No pé de goiaba,
Pra frente e pra trás
Assim eu balançava.

Lembro da escola
Da minha professora
Aquela que motivou
A fazer minha escolha

Sonho eu tinha
De ser pedagoga
Sonhava, sonhava
Em ser educadora.

Momentos especiais
Guardados na Memória

Orgulho eu tenho
Da minha história

Falo e repito
Com alegria vou dizer
Lembrar é importante,
Mas recordar é viver.

Sou professor

Iza

Sou professor por escolha minha
Sou professor porque o ensino me fascina
Sou professor porque amo ensinar
Sou professor meu lema é educar.
Sou professor porque escolhi ser
Sou professor acredite, pode crê
Sou professor porque sempre sonhei
Sou professor porque eu estudei.

Sou professor porque corri atrás
Sou professor porque isso me satisfaz
Sou professor porque me deixa feliz
Sou professor porque foi o que escolhi.

Sou professor você goste ou não
Sou professor e amo minha profissão
Sou professor mesmo que você não queira
Sou professor e isto não é brincadeira.

Sou professor por escolha própria
Sou professor e construo minha história
Sou professor com muita sabedoria
Sou professor assim é a minha vida.

Sou professor porque amo ensinar
Sou professor meu lema é educar
Sou professor, sou pesquisador
Sou professor, porque sou!

Saudades que nem sei

Iza

Um certo dia acordei
E bateu uma saudade
Um sentimento que me invade
Tantas vezes que nem sei.

De repente lembro que sonhei
Que estava correndo com os pés descalços
Sentia o vento em meus braços
Uma sensação que arrepiei.

Quando olhei para frente me assustei
Vi que lá estava toda minha infância
Com gosto e jeito de criança
Vieram à tona momentos que lembrei

Respirei fundo e da cama pulei
Acordei e vi que era um sonho
Repleto de lembranças e risonho
Acho que é a saudade que sempre sentirei.

ANEXO B - Inventário do diário de bordo da professora Tulipa

Tópico	Trechos dos diários de bordo
<p>Incertezas</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Nesse momento de incertezas realmente temos mais perguntas do que respostas. Não sabemos que impactos terão nossas vidas nesse tempo de pandemia e após ele.” (Tulipa) 2. “Sempre tive medo de não conseguir realizar as postagens, já que sou leiga quando se trata de aplicativos, mas com as instruções da coordenadora Paula e sua explicação do porque é importante postarmos, consegui vencer mais esse desafio e acredito que me saí bem.” (Tulipa) 3. “Pensar em um retorno apenas para Setembro me parece tão distante, porém não há como negar que ainda não estamos preparadas para o retorno. dúvidas e angústias ainda perpetuam em meus pensamentos. Dentro de mim uma vontade imensa de retornar e matar a saudade das minhas crianças, mas há também o medo constante de não saber como lidar com o “Novo Normal”.” (Tulipa) 4. “Nesse momento de pandemia não ter ansiedade, medos e incertezas se torna algo raro ao meu ver.” (Tulipa)
<p>Os encontros formativos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Essas reuniões tem sido muito produtivas e nos deixam mais relaxadas e até mesmo aliviadas, pois a sensação que tenho é que fico mais leve quando termina a reunião. Percebemos que o acolhimento não é exclusivo às crianças e suas famílias, mas também a nós professoras e isso é muito significativo. Ter com quem dividir nossas angústias, medos, dúvidas e anseios é muito bom. Além disso, o feedback que recebemos sobre o nosso trabalho só nos enriquece cada vez mais e nos tornam profissionais melhores.” (Tulipa) 2. “As reuniões de agrupamento são sempre muito tranquilizantes e nos deixam mais aliviadas quanto às incertezas que vamos carregando no nosso dia a dia. É uma reunião bastante relaxante, gosto muito.” (Tulipa) 3. “Às 10:00 participei da reunião de agrupamento com a coordenadora Paula, diretora Cristiane e com as outras professoras do meu agrupamento. A coordenadora como de costume questionou como nós estávamos? Essa pergunta sempre abre diálogo para nossas colocações, incertezas, medos, angústias e alegrias, e isso é muito positivo e me faz muito bem. Me faz entender que diante deste cenário crítico que estamos vivendo não estou sozinha, porque tem ali uma coordenadora e diretora que se preocupam com a gente. Apesar de ser uma reunião, vejo também esse diálogo como um momento de relaxamento.” (Tulipa) 4. “Após a leitura do artigo, às 10hrs participei da reunião de agrupamento com a coordenadora Paula, diretora Cristiane e as outras professoras do grupo. A reunião foi bem leve e bastante tranquila. Abordamos sobre a importância do brincar e de sua relação com a nossa infância. Discutimos sobre o brincar adulto, que diferente do da criança há um sempre um propósito. Logo depois conversamos sobre a semana do brincar e a

coordenadora propôs de participarmos de alguma brincadeira ou jogo, seja sozinha ou com outras pessoas e depois devemos relatar em nosso Diário de Bordo como foi essa experiência.” (Tulipa)

5. “Ao término do chat, devido a professora Priscilla ter pedido para deixarmos para amanhã a proposta de brincarmos todas juntas, já que ela não estava muito bem, brinquei de dominó com meu esposo. Em nossa reunião de agrupamento, a coordenadora sugeriu que separássemos um tempo para brincarmos sozinhas ou com outra pessoa, sem pensar em mais nada. Após a brincadeira deveríamos relatar a experiência em nosso Diário de Classe.

É um jogo que gostamos bastante e sempre propomos desafios para quem perde o jogo. Dessa vez propomos de quem perder terá que fazer o jantar. Sendo assim, claro que ninguém queria perder.

Ficamos bastante concentrados durante todo o jogo e com muito medo de perder a partida. Meu propósito era dar mais passes no meu esposo, para que ele ficasse com várias pedras a mais que eu, aumentando assim, minhas chances de ganhar a partida. Não pensei em mais nada a não ser no jogo, esqueci por algumas horas até minhas preocupações.

Apesar de toda tensão, me diverti bastante e reclamei muito também. No final sobrou para o meu esposo fazer o jantar, já que eu ganhei o jogo por 10 a 6. Meu esposo ficou bastante frustrado, pois ele é muito competitivo. Ele disse que iremos jogar novamente a noite.

Confesso que ganhar dele me deixou muito feliz, com o ego alto kkk. O jogo me proporcionou bastante distração e o desafio proposto só aumentou mais ainda meu interesse.” (Tulipa)

6. “Ao término da live elaborei minha apresentação para a visita ao Museu da Pessoa. Logo depois brinquei de UNO online com as professoras P., Pr. e D.. Juntas jogamos apenas uma partida, pois a Priscila tinha algumas coisas para fazer. E foi ela mesmo quem ganhou essa partida, muito triste isso.

Foi divertido, já que era uma novidade pra mim, sempre vi meus sobrinhos e amigos jogando, porém nunca joguei. Fiquei bem perdida na primeira jogada, mas ao jogar com outras pessoas compreendi as regras do jogo e ainda consegui ganhar 2 partidas. A vontade de ganhar todas as partidas era constante.

Brincar por algumas horas foi muito prazeroso e emocionante, o que tornou a experiência bastante significativa. Sem contar que tive que lidar com a frustração de perder algumas partidas.” (Tulipa)

7. “Finalizada a discussão, cada professora apresentou a história que escolheu e o motivo da sua escolha. Me emocionei bastante com as histórias apresentadas, todas muito lindas e bastante significativas. Cada pessoa carrega uma história consigo e que deve ser valorizada. E o Museu da Pessoa oportuniza justamente isso, nos concedendo o privilégio de conhecer história de vida maravilhosas, que nos remete a muitas lembranças tanto alegres quanto tristes.[...]Confesso que chorei bastante com as histórias e com os relatos das

professoras. Gostei muito do passeio que ainda não terminou e terá continuação amanhã. Mais emoções com certeza.

Essa visita me fez lembrar muito da minha mãe e da sua história de vida que é muito linda, me lembrei também da minha avó que se foi há alguns anos, na qual eu era muito apegada. E o mais engraçado foi lembrar do meu pai que faleceu quando eu tinha apenas ano e meio, onde não tenho nenhuma lembrança dele, apenas o que me falam, mas que eu queria muito ter construído uma memória ao seu lado.” (Tulipa)

8. “Falar sobre a história de Tião foi muito significativo pra mim, porém me remeteu a memórias de infância muito doloridas. Me vi obrigada a lembrar de fatos muito tristes.

Lembrei-me de professores que eu não quero ser, como por exemplo, o professor Jorge de química, que se irritava todas as vezes que não conseguimos compreender algo e pedíamos para que explicasse novamente. E o pior ainda nos chamou de ‘cambada de vagabundos” só porque sentávamos nos fundos da sala. Como pode sermos julgados apenas pelo lugar onde sentamos?

E a professora de Física que me disse que ao preencher um Currículo para uma vaga de emprego eu não deveria nunca falar que eu morava em uma comunidade, pois se eu falasse não seria contratada. Como é possível isso?

Ainda tem a professora Bernadete da faculdade que nos realizava julgamentos apenas pela origem das pessoas. Lembro que ela fazia comentários preconceituosos sobre os nordestinos que acabam por ofender amigas minhas que vieram do Nordeste.

Sendo assim, tenho a total convicção que esse tipo de professor eu não quero ser. Também não quero ser os professores da história de Tião que não davam voz às crianças e não as escutam. Professores que por só conhecerem as histórias contadas nos livros didáticos, caçoavam de Tião quando ele dizia que era sobrinho de uma rainha. Além disso, eram professores preconceituosos e racistas, julgaram impossível Tião ser sobrinho de uma rainha devido sua cor e classe social. É muito importante nós educadores refletirmos o quanto a atitude de preconceito afeta a vida das crianças e as marcam muito.

Ao ouvir o relato da professora Iza, vi o quanto é semelhante a minha, já que ela assim como eu, desde criança desejou se tornar professora, justamente por causa de uma professora que teve que foi muito importante para ela.

As histórias do Museu da Pessoa são histórias que entrelaçam com as nossas histórias e nos emocionam muito, nos fazendo reviver situações que tiveram impacto em nossas vidas. Reabriu feridas que achei que já haviam sido fechadas. Mas também, revivi lembranças maravilhosas.

São histórias de superação que nos levam a ver que somos vencedores. Cada história é única e importante, onde devemos nos orgulhar sempre da nossa história que tem muito valor.

O relato da professora Sandra me fez lembrar da minha história de vida, pois ser professora pra mim é um sonho concretizado,

	<p>uma conquista valiosíssima, diante tantas dificuldades encontradas. Já que a minha família não tinha como me ajudar a pagar a faculdade e na época eu ganhava 500,00 e ainda tinha que ajudar com as despesas em casa.</p> <p>Ainda tinha os gastos na faculdade, como livros, refeições, xerox, etc. Foi muito difícil, confesso que pensei em desistir, mas graças a Deus eu consegui o financiamento do Fies que me deu um estímulo para seguir. Hoje continuo pagando o financiamento, mas não me arrependo.</p> <p>Sinceramente nunca imaginei que um passeio virtual a um museu pudesse me trazer tantas recordações e impactar tanto. Foi muito bom compartilhar fatos que eu sempre guardei pra mim. Sem contar que pude conhecer história riquíssimas de vida das pessoas com quem trabalho.” (Tulipa)</p> <p>9. “Essas reuniões, além de ampliar nosso conhecimento de mundo, também nos fazem aprender muito. Toda vez que termina a reunião saio com uma bagagem de conhecimento maravilhosa. É uma experiência rica e inovadora a cada encontro. (Tulipa)</p> <p>10. “Às 10 horas da reunião de agrupamento com a coordenadora e as outras professoras do Berçário 2 A. Começo já dizendo que a reunião foi leve, prazerosa, com muitas trocas enriquecedoras. Gostei muito, apesar que esse momento eu sempre aprecio.” (Tulipa)</p> <p>11. “Muitas são as aprendizagens adquiridas nas reuniões de agrupamentos semanais, que reforça a importância de dialogarmos e nos proporciona sensação de acolhimento sempre.” (Tulipa)</p>
Reflexão sobre a prática	<p>1. “Confesso que fiquei muito feliz em ver que as famílias estão acessando o Padlet, reconhecendo nosso trabalho e estão com saudade da gente.” (Tulipa)</p> <p>2. Fiquei muito feliz com a interação da família da Sophia, que bom que ela apreciou a história que escolhemos como sugestão de leitura. (Tulipa)</p>
Os estudos (lives, cursos, artigos, textos, etc.)	<p>1. “Essa live me fez refletir muito sobre minhas ações como educadora diante desse novo contexto do ensino a distância. Muito do que foi falado têm mostrado que nós, equipe do CEI, estamos no caminho certo, pois priorizamos sempre o brincar e o bem-estar das crianças e suas famílias.” (Tulipa)</p> <p>2. “O texto também pontua que em muitas dessas famílias, apenas uma única pessoa termina o Ensino Médio. Uma realidade muito triste e verdadeira. Na minha família somos em 5 irmãos, sendo que, apenas eu e meu irmão William que concluímos o Ensino Médio. E apenas eu com muito sacrifício concluí o Ensino Superior.</p> <p>Minhas sobrinhas que estão em escolas Municipais e Estaduais estão acompanhando com muita dificuldade as aulas via celular por meio da plataforma Classroom. Elas também reclamam assim, como consta no texto, do excessivo número de tarefas encaminhadas pelos seus professores e pela falta de acesso às professoras para esclarecimento de suas dúvidas.</p>

	<p>Todos estamos sendo prejudicados com esse momento de pandemia, porém sem dúvida alguma as pessoas mais pobres é quem terão uma consequência maior. É muito triste isso!” (Tulipa)</p> <p>3. “Participar do curso modificou muito do meu olhar sobre a arte, me fazendo compreender que é preciso pensar a arte como algo desafiador, um fazer criativo. Me levando a perceber que a uma imensidão de materiais que podem ser utilizados a favor da arte. Sendo importante a experimentação, aproveitando sempre a experiência vivenciada dentro do processo de criação.” (Tulipa)</p> <p>4. “Após a live realizei a leitura dos relatos do livro “Janelas do sentir”, que trazem relatos muitos interessantes sobre as formas de observação por meio da janela das casas. Esses relatos de várias participantes nos mostram que podemos ter contato com a natureza mesmo dentro de casa, ocasionando uma ampliação da nossa percepção, onde podemos encontrar cheiros, texturas, cores, lembranças, um barulho, um animal, um som, etc. O livro traz relatos escritos de forma poética e com muita afetividade, gostosos de serem lidos. Nos mostra que apesar de as janelas estarem sempre em um mesmo lugar, podemos observar coisas diferentes durante todos os dias. Uma imagem que eu vi hoje pela parte da manhã, a noite pode ser vista de outra forma. Meio louco tudo isso, pois se reflete nas sensações do nosso corpo, mas é bastante prazeroso. Sempre me pego olhando a paisagem pela janela da minha casa, o céu ao amanhecer é meio sem graça em dias nublados, me lembra a tristeza, já o anoitecer estrelado me remete a lembranças alegres, por que será? Um dia me peguei observando uma borboleta voar perdida por toda a minha casa, e ao sair pela janela da minha casa, foi como se ela tivesse encontrado a liberdade. Os sons pela manhã que ouço são muito diferentes do silêncio da noite, ouço pássaros cantando pela manhã, e a vizinha gritando o nome de sua cachorra Rubi e de seu filho Pedro, já a noite a única coisa que ouço são os grilos cantando. Ao observar a chuva caindo me remete uma sensação de limpeza na alma, de tranquilidade, de descanso. Em dias ensolarados sinto agitação, vontade de sair e explorar o mundo. Como explicar tudo isso? Gostei muito ler cada relato.” (Tulipa)</p> <p>5. “No final de semana mostrei para minha mãe e para toda minha família a publicação da história da minha mãe no Museu da Pessoa. Ela ficou muito emocionada, chorou bastante, acredito que quando minha sobrinha estava lendo a história pra ela, com certeza ela lembrou de todos os momentos tantos alegres quanto tristes. Meus irmãos menores ficaram surpresos, porque havia fatos da vida da minha mãe que eles não conheciam, como por exemplo, o motivo dela ter vindo para São Paulo. O meu irmão mais novo me perguntou porque a história dele também não foi contada e publicada? Falei pra ele que essa seria uma ótima oportunidade dele mesmo contar e publicar a sua própria história. Expliquei que a proposta era eu publicar a minha história ou a história de alguém que contribuiu para que a</p>
--	---

formação da pessoa que eu me tornei, sendo assim, a pessoa que mais contribuiu, sem dúvida nenhuma foi a minha mãe.

Minha família inteira, inclusive minhas sobrinhas ficaram encantadas com o fato de terem a história da avó delas publicadas em um museu. Acharam incrível. Meu primo me disse que o fato de eu ter conseguido me formar, mostrou para todos os parentes que apesar de todas as dificuldades isso é possível. Ele sempre usa em suas conversas com meus primos o meu exemplo, pois disse que sou o orgulho de toda família.

Fico muito feliz de saber que a minha conquista de alguma forma mostrou para eles, que apesar da nossa realidade difícil, não é preciso nos acomodarmos em concluir apenas o Ensino Médio, mas sim em ir mais além, pois esse é o caminho para termos uma vida melhor.” (Tulipa)

6. “André Gravatá faz um questionamento muito importante: “Quando passar a pandemia o que não podemos esquecer? Achei fundamental e inquietante esse questionamento.” (Tulipa)
7. [Sobre o caso George Floyd] “A matéria é muito boa e aborda a importância de lutarmos para mudarmos situações que nos oprime e buscarmos igualdade de oportunidades do povo negro e da classe social baixa.

O racismo é um problema antigo, que vem persistindo nos dias atuais. Pessoas que são humilhadas e discriminadas pelo simples fato de serem negras. Já vivi isso na pele e já presenciei por diversas vezes meus amigos passarem por isso também. Só quem viveu esse tipo de situação sabe o quanto é doloroso e o quanto isso nos marca por toda a vida.” (Tulipa)

8. “Achei a fala de José Albino de Sousa Júnior, 35 anos que parou de estudar aos 18 anos, quando fazia o ensino fundamental bem significativa e uma grande verdade. Ele diz que é “importante estudar, pois o emprego vai e vem, mas a educação ninguém tira da gente”. E não tira mesmo.

Ao ler essa matéria lembrei dos meus irmãos. Minha irmã (cor parda) abandonou a escola no último ano do Ensino Médio, com 17 anos por estar grávida. Já meu irmão mais velho (negro) devido precisar trabalhar para ajudar minha mãe com as despesas em casa abandonou a escola no 2º ano do Ensino Médio, e meu irmão mais novo, com 15 anos foi pai, sendo assim, abandonou os estudos estando no 1º ano do Ensino Médio, para trabalhar.

Hoje o que mais ouço deles é que deveriam ter aproveitado a oportunidade que tiveram de estudar, pois com certeza estariam em uma condição de vida melhor.

Já não vejo mais interesse nos meus irmãos em concluírem os estudos. Se acomodaram com essa situação e ao meu ver sempre procuram pretextos para não voltarem a estudar.

O problema da desigualdade entre negros e brancos ou homens e mulheres se perpetuam há muito tempo e não é algo que ocorre apenas nas escolas, pode se iniciar nesse ambiente, porém se propaga por muitos outros lugares.

São homens que exercem a mesma função que as mulheres, porém recebem um salário maior que o delas. Negros que são abordados nas ruas por policiais e recebem um tratamento

	<p>diferenciado que os homens brancos. Poderia passar o dia enumerando diversas situações em que a desigualdade e o preconceito predomina, é muito triste isso.” (Tulipa)</p> <p>9. “Ressalta que é necessário estarmos motivadas para continuar essa batalha e questiona: Que motivo é este que nos motiva? Os meus motivos são a minha família, o meu trabalho e por mim mesma, que sou repleta de sonhos e de fé.” (Tulipa)</p> <p>10. “A matéria é muito boa e mostra a vida difícil, que se agravou ainda mais nesta pandemia das pessoas que moram em comunidades. É preciso um olhar sensível por parte dos governos (federal, estadual e municipal) para essa população que há tanto tempo vêm sofrendo.</p> <p>Essa matéria me fez lembrar da minha infância e adolescência, onde por muito tempo vivi em um barraco, em condições muito precárias, na beira de um córrego. Ainda moro na comunidade em que eu cresci, porém agora tenho uma condição de vida melhor. Mas não esqueço das minhas origens e das diversas dificuldades eu enfrentei.</p> <p>Constantemente vejo pessoas da comunidade enfrentando os diversos problemas relatados na matéria. Recentemente alguns barracos na comunidade pegaram fogo na madrugada. Não havia água para tentar conter o fogo, já que a partir das 22 horas a Sabesp corta a água, que só volta depois das 5hrs da manhã.</p> <p>Muitas famílias perderam suas casas em meio a uma pandemia, que parece não passar nunca, no entanto a solidariedade prevaleceu. Várias foram as doações recebidas de diversas instituições, ongs, restaurantes, etc. A ajuda dessas pessoas foi muito importante para que todos continuassem a ter esperança. A pandemia só serviu para evidenciar e reforçar os problemas enfrentados por quem mora nas periferias.” (Tulipa)</p>
Ser professor (presencial e remotamente)	<p>1. “Ao ler o artigo me emocionei bastante, confesso que até chorei lembrando dos diversos momentos que vivemos com as crianças durante todo o projeto. É gratificante ver o nosso trabalho sendo valorizado e saber que conseguimos desenvolver um bom trabalho com as crianças, contribuindo de forma muito positiva no desenvolvimento delas. Me animei para inscrever o nosso projeto do ano de 2019 no concurso Paulo Freire.” (Tulipa)</p> <p>2. “Após verificado o Padlet realizei a leitura do artigo feito pelas professoras Carol e Janaina “O tempo, a arte e a educação infantil”. Me sinto privilegiada pela oportunidade de poder ler esse artigo muito bem produzido e bastante rico. A arte sem dúvida nenhuma contribui muito para o desenvolvimento pleno das nossas crianças e as educadoras deixaram bem claro isso no texto, além, da valorização do tempo dedicado a qualquer tipo de arte (dança, teatro, música, pintura, desenhos, etc) que é valiosíssimo. É crucial que a sociedade tenha consciência da importância da arte para as nossas vidas. Pois ela nos proporciona nos expressarmos e nos comunicarmos de por diferentes formas.</p>

	<p>Diante os questionamentos realizados pelas educadoras, parei para refletir que o meu contato com a arte em tempos de pandemia tem sido diferente, pois passei a compreender a arte com outros olhos. Vale ressaltar que estou tendo mais tempo para ouvir mais músicas, assistir a mais filmes que tem como tema a arte, a pesquisar mais sobre a arte e isso tudo tem contribuído de forma significativa, para a ampliação dos meus conhecimentos diante do tema. Além de me tornar uma pessoa mais sensível e reflexiva.” (Tulipa)</p> <p>3. [Sobre a fala do então ministro da educação de “educar crianças pela dor”] “É inaceitável que alguém ligado a educação tenha esse tipo de pensamento. Isso é retroceder na educação. Desde quando castigo físicos corrigem ou ensinam alguém? Além de não ser nada saudável. Isso só faz com que a criança sejam mais agressiva e reproduzam o mesmo ato. Ter alguém com tanto poder na área da educação que acredita que bater é o caminho para se ensinar é repudiante. Estou indignada.” (Tulipa)</p> <p>4. [Sobre uma matéria a respeito do retorno às aulas presenciais] “A matéria é muito curta e não aborda como isso se enquadra na Educação Infantil, sendo assim, mais uma vez ficamos sem respostas. Pois como realizaremos atividades extracurriculares e avaliações com as crianças pequenas, já que o processo se dá de forma continuada? A impressão que tenho é que as tomadas de decisões dos últimos tempos levam em conta apenas o Ensino Fundamental e Médio, e se esquecem da Educação Infantil que é tão ou mais importante quanto as outras etapas da educação.” (Tulipa)</p> <p>5. “Ser professor é um processo cognitivo profundo, pois envolve conhecimento e estudo.” (Tulipa)</p> <p>6. “Este ano de 2020, foi um ano completamente diferente, triste, desafiador, mas acima de tudo de muito aprendizado para o ser humano. Tivemos que superar nossos medos e anseios, ultrapassar barreiras, nos reinventar, encontrar soluções para os nossos conflitos diários. Não foi uma tarefa fácil, mas sinto que conquistei muito mais do que esperava. Aprendi na rotina do dia-a-dia a valorizar mais a vida, as relações que tanto nos fizeram falta este ano. Ficar longe das pessoas que gostamos, das nossas crianças e do nosso trabalho presencial foi algo muito sofrido. Porém, todos os desafios me fizeram crescer como profissional e principalmente como pessoa. Foi preciso uma pandemia para fazer enxergarmos coisas que não víamos antes, para escutarmos o que antes não dávamos a mínima atenção. Que eu carregue para o próximo ano todo o conhecimento que eu adquiri este ano e o consiga de fato colocá-lo em prática, pois sei que são aprendizados que não cairão no esquecimento. Que por meio do nosso trabalho coletivo possamos mostrar realmente para que serve a Educação Infantil e o quanto ela é primordial para o desenvolvimento das crianças. Como educadora sei da enorme responsabilidade que teremos em acolher e ser modelo para as nossas crianças, afinal será um novo normal para todos.” (Tulipa)</p>
--	--

Perdas	<ol style="list-style-type: none">1. “Hoje perdi mais um amigo, só essa semana já é a 3ª pessoa que conheço que morre, algo que não é normal, mas nos últimos meses tem se tornando natural, desde que começou essa pandemia. E todos moradores de periferias.” (Tulipa)2. “Hoje não consegui ser tão produtiva, já que tive uma perda esse fim de semana na família, e isso me entristeceu bastante. Meu cunhado faleceu no sábado e foi enterrado ontem, sendo assim, ainda estamos bem abalados fisicamente e emocionalmente. Apesar de sabermos que a morte é algo que irá chegar, não estamos nunca preparados para esse momento.” (Tulipa)

Eu, o tempo e o conhecimento!

Tulipa

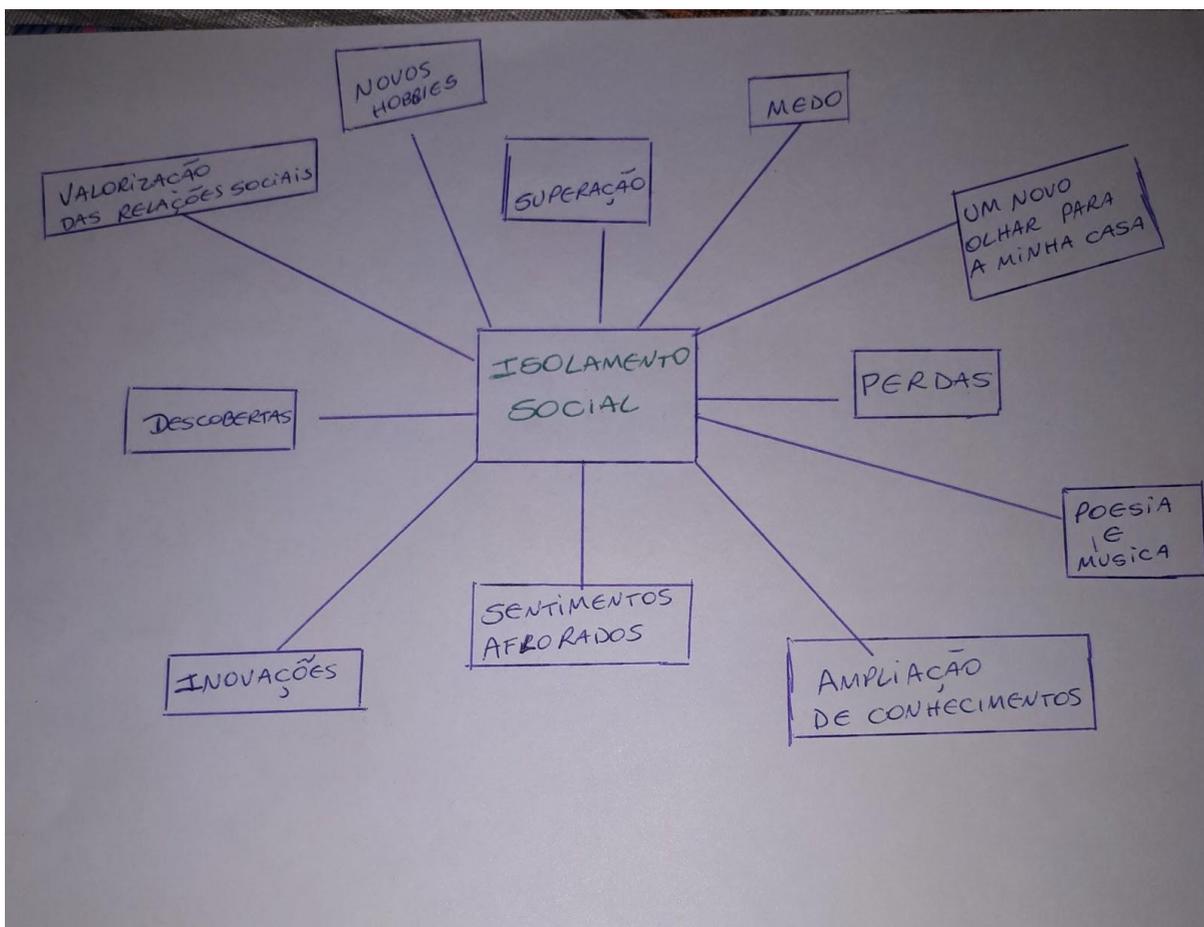
O mundo parou,
E por isso a vida mudou!
Quem imaginava que isso fosse acontecer,
E que por esse motivo a vida tivesse que rever!

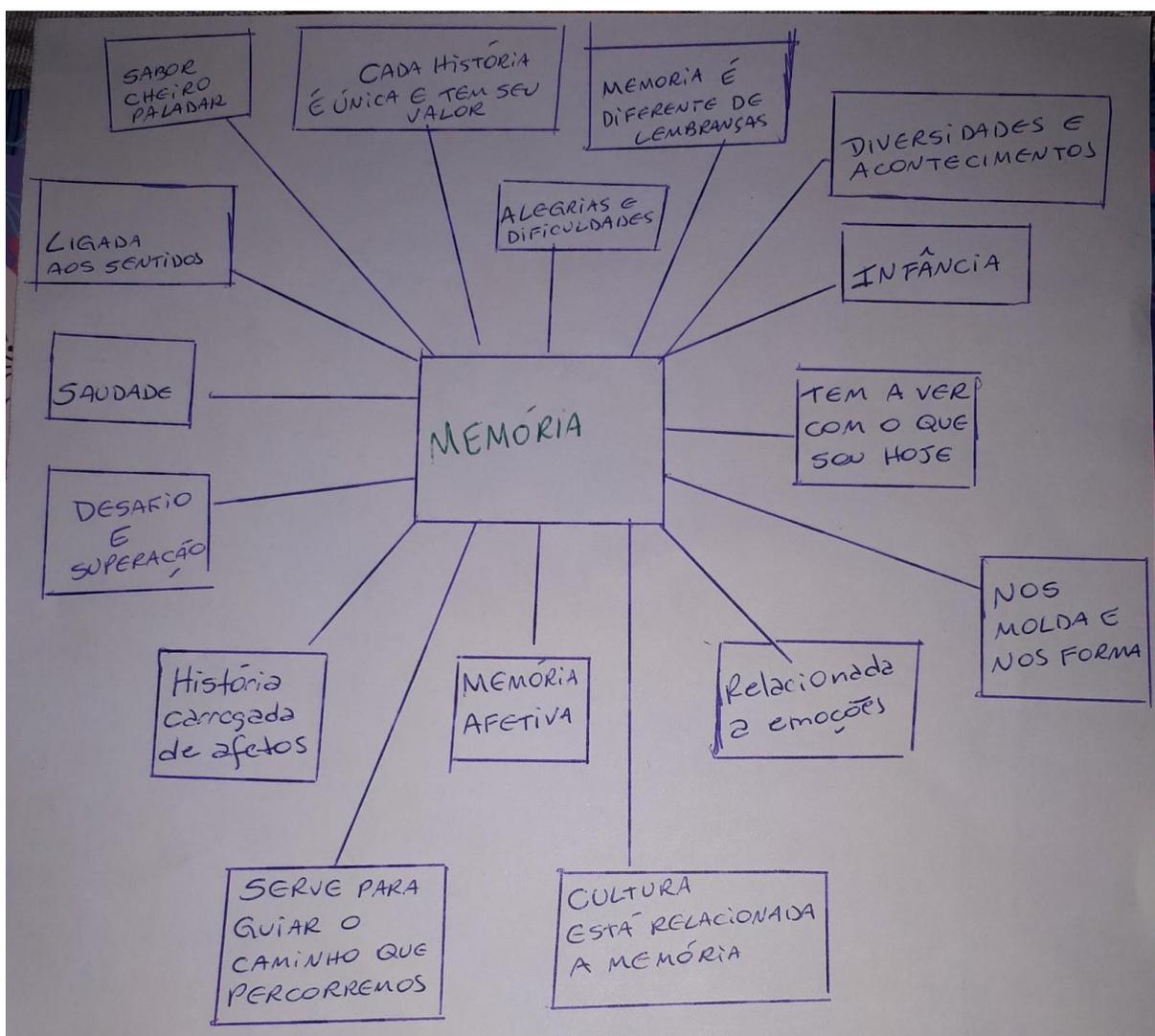
Ficamos isolados do mundo
Se reinventando a tudo
Passando a admirar
Coisas que um dia nem percebemos que estava lá

Olha quantas coisas aprendemos
Quantos sentimentos descobrimos
Quantas memórias revisitamos
Quantas culturas conhecemos

Se tudo mudou, porque não valorizar?
Por quê ficar o tempo todo a reclamar?
Olha para a sua vida
E veja como ela pode ser linda

Vá em busca daquilo que deseja,
Modifica aquilo que é incerteza,
Vá em busca da sua felicidade
Daquilo que te faz bem de verdade.
Aprendi que sou inteligente
Capaz de ser competente
Aprendi que tenho habilidades
Por fim, que devo me valorizar de verdade.





ANEXO C - Inventário do diário de bordo da professora Lia

Tópico	Trechos dos diários de bordo
Incertezas	<ol style="list-style-type: none"> <li data-bbox="517 389 1431 591">1. “E sabe o que me ergue, o que me dá força, é que apesar de tudo, seguimos em busca, não estamos deixando de pensar, estudar nenhum minuto, mas a preocupação existe de todos nós envolvidos na educação. Estamos nos expondo frente a qualquer coisa pensando no que acreditamos, merecíamos muitas palmas.” (Lia) <li data-bbox="517 591 1431 860">2. “Futuramente para quem estiver lendo esse diário: “Queridos professores, diante de tudo que estamos passando historicamente, e pesquisadores, isso vai passar, tudo vai dar certo e você vai conseguir, e já dizia minhas tias, com todo respeito aos mais velhos, e outros adultos que conheci ao longo da minha vida, que não são tão velhos assim ,vai tentando ,tente ,prefira tentar, ou vai querer morrer sem ter tentado...”. Ainda mais nos dias que estamos vivendo.” (Lia)
Os encontros formativos	<ol style="list-style-type: none"> <li data-bbox="517 889 1431 1995">1. [Sobre o Museu da Pessoa] “Dona Ana, me lembra da casa da minha avó, minha mãe enfermeira trabalha o dia inteiro e às vezes a noite também e aos sábados e às vezes domingo, andava de ambulância também pegando todo tipo de pessoa que precisasse de ajuda, naquele tempo não tinha SAMU, meu pai tinha uma oficina de carros aqui na avenida nossa senhora do Sabará e também trabalhava o dia inteiro e sábados também, meu irmão quase adolescente levava a gente na creche e buscava, e às vezes minha avó nos buscava também. Ficávamos muito na casa da minha avó, brincávamos o dia inteiro, não tínhamos um baú de brinquedos, mas uma caixa, bem cheia, de bonecas, acessórios, brincava de médico, uma era enfermeira, outra era médica, por conta da influência da minha mãe, brincávamos de igreja, porque minha família sempre foi para a igreja, éramos influenciadas, brincávamos de escola, de banco. Na casa da minha avó ficava eu, minha irmã e minha prima, que morava com minha avó, porque minha tia morava com ela, fora os primos que às vezes ficava nas férias e vizinhos. A gente desmontava a casa da minha avó e fazia outra casa no quintal, (risos) era muito legal, as vezes até o colchão a gente pedia para brincar no quintal e montava uma casinha ,tinha sala, cozinha ,comidinha ,às vezes pegávamos as comidas cruas arroz,feijão, e até as goiabas que caiam da árvore e folhas do quintal de verdade para brincar de comidinha, pegávamos roupas da minha avó ,vestíamos, bolsas ,as almofadas e nos divertimos muito. Minha avó tinha uma mesa de madeira na sala de jantar que era a maior sensação, a gente fechava com cobertor e brincava por baixo de cabaninha, lembro que minhas primas que colocam medo na gente. Colocamos fitas de música no gravador da minha prima e brincávamos de desfile com as roupas da minha tia,

dançávamos, brincávamos de ficar gravando fita, (a voz na fita, ou cantávamos) e ficávamos ouvindo na cabana.

Não tínhamos um baú, mas tínhamos uma caixa onde guardávamos todos nossos objetos que incluíam brinquedos e acessórios que herdamos das nossas tias e mães, como bolsas velhas para brincar, sapato de salto e roupas para vestir nosso bebês grandes herdamos cobertores de quando éramos bebês, tínhamos muitas bonecas, mas as bebês eram a sensação ,mas houve outras fases como jogos, o cara –cara, jogo do mico que era um baralho, o pogobol, uma bola parecia um disco voador que ficávamos pulando nele pela casa até o pé fazer bolha ,tínhamos coleção também, como as chuquinhas , bebês pequenas ,minha prima tinha um brinquedo que era uma sensação todos queriam ir para a minha vó para brincar com a gente que era um mini Mcdonald's, gente para fritar a batata ,era só apertar que fazia espuminha ,tinha o pão ,refri meu a gente colocava de verdade ,porque apertava saia e dava para colocar no copinho muito legal.

Nossa, a casa da minha vó foi de grande influência para mim, ela foi a mediadora quando subíamos no muro ,quando brincávamos no jardim e mexíamos com terra ,tinha um pé de ameixa daquelas da casca amarela, e pé de goiaba nossa me lembro do cheiro da goiaba caída no chão a sensação era pegar as coisas na cozinha ou no quintal também.

Lembro-me do meu irmão já adolescente e seus amigos no quintal, fazendo balão, meu tio fazia balão com eles, naquela época era sensação fazer balão a gente era pequena só ficava na janela do quarto da minha vó admirando, a garagem da minha vó foi também cena de muitas brincadeiras, sem contar a comida, era tudo sem sal, mas a gente amava, e o mais gostoso era pedir para ela dar dinheiro para irmos na venda do seu João, pai do Dudu comprar bala, doce , essa venda ficava em frente da praça ,o desafio era ela deixar ir sozinha ,nossa na volta aproveitávamos e tocávamos a campainha do português ,que era uma sensação muito divertida , sem contar que era campainha de interfone só ele tinha essa na rua ,então adorávamos ouvi-lo perguntando quem é sem parar saíamos correndo.

Na casa da minha vó teve um baú, a sua casa foi esse baú, que nos permitiu ser, criar, investigar, dividir, explorar interagir... E que deixou muitas saudades. Vovó deixou saudade, a casa continua, ela não, mas às vezes nós primos pegamos nos lembrando de muitas experiências que hoje contamos para sobrinhos, às vezes até brincamos junto com sobrinhas passando as nossas experiências, principalmente com as priminhas, e damos risadas com tudo.” (Lia)

2. “Mas estou aprendendo com tudo isso, de como o ser humano, principalmente a criança me faz tão bem, as tarefas do CEI, me fazem tão bem, ter uma rotina me faz tão bem.” (Lia)
3. “Essa reunião nos tornou, me tornou ainda mais pesquisadora, como sobre, por exemplo, a cultura dos *animais* e, fui ler uma reportagem da BBC, e depois um artigo no qual mudou um pouco a minha visão sobre cultura de animal” (Lia)

4. "Gostei muito da reunião, e senti acolhida, como venho me sentindo, mas até então não tinha parado para ficar pensando muito em meus sentimentos, o que mais tenho feito é trabalhar para não pensar, mas desde sexta-feira eu estou conseguindo para um pouco e só deixar ir, porque isso vai passar mesmo no meu pessoal, tenho trabalhado isso em mim, claro que às vezes me pego chorando, mas ainda sim tenho pessoas para desabar, não estou sozinha, como não quero que as crianças se sintam da mesma forma." (Lia)
5. "Foi uma das reuniões que mais apreciei dessa dinâmica de não dar respostas ao que já fizemos e sim fazermos pensar. Retomar sobre Vygotsky foi incrível, fazia muito tempo que não lia sobre ele, ainda mais com a proposta incrível de relacionar seus estudos com as brincadeiras. Parabéns, obrigada por me proporcionar esses momentos de compartilharmos juntas." (Lia)
6. "Nossa reunião do agrupamento foi bem gostosa hoje, tivemos a presença da Marta Labriola, a coreógrafa das festas de encerramento das crianças de final de ano e continuamos a nossa conversa sobre habilidades e competências e pesquisa sobre autocuidado.
Deparei-me e lembrei sobre o autocuidado, o quanto usava isso no dia-a-dia com as crianças, nossa porque nunca lembramos na hora sobre as coisas óbvias do nosso cotidiano." (Lia)
7. "Meu dia hoje se iniciou com a reunião do agrupamento, onde fizemos uma avaliação do trabalho remoto, foi uma reunião bem importante para todas nós de contar sobre todo o percurso até agora, tanto quanto crescemos quanto profissional, pensando nos ganhos e desafios." (Lia)
8. "Depois fui escrever um pouco sobre o que vou compartilhar com as professoras no dia da exposição com a minha escolha da história da dona Ana e suas duas netas, e mais uma vez acabou me trazendo lembranças e resolvi brincar, coloquei meus patins e fui até o quintal, já que não posso andar na rua, resolvi dar cinco voltas de idas e vindas (risos) a sensação de colocar os patins no pé foi muito boa, uma sensação de preciso de liberdade. Enquanto minha mãe tomava a vitamina D, fiquei cerca de 20 minutos só porque como o chão não é liso escolhi não acabar com as rodas e deixá-las para usar quando tudo isso passar .Mas foi bem gostoso deu vontade de ligar para alguém e arriscar uma quadra de bairro, mas daí veio a consciência dizendo ,tem que ficar em casa .Minha mãe riu muito da situação e ao mesmo tempo pedia para eu ter cuidado ,e ela está certa, me lembrei do grupinho de amigas da rua que tinha patins e saiam andando pelo bairro quando éramos criança.
E olha! Só eu adulto andando de patins, só que não no grupo de colegas de 10 anos, mas no meu quintal, estou escrevendo isso agora e rindo, mas foi uma sensação de preciso sair. E me lembrei da sensação que eu tinha na época ,quando eu queria um e minha mãe dizia não, mas consegui mesmo que depois de adulta, claro que não para brincar, mas como esporte, mesmo assim olhar aquelas meninas da janela da minha avó e logo corria para o portão para ficar olhando elas a andar era muito

	<p>gostoso, era um sentimento de que gostaria de estar brincando de andar com aquilo.</p> <p>Aproveitei também para brincar com a minha mãe, hoje eu tirei o dia para brincar, nesse tempo frio pela manhã dentro de casa, resolvemos ficar do quintal, peguei uma mesa, mais uma cadeira e jogamos dominó, rimos muito, jogamos quase a tarde inteira e o engraçado foi que onde vinha sombra a gente levava a mesa onde tinha sol, almoçamos na mesa do lado de fora, tomamos lanche do lado de fora e também apreciamos uma pipoca para finalizar do lado de fora até as 15h00min, pois o sol já estava ficando fraco e entrar foi preciso, pois querendo ou não o frio está demais.</p> <p>Mas confesso que brincar de jogar dominó que era do meu pai, procurei, e encontrei, estava no meio de algumas coisas que não usamos num quatinho tipo depósito do lado da garagem ,esse achado que rendeu até lembranças para minha mãe de quando ela fazia feijoada e a família vinha aqui em casa e meu pai ,meu cunhado e o Milão ,um amigo dele aqui da rua, ficavam jogando ,daí ficamos nos lembrando desses momentos.” (Lia)</p>
Reflexão sobre a prática	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Paula também nos orientou a visitarmos o Padlet e interagir com as famílias e também ler o comentário da Elenice, formadora do DDED da DRESA, que elogiou a nossa organização. Confesso que fiquei bem aliviada do nosso trabalho estar sendo reconhecido e que está dando certo essa nova forma de interagir o trabalho com as famílias e pela própria plataforma estar visualmente com conteúdos lúdicos e também informativos, para melhor atendermos a todos.” (Lia) 2. “Pela manhã fui até o Padlet e vi mais visualizações hoje e interações também.Fiquei muito feliz de ver que até pais estão interagindo em casa com as crianças com a playlist do grupinho e também interações com o Podcast e até mesmo mensagens de saudade do Alef, nosso auxiliar da cozinha.” (Lia) 3. “Estamos em um momento que estamos vivendo e que ainda viveremos com as perdas, e teremos que aprender a lidar com isso, mas será um processo que ainda nem começamos a trilhar e também nem nos demos conta que as nossas crianças já começaram a lidar com isso primeiro que nós adultos. <p>Aí entra a M. C. por sua família: “Vivi, a M. C. está com muita saudade! Ela tá dizendo que ama os amiguinhos e professora, e quer voltar pra escola. E quer dar moedas... (risos da família) Bjus pra todos”!!!</p> <p>M. C. passando pelo processo no qual ela sabe que algo está acontecendo, ela quer ajudar, mas não sabe como, tenta com suas moedas porque para ela dando essas moedas talvez ela não perca o que ela tanto ama, que é seus amigos, e ela se expressa por isso, tenta fazer algo, porque ela ama a professora e sua creche, seu espaço, seu mundo.</p> <p>E o que nós adultos fazemos? Nós adultos não fazemos nada, o nosso corpo responde pelo que esta está incomodando, ansiedade, perda do sono, medo do esperado... Lembrei-me da reunião e até mandei a mensagem para as minhas colegas que estão passando exatamente por isso, esperando que elas</p>

	<p>tentem enxergar o que vai além daquelas simples palavras de M. C..</p> <p>Ali ela tinha voz, dava afeto, se expressava, recebia M. C. e sua inocência diante um enorme problema e desde muito pequena está muito na frente dos adultos que estão começando agora, a saber o que é perder, M. C. não aprendeu tudo, mas ela está muito à frente de muitos adultos que não perceberam que estamos perdendo. Hoje me lembrei do abraço da G. e ao mesmo tempo percebo que hoje eu perdi o abraço da G.</p> <p>Finalizo essa minha reflexão do dia, dizendo que estamos fazendo parte de uma grande mudança no mundo, as pessoas não serão mais as mesmas, segundo as palavras ditas pela nossa coordenadora pela manhã na reunião, confesso que diante daquela reunião por vídeo vendo minhas parceiras que estiveram durante um dia inteiro fazendo o que sentíamos com muito amor, eu não queria nem desligar, fico imaginando M. C. com suas moedas tentando dar sua forma e processo de compreensão do mundo tentando, resgatar ter de volta o abraço, o brincar junto, o estar junto daquilo que tanto ama e que tanto lhe faz falta, e que tanto lhe faz um bem e que parece que estamos perdendo.</p> <p>Parece que estamos tendo que aprender a amar, só que de um jeito diferente, como não abraçar, mas não abraçar por amor, não abraçar porque estamos cuidando por amor, não estar junto por amor.</p> <p>Entende que estamos vivendo um novo jeito de amar e para esse processo vamos ter que perder, e é a perda de algo para valorizarmos muito mais o outro no cuidar.” (Lia)</p> <p>4. “Fiquei muito feliz pelo carinho dos pais e das crianças, que pelo que entendi estão pedindo para os pais escreverem o que sentem e mais uma vez a saudade bateu no coração e o afeto vem invadindo a vida de todos nós, o mais importante é que estamos tentando acertar para melhorar cada vez mais e sanar nesse momento com oportunidades que as crianças fiquem fora dos muros do CEI em sua casa, levando consigo um pouquinho do nosso CEI com eles, alguns pais estão comentando nas propostas e outros dando visualização, ficamos felizes em saber que estão por dentro desse pedacinho que disponibilizamos no Padlet para que possam ouvir a nossa voz e se familiarizar com o que fazíamos no CEI só que agora com uma nova experiência em casa.” (Lia)</p> <p>5. “Para mim foi um dia muito produtivo como se eu tivesse saído de casa e ido ao museu revendo as colegas de trabalho e sem contar que foi incrível essa idéia” (Lia)</p>
Os estudos (lives, cursos, artigos, textos, etc.)	<p>1. “Concordo com a referência budista Zen que “nunca voltaremos a ser o que erramos antes”. Isso é além de ser um pensamento baseado em algo científico, como um rio nunca é o mesmo, nunca seremos o mesmo a Humanidade nunca será a mesma, eu não serei a mesma, não concordo com quem acredita que a humanidade não aprendeu com tudo que estamos passando.” (Lia)</p>

	<ol style="list-style-type: none"> 2. “Depois fui ler como ficou nosso documento sobre o brincar livre e dirigido: Uma perspectiva sócio- interacionista.” (Lia) 3. “Ficou maravilhoso, teve até mapa ficou lindo, nossa que orgulho da gente e o quanto estamos cada vez mais afiadas nas pesquisas para juntas produzirmos materiais tão ricos nos representando, naquilo que acreditamos.” (Lia) 4. “Muito maravilhoso e inspirador o poema da professora Tulipa: “Eu, o tempo e o conhecimento. Palavras que fizeram parte do nosso período em quarentena e um momento sensível para a humanidade, com muitas coisas nos fazendo refletir tudo que ocorreram nesses meses com a gente , e com o mundo.” (Lia)
Ser professor (presencial e remotamente)	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Fiquei bem feliz pela volta no dia 13 revendo colegas de trabalho e também satisfeita nesse primeiro momento em poder saber qual seria o nosso próximo passo se tratando do professor com o retorno para tentar atender as crianças em uma nova plataforma que não seja a sala de aula.” (Lia) 2. “Só quem está vivendo o presente, irá perceber rápido essas mudanças, os demais, no seu próprio tempo se darão conta dessa mudança. Lembrando-me daquelas frase clichês “ viver o dia como se fosse o ultimo”, parece que estamos fazendo jus a eles .Só que com um outro olhar e sentimento ,as pessoas precisam viver para crer e alguns precisam passar ainda mais perto para perceber essa mudança.” (Lia) 3. “Fico feliz de estar em um processo com esse olhar, desde o ano passado, tenho pesquisado, e informado e acompanhado que tudo que a criança precisa não é de um papel e caneta, mas daquilo que estará ao seu redor.” (Lia) 4. “Dei-me conta não sei vocês, estou sentindo muito mais frio, até a temperatura parece que mudou para mim, os outros invernos não pareciam ser como está sendo esse. Percebi que nem para isso parávamos para sentir ou refletir, e realmente não parávamos para sentir, estávamos a todo tempo em movimento no CEI, sinto que esse frio será bem intenso.” (Lia) 5. “AHHH hoje foi um dia bem especial para mim não sei por que, hoje consegui tomar um sol, estou mais conectada espiritualmente, estou aprendendo a viver de forma mais leve e ao mesmo tempo me esforçando para novas conquistas. Estou feliz de ser professora, me sinto feliz em dizer que sou e fico mais feliz ainda quando me chamam de professora. Que saudade de ouvir os pequenos me chamarem pelo nome.” (Lia) 6. “Acredito que ser professor é causar no outro uma admiração, despertando o encantamento dentro da sala e todos serem tocados.” (Lia) 7. “Hoje, o último diário de bordo, que da minha parte, não poderia deixar de ser um diário reflexivo sobre o meu ano, sobre um lugar no qual tenho muito carinho,sobre o que faço ,sobre quem sou e sobre quem esteve comigo durante esse ano.” (Lia) 8. “Um ano diferente, que antes de ser diferente começou até que normal, mas tudo valeu a pena tanto para mais uma vez crescimento profissional, por conhecer as pessoas com outro olhar e viver um novo profissionalmente e pessoal também.” (Lia)

	<ol style="list-style-type: none"> 9. “Não tem como não falar do meu pessoal, pois estou em casa, não exatamente em casa.” (Lia) 10. “Acredito ter passado por quase tudo esse ano nessa vida, tanto na profissional como no amadurecimento, como pessoal. Hoje eu posso afirmar e ter opinião própria sobre algumas situações que todos vivemos e que vivi.” (Lia) 11. “Agradeço a todos por fazerem parte desse meu amadurecimento, todos contribuíram para isso.” (Lia) 12. “Se eu contasse para todos talvez nem acreditassem, é por isso que escolhi viver nessa profissão, que mesmo em casa um dia foi diferente do outro e graças a essa minha profissão que muitas vezes me ajudou .” (Lia) 13. “Descobri em mim algo que muitos falavam ,mas que eu não percebia,foi tão maravilhoso descobrir coisas sobre mim, sobre quem eu escolhi ser e continuar aprendendo ainda mais.” (Lia) 14. “Estou no lugar certo hoje, para estar no lugar certo amanhã e ser melhor do que fui ontem, tentando acertar no amanhã. É assim que me sinto hoje.” (Lia) 15. “Esse ano me deixou assim, como deixou muita gente também, todos buscamos algo que jamais pensaríamos em buscar, acreditar, fazer, pensar, sobre nós mesmos, sobre o outro.” (Lia) 16. “É sempre sobre a gente e o outro, principalmente porque somos exemplo sempre.” (Lia)
Perdas	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Finalizo meu dia com um sentimento de saudade, nunca imaginei que sentiria saudade, saudade de dar uma volta até a praça logo ali, saudade de acordar e ir para o CEI de estar com os pequenos, me lembrei do Leo, fiquei compartilhando com a minha mãe sobre o que será que esse menino está fazendo....(risos).” (Lia) 2. “Fica aqui uma esperança de voltar encontrar olhares diferentes com uma mudança de que todos valorizem ao colocar os pés na porta, dirigir o olhar para seu arredor de forma que o sentimento acolhedor, calor, gentileza, de forma que o espaço mostre e acolhe a vida.” (Lia) 3. “Fiquei pensando sempre tivemos sol, as pessoas estavam tão ocupadas com seus afazeres da vida que mencionar sobre o sol nunca tinha, vitamina D tem me alimentado muito no dia de hoje e contagiando a sensibilidade de outros também.” (Lia)

Livro “Vento brincahão”

Para
acessar: https://drive.google.com/file/d/1Fvalu8KV-vOxsm8BS2x22yS7619G777_/view?usp=sharing

ou



Livro “Um pedacinho do bosque”

Para acessar:

<https://drive.google.com/file/d/1fBtwbYMf2c-ZY-QPNetdm-S-fOb92K6S/view?usp=sharing>

ou



ANEXO D - Roteiro Inventário invencionário

Tema	Comanda	Trecho ou pergunta disparadora	Segunda comanda	O que se espera
Acolhimento	Receber as professoras presencial e remotamente. Agradecer pela presença delas, evidenciando a importância.	<p>Compartilhar objetivos da pesquisa</p> <p>Objetivo Geral: Compreender como professoras de EI significaram os momentos formativos durante o isolamento social causado pela COVID-19 para ressignificar as formações que ocorrem instituídas pela IN 41/20 e alteradas pela IN 8/22 em CEIs parceiros da cidade de São Paulo.</p> <p>Objetivos específicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificar os sentimentos causados pelo afastamento das professoras da escola - Investigar de que maneira os profissionais relatam/identificam o impacto dos momentos formativos em pandemia no seu trabalho hoje; -Traçar colaborativamente apontamentos para momentos formativos que respeitem os sentimentos e sensações das professoras após isolamento social 	-	Que as professoras se sintam acolhidas e compreendam a importância do seu trabalho para a construção da ciência. Que percebam o impacto de seu fazer cotidiano
Sensibilização estética	Apresentar o versinho de bem-querer encomendado pela coordenadora para a equipe em 2020	Versinho de bem-querer feito para a equipe em 2020	-	Que as participantes se sensibilizem ao lembrar do que viveram em 2020 e que o versinho dispare outras memórias do período.
O que significou 2020 para o desenvolvimento profissional de cada uma	Antes da gente entrar em detalhes da metodologia que vai ser empregada, gostaria que vocês retomassem agora, conversassem um pouco sobre o que lembram daquilo que viveram em 2020, durante o trabalho em isolamento social.	Quais lembranças vocês conseguem retomar dos processos formativos que vivenciamos em 2020?	Agora gostaria que vocês tentassem produzir algo com os materiais que tem na caixa sobre como esse momento na vida de vocês fez vocês se sentirem.	Que os participantes falem sobre as experiências vividas nos encontros formativos, seja sobre aprendizagens, sentimentos ou dificuldades enfrentadas.

Reflexão sobre a prática	<p>Agora, faremos o seguinte: temos algumas subcategorias que elenquei relendo os diários de bordo de vocês de 2020. Separei alguns trechos de cada subcategoria, vou ler para vocês e a ideia é que discutamos o que cada um se lembra dessas experiências.</p> <p>Curiosidade: vocês sabiam que os diários de bordo de vocês, de 2020, totalizam 1246 páginas?</p>	<p>“Durante a reunião conseguimos em grupo realizar algumas reflexões e discussões sobre os conceitos físicos e matemáticos, cheguei a relatar que durante as pesquisas que fiz, senti um pouco de dificuldade, pois me sentia “bloqueada” para esses conceitos de física, contei também que os professores são muito importantes em nossas vidas e tanto um professor bom, como um professor ruim nos marcam. No caso da física não tive sorte com os professores, muitas vezes me sentindo incapaz. Fiquei refletindo em como é importante meu papel enquanto educadora, para que meus bebês e crianças não se sintam dessa forma em nenhum momento, pois sei que essa sensação não é boa e será lembrado por eles para sempre. Noto que através dessas pesquisas o papel do professor durante todo esse processo é muito importante, resalto a importância também do olhar sensível, pois muitas vezes estamos acostumados e “enxergar” tudo aquilo que está sobre a nossa visão. Porém, o processo de aprendizagem que nossos bebês e crianças passam vai muito além do olhar, é preciso também sentir. Assim o professor deve buscar se preparar sempre, realizando pesquisas e planejamentos para que seja oferecido o nosso melhor, em prol das aprendizagens dos nossos bebês e crianças.” (Iza)</p>	Enquanto a gente conversa, o desafio é o mesmo: criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que significa a reflexão sobre a prática na vida de vocês.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre o papel da reflexão sobre a prática em seu fazer profissional e o quanto 2020 influenciou nesse sentido.
Os encontros formativos	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	<p>“Essas reuniões tem sido muito produtivas e nos deixam mais relaxadas e até mesmo aliviadas, pois a sensação que tenho é que fico mais leve quando termina a reunião. Percebemos que o acolhimento não é exclusivo às crianças e suas famílias, mas também a nós professoras e isso é muito significativo. Ter com quem dividir nossas angústias, medos, dúvidas e anseios é muito bom. Além disso, o feedback que recebemos sobre o nosso trabalho só nos enriquece cada vez mais e nos tornam profissionais melhores.” (Tulipa)</p>	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que significou os encontros formativos de 2020 para vocês.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre como significaram os encontros formativos vividos em 2020.
Incertezas do período	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	<p>“Ansiedade, medo, angústia do amanhã e as incertezas são alguns dos inúmeros sentimentos que estamos sentindo durante esta pandemia. Tudo mudou, nossas rotinas mudaram e juntamente com todas essas mudanças a insegurança também chegou. Insegurança de saber como estaremos daqui em</p>	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que significaram as incertezas que viveram em 2020.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre as incertezas que viveram

		diante, insegurança em saber quando voltaremos com nossas vidas normais.” (Iza)		em 2020.
Sobre ser professor (presencial e remotamente)	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	“Dei-me conta não sei vocês, estou sentindo muito mais frio, até a temperatura parece que mudou para mim, os outros invernos não pareciam ser como está sendo esse. Percebi que nem para isso parávamos para sentir ou refletir, e realmente não parávamos para sentir, estávamos a todo tempo em movimento no CEI, sinto que esse frio será bem intenso.” (Lia)	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que significa ser professor.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre ser professor de bebês e crianças..
Os estudos	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	“Lunetas faz a seguinte indagação: Qual sentido da educação? E baseada neste questionamento podemos pensar se a educação é valorizada? Se é vista de forma séria como algo que tem o poder de mudar a sociedade. O papel da educação é preparar o sujeito para que ele possa viver de forma harmônica em sociedade, que saiba respeitar as múltiplas diferenças, que consiga se expressar de forma livre mas que não prejudique o outro. Que possa ter orgulho da sua etnia e da sua cultura. O papel da educação é mostrar a verdade, a verdade do país que fazemos parte na esperança de sempre buscar o melhor. As crianças de hoje são os adultos do futuro, precisamos investir na educação, pois ela modifica o homem e o prepara para viver de forma democrática. A educação ensina, ensina a viver, ensina a amar, ensina a ser mais empático com o outro e através dela é possível conquistarmos um mundo melhor.” (Iza)	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que significaram os estudos que tiveram a oportunidade de fazer em 2020.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre os estudos realizados em 2020.
O tempo	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	Poema de Tulipa: “Eu, o tempo e o conhecimento”	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese de como vocês encaram o tempo hoje.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre o tempo.
Perdas	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	“Estamos em um momento que estamos vivendo e que ainda viveremos com as perdas, e teremos que aprender a lidar com isso, mas será um processo que ainda nem começamos a trilhar e também nem nos demos conta que as nossas crianças já começaram a lidar com isso primeiro que nós adultos.	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que significou as perdas que você viveu em 2020 e como trabalhou para superá-las, ressignificá-las.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre as perdas que viveram em 2020.

		<p>Aí entra a M. C. por sua família: “Lia, a M. C. está com muita saudade! Ela tá dizendo que ama os amiguinhos e professora, e quer voltar pra escola. E quer dar moedas... (risos da família) Bjus pra todos”!!!</p> <p>M. C. passando pelo processo no qual ela sabe que algo está acontecendo, ela quer ajudar, mas não sabe como, tenta com suas moedas porque para ela dando essas moedas talvez ela não perca o que ela tanto ama, que é seus amigos, e ela se expressa por isso, tenta fazer algo, porque ela ama a professora e sua creche, seu espaço, seu mundo.</p> <p>E o que nós adultos fazemos? Nós adultos não fazemos nada, o nosso corpo responde pelo que esta está incomodando, ansiedade, perda do sono, medo do esperado...</p> <p>Lembrei-me da reunião e até mandei a mensagem para as minhas colegas que estão passando exatamente por isso, esperando que elas tentem enxergar o que vai além daquelas simples palavras de M. C.</p> <p>Ali ela tinha voz, dava afeto, se expressava, recebia M. C. e sua inocência diante um enorme problema e desde muito pequena está muito na frente dos adultos que estão começando agora, a saber o que é perder, M. C. não aprendeu tudo, mas ela está muito à frente de muitos adultos que não perceberam que estamos perdendo. Hoje me lembrei do abraço da G. e ao mesmo tempo percebo que hoje eu perdi o abraço da G..</p> <p>Finalizo essa minha reflexão do dia, dizendo que estamos fazendo parte de uma grande mudança no mundo, as pessoas não serão mais as mesmas ,segundo as palavras ditas pela nossa coordenadora pela manhã na reunião, confesso que diante daquela reunião por vídeo vendo minhas parceiras que estiveram durante um dia inteiro fazendo o que sentíamos com muito amor, eu não queria nem desligar, fico imaginando M. C. com suas moedas tentando dar sua forma e processo de compreensão do mundo tentando, resgatar ter de volta o abraço, o brincar junto, o estar junto daquilo que tanto ama e que tanto lhe faz falta, e que tanto lhe faz um bem e que parece que estamos perdendo.</p> <p>Parece que estamos tendo que aprender a amar, só que de um jeito diferente, como não abraçar, mas não</p>		
--	--	--	--	--

		abraçar por amor, não abraçar porque estamos cuidando por amor, não estar junto por amor. Entende que estamos vivendo um novo jeito de amar e para esse processo vamos ter que perder, e é a perda de algo para valorizarmos muito mais o outro no cuidar.” (Lia)		
Arte e criatividade	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	“Participar do curso modificou muito do meu olhar sobre a arte, me fazendo compreender que é preciso pensar a arte como algo desafiador, um fazer criativo. Me levando a perceber que a uma imensidão de materiais que podem ser utilizados a favor da arte. Sendo importante a experimentação, aproveitando sempre a experiência vivenciada dentro do processo de criação.” (Tulipa)	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que significa a arte para você hoje.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre o papel da arte em suas vidas, pessoais e profissionais.
Síntese	Debater reflexivamente sobre o trecho do diário de bordo	“André Gravatá faz um questionamento muito importante: “Quando passar a pandemia o que não podemos esquecer? Achei fundamental e inquietante esse questionamento.” (Tulipa)	Criar, com múltiplas linguagens, uma síntese do que você viveu em 2020 e não pode esquecer.	Que os participantes produzam narrativas orais e artísticas sobre tudo o que viveram profissionalmente em 2020.